


Biblioteca Itinerante
Construindo sonhos e formando cidadãos
PROJETO DE MESTRADO

View metadata, citation and similar papers at core.ac.uk

brought to you by  **CORE**

provided by Repositório Digital da Universida

Maria Aparecida de Melo Silva
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO
Ana Maria França Freitas Kot Kotecki
Roberto Sidnei Macedo



UNIVERSIDADE DA MADEIRA

Faculdade de Ciências Sociais

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

MARIA APARECIDA DE MELO SILVA

Biblioteca Itinerante: Construindo sonhos e formando cidadãos

FUNCHAL – 2019

MARIA APARECIDA DE MELO SILVA

Biblioteca Itinerante: Construindo sonhos e formando cidadãos

Dissertação apresentada ao Conselho Científico do Centro de Competência de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores:

- Doutora Ana Maria França Freitas Kot - Kotecki
- Doutor Roberto Sidnei Macedo

FUNCHAL – 2019

Dedicatória Biblioteca Itinerante: Construindo sonhos e formando
cidadãos

MARIA APARECIDA DE MELO SILVA

Mestrado em Ciências da Educação-Inovação Pedagógica

Orientadores:

- Doutora Ana Maria França Freitas Kot - Kotecki
- Doutor Roberto Sidnei Macedo

Dedicatória

Ao Deus maravilhoso por mais esta vitória, dando-me força e sabedoria nas horas difíceis

A minha família, e em especial ao meu esposo, filhas, genro e neta, pelo apoio e tempo dispensado nos momentos que precisei.

A todos os colegas da turma, pelos momentos de companheirismo e ajuda formativa.

Agradecimentos

A minha gratidão:

Ao Deus criador do universo que me presenteou com o milagre da vida, e por ter me dado forças quando me senti fraca.

A todos os colegas e amigos que gentilmente contribuíram com essa pesquisa.

Aos meus orientadores que deram o melhor de si para que esse trabalho pudesse acontecer.

A Universidade da Madeira - Portugal, a qual possibilitou que esse sonho se realizasse.

A minha família que estiveram presente nesta caminhada, contribuindo para a construção deste trabalho.

A todos muito obrigada!

A nossa mais elevada tarefa é formar seres humanos livres que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósitos e direção para suas vidas.

(Rudolph Steiner)

SUMÁRIO

1- Introdução.....	10
2- Biblioteca Itinerante: Cumprindo seu papel social.....	14
2.1 Contextualizando: Biblioteca Itinerante.....	15
2.2 Biblioteca Itinerante: a leitura a caminho da escola	17
2.3 A contextualização da leitura na contemporaneidade.....	19
2.4 A leitura e o contexto escolar: prática pedagógica inovadora.....	23
2.5 Biblioteca itinerante e seu papel social.....	25
2.6 Biblioteca itinerante: Leitura e formação de leitores.....	27
2.7 A leitura e a formação da cidadania.....	28
2.8 Leitura e inovação pedagógica: ferramenta de inclusão social.....	34
2.9 Biblioteca itinerante: qualidade e eficácia	34
3- Inovação pedagógica e práticas pedagógicas inovadoras.....	36
3.1 A busca de uma educação de qualidade.....	37
3.2 Educação e construção social.....	38
3.3 Educação e o novo contexto educacional.....	40
3.4 Construcionismo e construtivismo.....	42
3.5 Construcionismo e Inovação Pedagógica.....	47
3.6 Inovação Pedagógica e cidadania.....	52
3.7 Inovação Pedagógica e as tecnologias.....	54
4- Leitura no contexto da aprendizagem: Mundo encantado da literatura....	59
4.1 Leitura e transformação social.....	61
4.2 Formação de leitores numa sociedade contextualizada.....	64
4.3 A prática da leitura: Inovando e formando leitores.....	66
4.4 A leitura vai além do entretenimento no contexto social.....	70
5- Trajetória metodológica – campo da pesquisa.....	75
5.1 Compreendendo a pesquisa de campo com base etnográfica.....	77
5.2 A realidade escolar, o cenário perfeito.....	79
5.3 A biblioteca itinerante e o campo da pesquisa.....	82
5.3.1 Biblioteca itinerante – carro adaptado.....	85
5.3.2 O mundo encantado da leitura.....	85
5.3.3 A construção do conhecimento.....	86

5.3.4 A contação de histórias e a música.....	86
5.3.5 A leitura em ação.....	87
5.4 A prática da leitura no contexto educacional.....	87
6- Biblioteca itinerante: Leitura, interação numa perspectiva inovadora.....	90
6.1 A contextualização: prática pedagógica transformadora.....	91
6.2 Biblioteca: recurso indispensável na prática pedagógica.....	95
6.3 Habilidade: construção e reconstrução de saberes.....	98
7- A Biblioteca Itinerante: relatos de experiências.....	101
7.1 Vejamos o que foi retratado pelos estudantes.....	101
7.2 Relato dos educadores.....	101
7.3 Relato dos pais.....	102
7.4 Construção Coletiva: educador e educando.....	103
7.5 Adaptação da música coqueiro da Bahia (Vavá Machado e Marculino) Professor Liberalino e a turma do 3º ano do Ens. Fund.	104
8. Considerações finais.....	105
9. Referências Bibliográficas.....	109

RESUMO

A leitura é uma prática social de extrema relevância para a formação do sujeito e para sua efetiva ascensão no contexto social. A itinerância de bibliotecas tem sido uma das soluções encontradas para minimizar a falta de bibliotecas fixas nas escolas, como também para incentivar e levar conhecimento às comunidades, garantindo as informações que lhes permitam exercer os seus direitos democráticos. Essa pesquisa de caráter qualitativo discute o papel da Biblioteca Itinerante (doravante BI) nas escolas, reativando a discussão sobre a importância da leitura para a formação dos cidadãos, e quais contribuições a BI trouxe para o desenvolvimento de competências e habilidades dentro de um contexto de práticas educacionais inovadoras. Para cumprir esse propósito realizou-se uma pesquisa na Escola Ministro Marco Maciel, localizada no Povoado Brejo Velho em Paranatama-PE. A coleta dos dados se deu através de entrevistas e observações. Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizou-se também como base os principais teóricos: *Freire, Jean Piaget, Lapassade, Fino, Macedo, Papert, Toffler, etc.* O estudo mostrou que a Biblioteca Itinerante (BI) contempla o projeto pedagógico escolar, o que contribui para o pleno aproveitamento educacional. É fato que a ausência de biblioteca na escola dificulta a aprendizagem. Sobre a relevância deste trabalho para a área de pesquisa em leitura e prática pedagógica inovadora, podemos destacar a contribuição da pesquisa em *lócus* como processo de construção de conhecimento e quebra de paradigma. Logo, a Biblioteca Itinerante mostra-se imprescindível no processo de desenvolvimento de “*competência e habilidade*” para os educandos, sobretudo como empoderamento de ações. *Organizar, reorganizar, interpretar e analisar*, essas competências estão contemplados no projeto BI. A pesquisa indica ainda que a presença da BI na escola tornasse-se essencial para fortalecer a prática pedagógica, efetivando a aprendizagem de forma construtiva. Como afirmava Freire (1996, p.75) “*a trajetória pela qual nós fazemos conscientes, está marcada pela finitude o que nos caracteriza como seres históricos*”. Assim, a BI caracteriza-se como instrumento eficaz na construção de uma educação inovadora.

Palavras chave: Biblioteca Itinerante, Prática Pedagógica; Inovação

Summary

Reading is a social practice of extreme importance to the development of individuals and to their effective ascension in the social context. The library itineraries have been one of the solutions found to ease the lack of libraries in the schools, and also they encourage us to take knowledge to the community, assuring them information that will allow them to exercise their democratic rights. This research of qualitative character talks about the role that IL (itinerary libraries) carry out in the schools, reactivating the discussion about the importance of reading to the development of citizens, and what contributions the IL brought to the development of competencies and abilities inside a context of innovating educational practices. To accomplish this goal, the school Ministro Marco Maciel, located in the Brejo Velho village, in Paranatama - PE was searched. The gathering of information was done through interviews and observations. To the development of the research, we also used as a basis the most known theoreticals, like: Freire, Jean Piaget, Lapassade, Fino, Macedo, Papert, Toffler, etc. This study showed that the itinerary library was contemplated in the schooling pedagogic project, which contributed to the best educational exploitation. It is a fact that the lack of libraries in the schools makes learning harder. About the relevance of this work to the area of research in reading and the innovating pedagogical practice, we can outline the contribution of the research in locus as a knowledge building process and the breaking of a paradigm. Therefore, the itinerary library proves to be of high importance in the process of developing the competencies and abilities in the students, above all, they are as an empowerment of actions. Organizing, reorganizing, interpreting and analyzing, these competencies are found embedded in the IL project. This research also indicates that the existence of IL in a school is essential for education to be succeeded and to the self-learning in the contemporaneity. As Freire used to state (1996, p75): the trajectory by which we make ourselves conscious is marked by the finitude that characterizes us as historical beings.

Key words: itinerary library, pedagogical practice; innovation.

RESUMEN

La lectura es una práctica social de gran relevancia hacia la formación del sujeto y hacia su efectiva ascensión en el contexto social. La itinerancia de bibliotecas ha sido una de las soluciones encontradas hacia minimizar la falta de las bibliotecas fijas en las escuelas, cómo también incentivar y tener conocimiento a comunidades, asegurar la información que les permita ejercer los derechos democráticos.

Esa investigación de carácter cualitativo discute el papel de la BI (Biblioteca Itinerante) en las escuelas, reactivando la discusión sobre la importancia de la lectura hacia la formación de los ciudadanos, y que contribuya a la BI trajo hacia el desarrollo de competencias y habilidades dentro de un contexto de prácticas educativas innovadoras. Hacia cumplir ese propósito fue investigada la Escuela Ministro Marco Maciel localizada en el Pueblo Brejo Velho en la ciudad de Paratama/PE. La recolección de los datos se dio mediante entrevistas y observaciones. Hacia el desarrollo de esta investigación se utilizó también como base los principales teóricos: Freire, Jean Piaget, Lapassade, Fino, Macedo, Papert, Toffler, etc.

El ensayo muestra que la Biblioteca Itinerante estaba contemplada en el proyecto pedagógico escolar, cómo contribuyó hacia el pleno aprovechamiento de educación. Es hecho que la ausencia de biblioteca en la escuela dificulta el aprendizaje. Sobre la relevancia de este trabajo hacia la área de investigación en lectura y práctica pedagógica innovadora, podemos destacar la contribución de la investigación en el locus cómo proceso de construcción de conocimiento y quiebra de paradigma. Luego, la biblioteca itinerante se muestra imprescindible en el proceso de desarrollo de competencia y habilidad hacia los alumnos, sobre todo cómo empoderamiento de acciones.

Organizar, remodelar, interpretar y analizar, esas competencias están presentes en el proyecto BI. La investigación indica aunque la presencia de la BI en la escuela es esencial hacia el éxito de la educación y de la autoaprendizaje en la contemporaneidad. Cómo afirmaba Freire (1996, p. 75) la trayectoria por que en los hacemos conscientes está marcada por la finitud cómo los caracteriza cómo seres históricos.

Palabras clave: biblioteca itinerante; práctica pedagógica; innovación.

1. Introdução

A presente dissertação relata a experiência do projeto Biblioteca Itinerante (doravante BI) na cidade de Paranatama-PE, surgiu no ano de 2015, por iniciativa da secretária de Educação do município com o objetivo de solucionar o problema da ausência de leitura nas escolas da rede municipal rural, para esta finalidade fez-se a aquisição da biblioteca itinerante, carro adaptado dotado de acervo em formato impresso capaz de oferecer serviços contribuintes para a formação de leitores.

As atividades previstas no projeto atendem a Escola Ministro Marco Maciel, localizada na zona rural (distrito), onde parte da população local não tinha acesso à biblioteca. Portanto, a iniciativa deu oportunidade a diversos segmentos da comunidade escolar, sendo aplicada para públicos diversificados. (Estudantes, pais, mães, avós).

A ausência de biblioteca nas escolas é um problema que o município de Paranatama – PE enfrenta e em especial nas escolas rurais, dando origem à discussão sobre alternativa que pudesse levar leitura e lazer para as comunidades desassistidas.

Consolidando a importância da BI na Escola Ministro Marco Maciel, a pesquisa foi aprofundada com o estudo bibliográfico, na perspectiva de entender o alargamento da população servida pela biblioteca. O papel estratégico atribuído à educação no panorama globalizado expressa a reformulação educacional, alternativas que pode alcançar a melhoria da educação.

A responsabilidade com a formação educacional do indivíduo carece de investimento e ação concreta do cidadão, a temática Biblioteca Itinerante tem promovido um debate pertinente, fazendo surgir estratégia que possibilite o encontro do sujeito com a leitura.

O conhecimento é fator central para a nova sociedade, sua construção e produção aplicada à produtividade em uma proposta inovadora, construindo conhecimentos diante dos desafios propostos diariamente.

A aquisição de conhecimento tem sido concebida com a apropriação individual, atitudes que o próprio sujeito tem buscado de acordo com a sua necessidade.

Compartilhando ideias e motivando a busca de autonomia, condição essencial para obter uma educação significativa.

Silva (2001, p50) afirma que “Ler é um direito de todos os cidadãos, direito que decorre das próprias formas pelas quais os homens se comunicam nas sociedades letradas”. Viver numa sociedade letrada significa dizer que ler é essencial para própria sobrevivência. A cultura escrita se impõe na sociedade como capacidade fundamental para o convívio social.

No nosso país a situação da leitura é ainda bastante complicada, se por um lado a leitura é posta como elemento fundamental para obter conhecimento, por outro é grande o número de analfabetos em virtude da falta de bibliotecas nas escolas. Nesse contexto a BI tem sido essencial para atender as escolas sem bibliotecas fixas.

O projeto, na sua complexidade, busca resolver a ausência de bibliotecas nas escolas. Considerando que este serviço exige uma dinâmica de toda equipe educacional, capacitação de profissionais, pesquisa de acervo, tornando-os capazes de acompanhar o projeto de forma sólida, atendendo assim, a comunidade escolar.

Ao mesmo tempo em que a biblioteca itinerante supre a ausência da biblioteca convencional na instituição, serve de fonte de conhecimento e pesquisa para a comunidade, consolidando o papel da leitura e do aprendizado na sociedade.

Para Aquino (2000, p. 40) “leitura é uma prática social que não se resume à educação sistematizada e institucionalizada, mas centra-se na relação sujeito e conhecimento”. Certamente ler significa questionar e interpretar significados.

A responsabilidade com a aprendizagem é uma das preocupações do trabalho da BI nos últimos anos, a mesma tem contribuído para a inclusão social e cultural da sociedade, tornando-se a mola propulsora de inúmeras iniciativas implantadas.

Afirmando que levar a informação para fora do espaço físico da biblioteca partiu da necessidade de ampliar e melhorar a qualidade da educação nas escolas rurais, preenchendo as lacunas existentes, proporcionando melhoria na aprendizagem por meio da leitura.

É preciso promover a mediação da leitura a partir da biblioteca seja ela: pública, comunitária ou itinerante, atribuindo a ela valor como espaço de formação, que configura-se como um grande desafio e uma grande necessidade, porque a leitura

depende de condições objetivas para fluir. Segundo Chartier (1994: p.13) “A leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos”.

Cabe ressaltar que o serviço implantado no projeto biblioteca itinerante é inovador, não por ser pioneiro, mas por desenvolver atividades que têm agregado outras áreas e disciplinas, principalmente instigar a criatividade e o desenvolvimento dos estudantes, tanto na dimensão social como na cultural.

Assim, a BI não se trata apenas da oferta de livros, com o intuito de formar leitores, mas também de propiciar ambientes, possibilidades e interações sociais favoráveis ao ato de ler. É na relação entre leitor e ambiente que se lê que se estabelecem vínculos afetivos e psicológicos que favorece e promove interesse pelo mundo da leitura. Motivar a ler sempre, construir hábito de leitura é criar vínculo com o saber.

A BI atende um público-alvo constituído por indivíduos com perfil variável (sexo, faixa etária, classe social, etnia, atividade profissional, formação acadêmica, etc.). Favorecendo a construção do conhecimento no contexto de relação interdisciplinar, dinâmica e contextual gerando interpretações e resultados positivos para a sociedade.

Portanto, a BI vem caracterizando-se como instrumento primordial na produção e construção de saberes. Também é um espaço de diálogo que se dá a partir das práticas da leitura, escrita e interpretação num movimento de justaposição e interação. Para Moreira (2008) “O sentido e o conhecimento só vão se construir a partir de uma perspectiva relacional numa multiplicidade dialógica”. A relação entre leitura leitores e BI se fortalece no contexto de aprendizagem, isso porque a formação do indivíduo acontece na interação sujeito e meio.

Para Leite (2011)

A constituição do leitor é um processo socialmente construído, determinado basicamente pela história de mediações sociais vivenciadas pelo sujeito, incluindo desde o ambiente familiar passando pelas diversas situações sociais, até, obviamente, a escola”.(LEITE,2011.p.42).

Para Vygotsky (1989) “[...] o desenvolvimento humano está baseado na ideia de que o pensamento é constituído num ambiente histórico e cultural”, ou seja, o sujeito que aprende, transforma-se.

O ser humano está em constante transformação, isso permite a interação social, ou seja, novos significados para a vida em sociedade.

Nesse contexto, Borges (1982 apud BORBA, 1999, p.33) anuncia que:

Preciso que haja uma reformulação na educação para que seja feita uma redefinição do conceito de biblioteca, de forma que ela seja vista como instrumento dinâmico dentro do processo de transferência de conhecimento. Borges (1982 apud BORBA, 1999, p.33).

A biblioteca sem dúvida é um instrumento indispensável na função ativa de educar e proporcionar entretenimento, desenvolvendo um papel importantíssimo que é o difundir a leitura. Assim:

O objetivo da biblioteca escolar é: [...] facilitar o ensino, fornecendo material bibliográfico adequado, tanto para o uso dos professores como para o uso dos alunos, bem como desenvolver nestes o gosto pela leitura, habituando-os a utilizar os livros, com o intuito de desenvolver lhes a capacidade de pesquisa, enriquecendo sua experiência pessoal tornando-os, assim, mais aptos a progredir na profissão para as quais estão preparados. (BORBA 1999, p.34).

Contudo, no mundo contemporâneo, a biblioteca itinerante vem cumprindo seu papel de levar a leitura e o lazer para diversos espaços socioculturais, contribuindo para o crescimento intelectual do cidadão.

Para a UNESCO (1994) a biblioteca tem a finalidade de:

1. Criar e fortalecer hábitos e leitura;
2. Apoiar a autoformação do indivíduo;
3. Oferecer possibilidade de desenvolvimento individual;
4. Estimular a reflexão e a criatividade;
5. Facilitar o acesso às diferentes informações e expressões culturais. (UNESCO, 1994, p.52).

Portanto, a BI permite que o indivíduo tenha acesso à informação, num contexto em que, a escassez desses espaços é muito grande. Em muitas escolas, a única fonte de informação são os cantinhos de leitura improvisados, que geralmente estão desatualizados. Nesse sentido a BI tem aproximado os estudantes da leitura, como também tem dado ênfase em outras áreas do conhecimento tais como, teatro e música possibilitando que mais pessoas possam usufruir dos seus serviços.

Relatos de experiências da comunidade escolar refletem a satisfação com o trabalho realizado na visita da BI, destaque para a interação entre família e escola numa construção de significados e aproximação com a leitura e a interpretação. Para realização deste trabalho optou-se pela metodologia qualitativa, sendo distribuído o resultado da pesquisa em sete capítulos, a saber: Biblioteca Itinerante: cumprindo seu papel social; Inovação pedagógica e práticas educacionais inovadoras; Leitura no

contexto da aprendizagem: mundo encantado da literatura; Trajetória metodologia: campo da pesquisa; Biblioteca Itinerante: leitura, interação numa perspectiva inovadora; Biblioteca Itinerante: relatos de experiências.

2. BIBLIOTECA ITINERANTE: CUMPRINDO SEU PAPEL SOCIAL

A palavra itinerante tem a sua raiz no *latim* *itinerans*, que, de acordo com o Moderno Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa (2018) significa “*Que ou aquele que se desloca que viaja de um lugar a outro*”. Assim, a itinerância da BI também conhecida como biblioteca móvel é percorrer um roteiro, um caminho, um lugar. O carro-biblioteca circula nas escolas da zona rural do município de Paranatama-PE, levando um grande acervo de livros para leitura e pesquisa, como também atividades culturais e lúdicas. As atividades ofertadas pela BI envolvem programas de leitura, práticas lúdico-pedagógicas, teatro, produção de texto, pesquisas e oficina de música.

A infraestrutura da BI consiste em um carro adaptado que abriga um espaço para escolha de livro e leitura, além de um pequeno espaço para apresentação cultural. O carro-biblioteca circula durante os cinco dias úteis e seu itinerário é previamente definido e divulgado nos meios de comunicação local (jornal, blogs e programas de rádio).

Aos finais de semana a BI atende a projetos educacionais e culturais do município. Os serviços incluem a consulta local dos livros e o empréstimo das obras, o que aumenta o atendimento do projeto e o torna extensivo a inúmeras famílias.

Lembrando que o público-alvo é caracterizado por pessoas de perfil variável como já foi mencionado anteriormente.

A implantação do projeto BI foi pensada com o objetivo de inserir a leitura como fonte de conhecimento, dar enfoque à importância da biblioteca dentro da escola e, investigar a contribuição da BI para a aprendizagem.

Oferecendo serviço às populações rurais ou urbanas, a BI atende a toda população que por motivos diversos não pode recorrer aos serviços fixos da biblioteca pública. Dentre os serviços oferecidos à sociedade pela biblioteca, estão os de extensão bibliotecária e cultural, onde a BI tem o seu encaixe perfeito.

Precedida da imaginação, a leitura é uma descoberta do mundo. Contemplando experiências, cumpre sua função de atender aos anseios de comunidades que busca na leitura ascensão social.

A Biblioteca Itinerante (BI) incentiva, além da pesquisa local, a leitura regular através da visita programada. Dentre as atividades destacam-se teatro, músicas, exposição de livros, palestras, reuniões e, sobretudo, leitura e a produção de textos, envolvendo toda a comunidade, que, incentivada passa a frequentar a escola com regularidade. Portanto, a BI traz consigo o acesso à democratização da informação atingindo públicos diversos.

Essa possibilidade de suprir as necessidades informacionais da população nessas comunidades contribuindo para a formação de leitores, despertando um interesse ainda maior pela leitura, visto que a literatura bate à porta. Em acordo com essa perspectiva, Dumont (1990), diz que:

Essa população [carente] praticamente desconhece qualquer tipo de biblioteca, como também é raramente cultivado entre ela, o costume ou tradição de ler, seja como forma como de lazer, ou seja, como forma de obter informações. Assim, o carro-biblioteca é então, uma das formas mais versáteis da biblioteca atingir populações mais distantes. A biblioteca itinerante não pode ser vista como mais um projeto de leitura, nem como um espaço inerte ou mera peça de um equipamento institucional, mas uma organização viva cujo serviço eficiente é vital para a sociedade. Concebe-se a biblioteca como o espaço de democratização do conhecimento, como difusor da cultura e do crescimento social, e, portanto, um instrumento para a consolidação da cidadania. Dumont (1990, p. 25)

A novidade trazida pela BI, despertou a curiosidade, atingindo diversas modalidades de ensino e faixas etárias, que procuram esse novo espaço, como coadjuvante na construção da aprendizagem. Ressalta-se, porém, que o interesse despertado pela chegada da BI, tem contribuído para que os usuários, além da pesquisa escolar, se apropriem do livro como forma de lazer.

2.1. Contextualizando: Biblioteca Itinerante

Entende-se por Biblioteca itinerante, “um serviço de extensão da biblioteca pública fixa”, normalmente disponibilizada através de qualquer meio de transporte (comumente carro ou vans) e por meio do qual são levadas as funções básicas da biblioteca até comunidades desfavorecidas.

Segundo Arroyo (2005, p. 58), o serviço de biblioteca itinerante celebrou recentemente o seu centenário. A primeira biblioteca móvel teve como promotora uma

mulher de nome Mary Titcomb, personagem importante na área da biblioteconomia e ciências. Essa mulher criou um serviço de depósito de caixa de livros, em Maryland, em 1901, em seguida projetou a primeira biblioteca volante que consistia em uma carroça puxada por dois cavalos e que tinha prateleiras no lado externo, guardando, em seu interior, cerca de 2.500 livros. Seu objetivo era que os livros chegassem aos agricultores.

Na cidade de Levinson, cidade norte-americana (1905) o movimento itinerante começou a funcionar através de Joshua Thomas, cidadão local e, veterano de guerra que percorria estradas comprando e vendendo mercadorias, em uma carroça, tornando-se, muito conhecido pela sua competência como animador e cativando o público com suas narrativas. Conta a história que em uma dessas caminhadas literárias ao atravessar uma linha férrea a carroça foi totalmente destruída. Os cavalos de Thomas sobreviveram ao acidente, mas o serviço foi interrompido por um período.

Para contar a história das bibliotecas itinerantes (móvel) faz-se necessário mergulhar na vida daqueles que tinham o desejo de levar a leitura a lugares muito longínquos e difundir a cultura. Na pesquisa também elucidamos que outros embriões de bibliotecas itinerantes *circulating libraries* ocorreram na Escócia, Inglaterra entre outros países.

Em Nova Iorque, ficou conhecido como *“traveling libraries”*. Consistia numa pequena coleção circulante composta por 30 a 100 exemplares que, ficavam alojadas em lojas ou postos do correio, em que existia uma espécie de “guardião” responsável pelo cuidado da coleção. A evolução dos serviços bibliotecários se expandiu. Em 1912, os Estados Unidos utilizaram pela primeira vez um veículo motorizado para este serviço. Daí por diante, muitos países adotaram os serviços de biblioteca itinerante. Em Portugal, por exemplo, de acordo com Ramos (2011), sua implementação ocorreu:

Após a implementação da República, [...] proclamava-se, por meio de um propósito de as bibliotecas tornarem os livros úteis aos cidadãos, permitindo o acesso aos mesmos e à leitura domiciliária. A constatação da ausência de bibliotecas populares levou os Serviços de Inspeção das Bibliotecas Populares e Móveis, em 1914, a iniciar um processo centralizado de organização e distribuição de bibliotecas. [...] As bibliotecas móveis propostas inspiravam-se nas pequenas *“travelling libraries”* instaladas em carros de rodas que acompanhavam os trabalhadores das florestas e dos caminhos-de-ferro à medida que os acampamentos se deslocavam. Ataíde (1915, p. 90).

A versatilidade, a economia e o caráter prático e fácil dessas bibliotecas explicam a adesão a esse tipo de biblioteca em diferentes países, difundindo a leitura em localidades distantes. Assim, as bibliotecas itinerantes são a demonstração das possibilidades e das necessidades atuais de informação em todos os países.

Trabalhada de forma integrada a BI assegura a qualidade na educação, garantindo o equilíbrio entre teoria e prática numa organicidade de ações que estrutura e realiza aprendizagem, tornando o sujeito apto para enfrentar desafios na sua vida acadêmica e pessoal, além, de aprender a fazer no âmbito das diversas experiências, este tem sido o papel da leitura na BI.

De acordo com Santos (2012):

A competência informacional se desenvolve de forma diferenciada em cada pessoa, tendo em vista seu contexto e motivação, os quais a levam a sanar seus problemas cotidianos, sejam eles pessoais ou profissionais Santos (2012).

Por fim, as bibliotecas itinerantes acompanharam os tempos, adaptaram-se e modernizaram-se, tecendo sólidas redes de leituras. No âmbito tecnológico informático, a BI facilita o acesso à leitura, constrói conhecimento e incrementa a comunicação e a participação. Utilizada de maneira alternativa a BI combate a desigualdade, contribui para a universalização, aproxima e integra o sujeito na sociedade.

2.2. Biblioteca Itinerante: a leitura a caminho da escola inovando a prática pedagógica

O projeto BI ao longo dos anos tem sido uma das soluções para levar leitura e conhecimento à população. O acesso à leitura contribui para ampliar os horizontes do conhecimento, como também viabiliza a informação na comunidade, significando direito à cidadania.

A BI como descoberta e como possibilidade de aproximação com leitores, é um espaço de interlocução que promove o estímulo à leitura e à polissemia com acervo que possa semear ideias, promovendo mudanças na prática pedagógica.

A leitura é essencialmente social, garantir que cada cidadão exerça sua atuação na sociedade é absolutamente necessário. Ler deve se tornar um *hobby*, esse é o lema da BI. A leitura permite o avanço na construção de um caminho de respeito e dignidade, quem lê diferencia-se dos outros, constrói e reconstrói realidades.

Uma das maiores riquezas da sociedade atual é o conhecimento que revela condições para enfrentar as demandas contemporâneas. Ascender socialmente requer uma formação voltada para a capacidade de saber usar a criatividade, numa construção de valores.

O leitor não se constrói por força de uma invenção, mas na experiência do indivíduo que se envolve com a leitura como ato presente e necessário à vida, potencialidade que move o mundo literário. Uma sociedade leitora promove intervenção na realidade social.

Para construir uma sociedade leitora é preciso compreender que a escola e a biblioteca são imprescindíveis e complementares para o sucesso do sujeito. A leitura aponta para a transformação, pois traz a “notícia do possível e o sabor da diferença”. Sendo absolutamente peculiar, a leitura desperta o desejo de apreciar o mundo e as pessoas sem precisar se locomover. Afinal como escreveu Lobato (2014. P. 67) “*Um país se faz com homens e livros*”.

A complexidade do mundo contemporâneo não admite que a escola seja o único espaço educativo onde acontece a aprendizagem. Portanto, a biblioteca itinerante difundir cultura, e promove o crescimento social, aproximando as pessoas sendo um instrumento de formação da cidadania.

A leitura na vida do estudante deve ser incentivada, se possível desde cedo para constituir um desejo e não uma obrigação. Com a escassez de biblioteca nas escolas, a prática da leitura tem ficado em segundo plano, motivo pelo qual o prejuízo tem sido grande para a formação acadêmica.

Através da BI a leitura tem sido possível. Entendemos que a biblioteca é um complemento indispensável na formação dos estudantes, considerado um espaço aberto e dinâmico. Desta forma, a visita da BI na escola favorece o processo democrático dentro e fora desse espaço.

Contudo, a dinamicidade da BI contribui para o aprendizado e para a transformação do ato de ler. Refletindo no modo de pensar e agir, os sujeitos buscam reconstruir sua realidade, porque ler é função social.

O verdadeiro leitor é aquele que faz da leitura não apenas passatempo, mas meio de crescimento pessoal e intelectual, que se dispõe a descobrir a literatura como o caminho para mudança no cotidiano e se depara com um leque de possibilidades de pensar. (NASCIMENTO, 2009, p. 65).

Sendo atributo importante, o livro contribui na formulação de políticas educacionais voltada para o pleno exercício da cidadania. Portanto, a leitura necessita de incentivo, o projeto BI tem conseguido resultados muito incisivos nesse âmbito.

A leitura necessita ser constantemente exercitada. Os livros não substituem vivências, mas ampliam experiências, abrem caminhos e fortalecem o aprendizado.

Feitosa (1998) reitera:

Ampliar o raio de atuação das bibliotecas é reestruturar seu acervo para um público cada vez maior e eclético e cujas necessidades informacionais extrapolam as informações contidas no acervo das bibliotecas. Contudo, se faz necessário, o intercâmbio de informações entre as bibliotecas e os demais serviços informacionais, bem como daquelas com as informações produzidas e trocadas no âmbito da comunidade. (FEITOSA, 1998, p. 60).

2.3. A contextualização da leitura na contemporaneidade

A leitura possibilita o conhecimento do mundo, sem que seja preciso sair do lugar. Para Costa (2005), dentre as experiências de vida, *“à leitura aparece como uma das mais adequadas para fazê-las viajar, conhecer e encontrar sentido na vida”*.

A mudança progressiva de paradigma está ligada diretamente ao processo de práticas favoráveis a construção de uma educação de qualidade que tenha o sujeito como protagonista e autônomo.

A biblioteca escolar é um espaço de estudo e construção de conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito de leitura. (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 8).

Ao utilizar o acervo os estudantes percebem a importância da BI na escola e, compreendem que a pesquisa ajuda na compreensão de conteúdos que favorece a aprendizagem.

É fundamental que o estudante esteja voltado mais para o questionamento e menos para as respostas, revendo suas fragilidades enquanto instituição formadora, promovendo debate entre as instâncias para que os resultados sejam coerentes com o novo modelo de fazer educação. Estudos comprovam que aprendemos a ler independente dos professores, aprender a ler significa compreender o processo de construção que adquirimos ao longo da vida.

Nesse contexto, refletir acerca da formação de leitores é de fundamental importância para formar cidadãos conscientes do seu papel na sociedade. Para tanto, é preciso fomentar práticas pedagógicas que estejam voltadas para o coletivo, onde experiências possam ser compartilhadas.

Paulo Freire (2008) defendia uma educação “emancipadora” onde todos tenham seus direitos respeitados, “*a educação é um direito de todos*”. O sistema educacional deve rever seus conceitos e currículos, na intenção de trabalhar para que a evasão seja exceção e não regra.

“Quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo. [...] Devemos pensar sobre a nossa vida diária. [...] Aprender a ler e escrever não é decorar „bocados “de palavras para depois repeti-los.” (FREIRE, 2008 p. 5).

Assim, é possível inferir que, para o autor, o aluno que lê e interpreta, toma gosto pela leitura, pensa certo, constrói e se integra na sociedade, portanto, é preciso dialogar com o leitor sobre a influência que a leitura exerce na vida do ser humano e no contexto social.

Vivemos numa sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem, é importante aprender a pensar e aprender a trabalhar coletivamente, ser sujeito que constrói seu caminho, estando aberto ao diálogo e às novas fontes de conhecimento.

É preciso estimular práticas conscientes e integradas que possibilitem o avanço na construção da cidadania, numa perspectiva que envolvam ações construtivas no universo da formação de leitores. Nessa perspectiva:

A maioria da população não tem noção do que é exercer a sua cidadania, não tem consciência do seu papel político e representativo impedindo misérias sociais, erros judiciais e programas equivocados. Para se chegar a este nível de participação o direito à informação é imperativo. O acesso adequado à informação é condição básica para o funcionamento de uma política democrática que favoreça os direitos do cidadão. (CARVALHO, 1991, p. 176).

Sabemos que é preciso acompanhar o trabalho dos educandos dando-lhes a oportunidade de criar e acompanhar o fluxo de informações que lhes permita ascender no conhecimento.

É perceptível, pois, que com o avanço dos meios de comunicação e de informações, a interatividade vem se tornando cada vez maior. Novas capacidades são exigidas para atender às demandas da sociedade. Assim, a formação para uma cidadania plena exige cidadãos dinâmicos e atuantes, ou seja, um ser capaz de transformar informações em conhecimento.

Na sociedade da informação, a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer. (GADOTTI, M. perspectivas atuais da educação, 2000)

Nos tempos atuais há uma exigência de um padrão educacional voltado para as competências e para as habilidades essenciais, com o propósito de fortalecer a aprendizagem, colocando o sujeito consciente do seu papel social, compreendendo e refletindo sobre a realidade apresentada.

Na atual conjuntura, em que emerge a educação, o desafio de garantir educação de qualidade frente à diversidade é muito grande. Refletir sobre a dinâmica social na atualidade e sua relação direta com o processo formativo do cidadão são de fundamental importância.

Vale ressaltar que na sociedade vigente o processo social tem sofrido diversas manifestações políticas e culturais. Nesse contexto, faz-se necessária a construção de práticas pedagógicas que atendam e valorizem as habilidades dos educandos.

Einstein afirmava que a “imaginação é mais importante que o conhecimento”. Construindo e reconstruindo, o educando precisa buscar sentido no que faz, tendo em vista que movido pela curiosidade ele se torna um aprendiz permanente.

Entendemos que a BI contribui para a formação cultural da sociedade, levando conhecimento e lazer para além de espaços físicos, suprimindo as lacunas existentes nas escolas que não têm bibliotecas fixas, objetivando sempre consolidar e construir uma sociedade onde o conhecimento possa atender a todas as dimensões sociais e culturais.

Para que possamos compreender melhor os processos desencadeados pela BI devemos olhar por uma perspectiva inclusiva de educação. É importante consolidar e valorizar as construções de saberes diverso. Problematicize as diferenças e construa o máximo de conhecimentos e aprendizagens, o que implica mudanças significativas nas práticas pedagógicas.

O papel da escola tem sido ampliado, criando novas relações humanas e sociais, caminhando para torna-se uma escola científica e transformadora. Quando houver prazer e sentido na aprendizagem, a estética e a ética estarão presentes.

O direito à educação de qualidade é constitucional. Entretanto, a educação não se resume ao ato de matrícula, é preciso permanência. É necessário que haja o envolvimento do estudante para que o mesmo seja o protagonista das mudanças educacionais.

A educação precisa ser vista de forma sistêmica, onde todas as partes estejam inter-relacionadas e interdependentes, tendo em vista que nenhuma forma de educação pode dar resultado positivo sem a integração. Finlândia e Nova York alcançaram resultados fantásticos e têm sido apontadas como exemplo de melhoria na qualidade da educação, porque foi dada autonomia para as escolas e foram oferecidas condições socioeconômicas para os estudantes.

Investir na educação com práticas inovadoras deve ser prioridade para uma melhoria da qualidade formativa de uma população, sendo uma premissa o investimento na educação, que, por sua vez, deverá apresentar um retorno continuado a médio e longo prazo.

A qualidade da educação está ligada à construção de sentidos, pois o conhecimento serve para aprender a tomar decisões, conhecer nossas circunstâncias e compreender que conhecimento se conquista pela pesquisa, pela leitura e não pela reprodução de conteúdos. “Você só sabe realmente o que construiu se for de forma autônoma”. Somos programados para aprender, não dependemos apenas da escola.

A prática pedagógica centrada na autonomia do aprendiz promove mecanismo que sustentam e concretizam uma aprendizagem construída de maneira investigativa e criativa. Nesse contexto, podemos afirmar que a leitura surge como elemento fundamental na vida do sujeito, atribuição de sentidos que facilita a compreensão de valores sociais na geração do saber. Para Aquino, (2000, p.40), “leitura é uma prática social que não se resume à educação institucionalizada, mas centra-se na relação sujeito-conhecimento-mundo”. Considerada parceira na construção de práticas socioculturais, a BI fortalece a formação de cidadãos leitores, inserindo-se no âmbito de recursos pedagógicos significativos, reafirmando-se como prática educacional por excelência.

É evidente que o trabalho interdisciplinar supera a fragmentação das formações que valoriza currículos. O fortalecimento de projetos de leitura que estejam em consonância com outras áreas de conhecimento é de fundamental importância na consolidação plena do sujeito.

Na aprendizagem é pertinente a discussão sobre a motivação, considerada parte fundamental para que o estudante possa aprender de forma satisfatória, embora para alguns autores a motivação seja vista como fator subjetivo (pessoal do sujeito), no entanto, pode ser apresentada de modo que implique prazer em fazer.

A aprendizagem não pode ser resultado de memorização, porque não deixa registro e muito menos favorece a cognição: o que é armazenado sem ser relacionado não produz resultado positivo. A organização da estrutura cognitiva humana facilita a aquisição do conhecimento substancialmente significativo. De acordo com Vygotsky (1989, p.48). “A relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro”. Ressalta-se que aprendizagem significativa é resultado de prática pedagógica bem-sucedida adquirida no decorrer de vivências, ou seja, uma junção de teoria e práticas.

Nesta perspectiva, muitas mudanças têm ocorrido nas últimas décadas, mudanças estas que vêm contribuindo para as descobertas científicas. Piaget (1976, p.20) acredita que “o processo de formalização do pensamento tem como base a maturação biológica, seguida de processos de interação com o meio, originando estágios universais de desenvolvimento”. Compreendendo que ler representa um combate a alienação.

2.4 A leitura e o contexto escolar: prática pedagógica inovadora

A leitura e a aprendizagem estão interligadas, pois a comunidade escolar e a biblioteca/leitura têm grande responsabilidade na construção de conhecimentos dos sujeitos. O incentivo às práticas de leitura produz resultados significativos na vida escolar, auxiliando na inserção ao universo da literatura, entre outras atividades que são desenvolvidas a partir da leitura, estabelecendo um elo importante na formação de leitores.

A BI tem oferecido condições para que o estudante aprimore seus conhecimentos disponibilizando diversas oportunidades de leitura com variados suportes de materiais pedagógicos. Nesse contexto, o projeto surge como elemento essencial para resolver o problema das escolas que não têm biblioteca convencional.

Assim, a BI revela seu potencial enquanto subsídio de grande importância na vida dos estudantes, pois transforma e desenvolve a capacidade mental, propagando o interesse pela leitura e pela interpretação, além de promover o incentivo à pesquisa.

A biblioteca é uma das forças educativas mais poderosa de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores. O aluno deve investigar e, pensando nisso, compreende-se a biblioteca uma das alternativas mais eficazes de investigação, funcionando como um laboratório de pesquisa acadêmica.

Para Silva (2004, p.45) “biblioteca itinerante é aquela que se constitui como uma pequena biblioteca cujo acervo deve ser organizado e conduzido em carro adaptado”. Sua função é a de disponibilizar informações, estimulando e mostrando a importância das práticas da leitura às comunidades distantes e/ou que não têm bibliotecas em forma física.

A pesquisa exige que estejam presentes na biblioteca, todas as formas de registros e meios de difusão do conhecimento (livros, jornais, revistas, discos, filmes, jogos, tapes, computadores). A participação dos usuários nas atividades deve acontecer de forma dinâmica, para que o trabalho seja efetivado com sucesso.

A organização dos serviços da biblioteca itinerante visa o funcionamento e a ordenação do acervo como elementos essenciais para melhorar a qualidade da educação.

Sobral (1982, p; 54) define biblioteca escolar como: “força propulsora do processo educacional, instrumento que colabora com a aprendizagem, sendo considerada força responsável pelas diversas atividades desenvolvidas nas escolas”. O fato é que ninguém nasce sabendo ler, aprende-se a ler à medida que se vive.

O papel da BI é de fundamental importância para auxiliar as escolas no desenvolvimento de atividades voltadas para dinâmicas de leitura, ajudando na construção do hábito de ler e na produção escrita, trazendo consigo cultura e lazer, elementos fundamentais, além de caracterizar-se como condição básica de sustentação de uma aprendizagem de qualidade.

A diversidade de atividades que acompanha a BI (música, teatro, produção etc.) configura-se como elemento bastante importante na prática pedagógica, instrumento de integralidade, notadamente capaz de articular com as necessidades e premências na construção de conhecimento.

Este tipo de iniciativa tem, despertado um interesse pela leitura, incluindo populações que devido às disparidades sociais e às grandes distâncias dos centros urbanos, nunca puderam exercer seu direito informacional à cultura, ao lazer e à educação.

A principal função da BI tem sido estabelecer uma significativa interação com a comunidade escolar, suprimindo a necessidade existente pela falta de biblioteca fixa na escola. O projeto vem acontecendo com uma boa recepção, atendendo de forma satisfatória aos anseios dos educandos. Com constantes atualizações do acervo, a BI oferece uma diversidade de obras, possibilitando de maneira dinâmica e contextualizada a realização de pesquisas.

Graças à flexibilidade dos seus serviços, estudos e pesquisas têm se intensificado e concomitante estudo e qualificação tem sido fortalecido. A pesquisa comprovou que as visitas da BI à escola contribuíram para a inclusão social e cultural da comunidade, assim como, também ficou evidente que a leitura conquistou espaço nas práticas pedagógicas.

A leitura é fundamento essencial para o ser humano, a leitura caracteriza-se como elemento primordial para a comunicação na sociedade, funcionando como elo entre passado, presente e projeções futuras, estabelecendo relações de maneira integral e estimulando os sujeitos na busca de maior compreensão de si e da realidade.

O contato com a literatura e as experiências acumuladas pelos educandos promovem um bem maior que é o saber. Guenther (1980) enfatiza a necessidade de efetivar a conscientização da leitura, acionar e desencadear grandes reformas nos âmbitos pessoais e sociais.

2.5 Biblioteca itinerante e seu papel social

A democratização da leitura de forma dinâmica e prazerosa contribui para o crescimento pessoal e social de cidadãos críticos. Entretanto, percebe-se a importância da leitura para a efetiva participação do indivíduo na sociedade, esta tem sido historicamente um privilégio de poucos. Assim, a apropriação da leitura pelas classes populares tem significado uma conquista e um instrumento de transformação social.

A esse respeito Silva (1994) ressalta:

Acreditamos numa escola que possa formar cidadãos críticos, capazes de utilizar criticamente o conhecimento construído para analisar o real e, diante dele, fazerem as suas opções profissionais, culturais e políticas, de forma consciente, livre e autônoma. (SILVA, 1994, P.18).

Assim, as bibliotecas itinerantes, têm desenvolvido significativo papel social ao proporcionar o contato com o livro, promovendo uma melhor qualidade de vida através do acesso à informação, diminui a distância entre o livro e o leitor, estimulando o pensamento crítico, a criatividade e consequentemente impulsionando a construção do conhecimento sólido e eficaz.

Nascimento (2009) argumenta que:

A itinerância de bibliotecas tem sido uma das soluções encontradas pra levar leitura e conhecimento à população, em se tratando de frequência, cada dia atende um público e, em alguns casos, desenvolve projetos educacionais e sociais nas comunidades. Como um agente facilitador sua atuação engloba a formação de leitores através da circulação de livros entre a comunidade, além disso, intenta valorizar o livro como propulsor de novos aprendizados. (NASCIMENTO, 2009. P. 66)

A biblioteca deveria ocupar um lugar de destaque nos ambientes escolares, tendo em vista que, dentre os recursos didáticos da escola, é dos que tem mais possibilidade de contribuir para uma transformação qualitativa na aprendizagem.

No entanto, temos um índice muito alto de escolas que não têm biblioteca, segundo levantamento realizado pelo INEP, com base no censo escolar 2011, cerca de 72,5% das escolas brasileiras não têm biblioteca. A Lei 12.244 de 27 de maio de 2010 prevê a obrigatoriedade até 2020 da existência de biblioteca nas escolas, estabelecendo a existência de um acervo de pelo menos um livro por aluno em cada instituição de ensino no país.

Segundo Dumont (1995) a primeira biblioteca móvel no Brasil foi criada em 1936 por Mário de Andrade na cidade de São Paulo. É consenso entre os estudiosos que a Biblioteca Itinerante se constitui como um espaço alternativo de aprendizagem e lazer.

Para o autor, um dos méritos da BI é servir de ponte de mão dupla, oferecendo serviço em locais onde a biblioteca fixa não consegue atingir. Assim, a finalidade da biblioteca é promover à equidade na prestação do serviço, melhorando a oportunidade

e o acesso à leitura para toda população, constituindo um espaço alternativo de conhecimento e ação cultural, devido a sua flexibilidade, ressaltando que a leitura deve ser considerada como objeto de reflexão e de conhecimento.

A partir disso infere-se que a BI tem ajudado a difundir a leitura, aproximando as comunidades mais pobres da sociedade, contribuindo na formação de leitores.

Para Freire (1984, p. 56) “a leitura se dá a partir das associações do texto com o contexto, sendo sempre a leitura precedida por uma ação de transformação de ideias e pensamentos.” A leitura é vista pelo autor como processo que antecede, perpassa e sucede a vida escolar.

2.6 Biblioteca Itinerante: Leitura e formação de leitores

O sucesso da BI está ligado à dinâmica de seu atendimento à comunidade. Para tanto é necessário compreender sua função, seu modo de atuar, e sua oferta de serviços. Nesse ínterim, considerando o estudante como principal agente construtor do conhecimento, sabe-se que ele é o responsável por desencadear atividades concretas em torno da visita da BI na escola. Seleciona o acervo e ajuda a desenvolver atividades lúdicas, assim, tem impulsionando o gosto pela leitura dos sujeitos, dentro do contexto de aprender fazendo.

A visita da BI passa por planejamento coletivo que conta com a participação do estudante na elaboração e do planejamento, tendo como foco atender a demanda da escola. Vários critérios são considerados: realidade, dedicação, responsabilidade, competência, habilidade, criatividade, etc.

Sabe-se que o entrelaçamento entre a aprendizagem e a prática da leitura com foco na pesquisa e na análise crítica acontece à medida que o estudante é motivado, desafiado, ou seja, a curiosidade torna-se aguçada.

Assim, o raciocínio lógico começa a se organizar. É importante esclarecer que, para se formar um leitor não é suficiente “*ensinar a ler, é necessário incentivar a ler*”. Sabendo ler o indivíduo ascende socialmente, se desenvolve ao longo da sua vida.

A biblioteca deve se tornar o “*coração da escola*”, um centro dinâmico, em consonância com o cotidiano da escola, participando em todos os momentos do desenvolvimento da comunidade escolar.

Antunes (2010) afirma que:

A leitura provoca a necessidade de compreender e interagir com o mundo das ideias, enriquece as próprias ideias e experiências intelectuais, o indivíduo que lê contribui para seu enriquecimento pessoal. (ANTUNES, 2010, p.05)

Se a leitura abre horizontes, através dela o homem conhece, descobre e viaja na imaginação; o livro nos leva a lugares antes não imaginados, sendo o elo entre outros povos, outro tempo e outros pensamentos.

Quando se pensa em educação logo nos deparamos com políticas educacionais muito fechadas. Por isso, a implantação de projetos educacionais que incentive e desperte o gosto pela leitura é fundamental, um papel que a BI vem desenvolvendo positivamente.

Em meio às incertezas é a leitura, considerada uma atividade de respeito, um bem para toda vida, que permite avançar na construção de uma autonomia. Quem lê, diferencia-se.

O incentivo à leitura e sua aplicabilidade têm contribuído de forma eficaz para a melhoria na qualidade da aprendizagem dos alunos, uma atuação envolvente e motivadora tem consolidado a formação e contribuído para o bem social daquela comunidade.

Na contemporaneidade a leitura envolve toda forma de fazer educação, fator principal e decisivo no desenvolvimento de cidadão crítico e reflexivo, sujeito do conhecimento “*aprender a aprender*” movido pela capacidade de inovar.

Para Druker (1993, p. 134) “os sujeitos do conhecimento são aqueles que se apropriam do conhecimento”, e colocam-se diante dos desafios para construir uma nova sociedade. Nesse sentido, o efetivo preparo para enfrentar situações inesperadas exige firmeza e segurança nas ações e comprometimento frente às transformações sociais.

2.7 A leitura e a formação da cidadania

A Biblioteca Itinerante busca atender as demandas das escolas, pois reúne um acervo diversificado dentro da literatura infantil e clássica, contribuindo para o aperfeiçoamento do indivíduo e proporcionando o direito à leitura contextualizada.

Através da sua mobilidade, a Biblioteca Itinerante cumpre um papel fundamental suprimindo a ausência de bibliotecas fixas nas escolas rurais.

Cabe ressaltar que os serviços implantados na BI são dinâmicos, pois além de levar leitura à escola a mesma agrega a parte diversificada: teatro, música, jogos interativos e campeonato de xadrez; como também equipamentos: projetor multimídia, computadores, câmara fotográfica, tela de projeção, mesas, cadeiras, arquibancadas.

O acervo do projeto Biblioteca Itinerante é constantemente atualizado, possui livros para alunos que têm dificuldades na aprendizagem, assim, como livros em braile, para o atendimento de crianças com deficiência visual. Conta também com um tapete multicolor de borracha onde são realizadas as contações de histórias.

Para Cabral (1999):

Uma biblioteca não pode ter uma atitude passiva. E só se justifica no grau em que exerça uma missão superior [...] Tendo como característica especial a mobilidade, daí resulta um perfeito contato e uma expansão que as bibliotecas fixas não podem alcançar. (CABRAL, 1999, p.25).

A interação entre biblioteca e comunidade promove o desenvolvimento educacional fato que se consolida por indicadores qualitativos da formação, não só de uma parcela da comunidade, mas de toda sociedade, visto que a biblioteca itinerante é um complemento fundamental para todos aqueles que não dispõem de biblioteca convencional.

Pensando a leitura como promoção social, Freire (1988, p.11), fala sobre o processo de aprendizagem, ressaltando que o ato de ler inicia-se no instante de nosso nascimento. Para o autor, “*a leitura do mundo precede a leitura das palavras*”, isto é, primeiro lemos o nosso mundo particular que nos move, depois, quando vamos à escola, é que conhecemos a leitura das palavras.

Este trabalho com a biblioteca itinerante buscou evidenciar a importância da biblioteca pública como função social e de apoio à educação do cidadão, constatando que a implantação do projeto carro-biblioteca responde à nossa preocupação, compreendendo que as atividades de extensão culturais implementadas através da biblioteca itinerante têm possibilitado o incentivo à leitura e ao aumento do número de leitores.

Visualizar a biblioteca itinerante como espaço fértil de aprendizagens, parceira na construção de práticas educacionais e culturais, desvincula a imagem ultrapassada de “depósito de livros”, já que a dinâmica que a mesma oferece aos educandos aproxima-os do conhecimento através da leitura, constituindo-se como

elemento essencial na práxis educativa e, portanto, como recurso pedagógico do qual os estudantes aproximam-se sem imposições, tornando-se um ambiente prazeroso.

COLODEL (2005) afirma:

Dentre as experiências de vida das pessoas, a leitura aparece como uma das mais adequadas para fazê-las viajar, conhecer e encontrar sentido na vida. Este sentido vem, em grande parte, do conhecimento e do modelo que a família passa na infância. Estimular o apreço pelo livro e pela literatura é despertar também o interesse pela informação. A instalação e manutenção competentes das bibliotecas continuam sendo uma estratégia ímpar na realização do homem enquanto cidadão. (COLODEL COSTA, 2005, p.15)

Freire (1989, p. 32) declara que, “*a leitura possibilita a descoberta de novos horizontes*”. Sendo assim, a promoção de incentivo à leitura fortalece o desenvolvimento do sujeito e promove o hábito da leitura. Nesse sentido, a biblioteca itinerante tem desenvolvido significativo papel social dentro das atividades, proporcionando o contato com o livro a inúmeras pessoas através das visitas as escolas.

Evidencia-se a BI como um espaço de aprendizagem, que serve como ambiente democrático e parceiro na construção de práticas pedagógicas e culturais, apoiando o desenvolvimento de projeto educacional e atendendo a diversas realidades escolares, em que não é possível acessar esse espaço de outra maneira.

As novas tecnologias trazem rapidez na concepção de bibliotecas, essa nova concepção apresenta a biblioteca como um espaço comunitário e dialógico que deve ser amplamente divulgado para que possa transformar a realidade de milhares de estudantes que não têm acesso à leitura.

Para Bernardino e Suaiden (2011)

Como parte integrante do cenário da sociedade da informação, a biblioteca pública precisa se apropriar das tecnologias da informação e da comunicação, a fim de permitir uma disseminação eficaz da informação e atuar de maneira eficiente e consciente de seu papel na sociedade da informação.” (BERNARDINO; SUAIDEN, 2011, p.140).

O desenvolvimento social passa por profundas mudanças perante a sociedade vigente devido aos avanços tecnológicos, tornando-se indispensável à ampliação de competências e habilidades, desta maneira, a biblioteca pública está sendo provocada a atender a demanda da sociedade atual.

A biblioteca itinerante desperta para um novo contexto social, oferecendo outros serviços (teatro, música etc.), cumprindo o objetivo de preencher as lacunas deixadas pelas bibliotecas convencionais, satisfazendo às necessidades dos cidadãos e, introduzindo uma nova metodologia de aprendizagem, como centro disseminador que deverá ser remodelado, reinventando-se, ao mesmo tempo, reafirmando-se como instrumento fundamental que está a serviço da sociedade.

O serviço ofertado pelas bibliotecas itinerantes rompe paradigmas, pois introduz novas maneiras de pensar a educação, construindo espaços e valores.

A leitura aponta para a edificação de uma sociedade leitora, responsável pela transformação do mundo, contribuindo com o exercício da cidadania e o fortalecimento social e pessoal.

Para Assis (2006):

A construção de uma sociedade leitora é responsabilidade de todos, novos leitores e leitores experientes, numa construção de cidadania. A leitura gera possibilidade de intervenção na realidade, pelo domínio que a condição de leitor oferece aos sujeitos. Por isso, formar leitores e escritores competentes impõe-se como prioridade política, definindo os objetivos de uma educação de qualidade. A leitura proporciona momentos incríveis, conhecemos o mundo, pessoas e história, sem precisar nos locomover. (ASSIS, 2006 p.10).

A BI cria mecanismo que favorecem a prática da leitura, propagando a informação para aqueles menos favorecidos, e aproxima o leitor de produções que lhe permitam crescer e alcançar novos horizontes. Caracteriza-se, assim, como formadora, flexibilizando e multiplicando ações. Ainda nessa reflexão, Nascimento (2009) diz que:

O hábito de ler está diretamente ligado à educação e à questão cultural. O acesso à escola, à biblioteca pública e ao livro como fonte de educação e cultura são atributos importantes na formulação de políticas que concretizem a democratização e o pleno exercício da cidadania. Entretanto, o acesso ao livro e à leitura necessita de iniciativas políticas mais concretas que tragam resultados mais incisivos. Um dos programas que tem conseguido com sucesso democratizar o acesso a informação é o serviço de bibliotecas itinerantes. (NASCIMENTO, 2009, p.82)

A biblioteca vem suprimindo várias necessidades da comunidade, tais como o saber, o lazer, a convivência e a procura de uma identidade política e cultural. A democratização da informação é um dos pressupostos para a efetiva cidadania. Feitosa (1988) reitera que:

As bibliotecas populares por terem sua gênese em comunidades carentes devem diagnosticar as suas reais necessidades, fornecendo serviços que vão além do empréstimo domiciliar de livros e revistas, mas também palestras informativas sobre temas educativos, jurídicos, psicológicos, culturais, além de outras atividades socioculturais (dança, teatro, pintura, etc.), que contribuam para o desenvolvimento do sentimento de coletividade, facilitando o acesso à informação. Ampliar o raio de atuação das bibliotecas é reestruturar seu acervo para um público cada vez maior e eclético e cujas necessidades informacionais extrapolam as informações contidas no acervo das bibliotecas. Cada vez mais se faz necessário, o intercâmbio de informações entre as bibliotecas e os demais serviços informacionais, bem como daquelas com as informações produzidas e trocadas no âmbito da comunidade. (FEITOSA, 1998, p. 60).

Com isso, é urgente e necessário interagir para que a informação chegue aos mais diversos lugares, tendo em vista que a sua escassez retarda o desenvolvimento. Nesse sentido, a BI surge como força que motivada sociedade, espaço privilegiado de acesso gratuito à leitura e ao lazer. A arte integra passado, futuro e presente numa construção de sujeitos históricos.

De acordo com DUMONT (1995):

Um dos maiores méritos das bibliotecas itinerantes é servir de ponte de mão dupla entre a biblioteca central e um grupo de usuários potenciais. De fato, o “carro-biblioteca” é uma das formas mais versáteis de suprir uma maior parcela significativa da população minoritária, especialmente aqueles marginalizados, longes dos grandes centros culturais. Este é o grande valor da biblioteca itinerante atingir os leitores desprivilegiados, especialmente, leitores marginalizados, que não têm acesso a informação. A contribuição da biblioteca circulante, diante da enormidade do problema de integração dos indivíduos na sociedade, será de desempenhar o papel de suporte do lazer, ensino e pesquisa em uma comunidade tão carente desses recursos. É necessário, contudo, que a ida deste tipo de equipamento não seja um fim em si mesmo, mas seja um instrumento auxiliar no movimento de conscientização da população menos favorecida, onde a informação desempenha um papel relevante. (DUMONT, 1995, p. 182)

A aquisição da BI contribui para suprir a ausência de leitura e lazer nas escolas resgatando a cidadania, além de ser um canal de democratização que viabiliza o processo educativo. Nesse contexto, Paulo Freire (1975, p.9) diz que, “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão” Freire. (1975, p. 9).

A prática educativa reflexiva tem como fundamento primordial a prática social, caracterizado pela insolubilidade entre teoria e a preocupação em fazer uma educação de qualidade que respeite a diversidade (social e cultura), promovendo mudanças qualitativas, que visem o aprofundamento do conhecimento crítico a no

debate sobre a realidade. Nessa perspectiva, a leitura é fator essencial para aqueles que buscam uma sociedade mais justa, o que dialoga com Piaget (1975), quando ele diz que:

A inteligência é o mecanismo de adaptação do organismo a uma situação nova e, como tal, implica na construção contínua de novas estruturas dotando o indivíduo de uma série de instrumentos para conhecer a realidade e relacionar-se com ela, partindo de uma aproximação espontânea que permite os modelos e representações intuitivas. Desta forma, os indivíduos se desenvolvem intelectualmente a partir de exercícios e estímulos oferecidos pelo meio que os cercam. O que vale também dizer que a inteligência humana pode ser exercitada, buscando um aperfeiçoamento de potencialidades, que evolui desde o nível mais elementar da vida do indivíduo, até o nível das trocas simbólicas. “O conhecimento se mostra como resultado de uma construção onde é importante a maturação e a experiência do indivíduo, reguladas por um mecanismo interno. (Piaget, 1975, p.20).

A promoção de uma inteligência reflexiva e auto reflexiva reconhece e estabelece interação entre o ideal e o imaginário. Confluindo com o pensamento de Piaget, os componentes da cognição que são contempladas, cuja aquisição visa estimular e que podem estar relacionadas com a experiência sensível, com os fatores emocionais.

O texto produzido pelo aluno seja oral ou escrito, permite identificar os recursos linguísticos que ele domina e os que ele precisa aprender a dominar, indicando quais conteúdos precisam ser tematizados, articulando-se as práticas de escuta e leitura e de análise linguística (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 37).

Podemos pensar que o ato formador seria o de proporcionar momentos, nos quais o sujeito possa criar situações de aprendizagem satisfatória, opinar, formar conceitos e, estabelecer elos com o conhecimento científico e com as experiências, compreender que a leitura autônoma garante a liberdade de criar novos significados. Nesse caso, é importante atender para o fato de que a Biblioteca Itinerante tem garantido esse serviço com qualidade.

A aprendizagem contextualizada estabelece conexão com a realidade do estudante e com os fundamentos teóricos com base em pensadores, pois a criticidade advém de estudos científicos e práticas cotidianas, nas quais o sujeito estabelece sua compreensão e sua opinião.

2.8 Leitura e inovação pedagógica: ferramenta de inclusão social

A biblioteca escolar é uma ferramenta voltada para o atendimento da comunidade educacional e, portanto, deve atender a todas as diferentes necessidades informacionais considerando os diversos níveis de escolaridade de seus usuários.

Sendo parte integrante do contexto pedagógico escolar, a biblioteca é usada para desenvolver atividades lúdicas, atuando como ferramenta de inserção dos estudantes a realidade global, considerando que a boa leitura é aquela que constrói ambientes favoráveis de aprendizagem.

A inclusão de uma biblioteca, não se remete exclusivamente a fatores sociais, econômicos, culturais, e sim a toda diversidade.

A leitura deve ser capaz de proporcionar o acesso à informação e o atendimento de todos os alunos, professores e demais usuários, independentemente de etnia, situação econômica, classe social, nível de escolaridade, limitações e/ou deficiências.

De acordo com Coneglian e Silva (2006, p. 89), “a biblioteca inclusiva não é aquela biblioteca específica, para deficientes”, mas sim aquela que atende toda demanda da população de maneira igualitária, onde seus usuários possam acessar e utilizar os serviços e acervos, conforme suas especificidades.

A BI promove o diálogo intercultural e intergeracional, proporcionando um espaço/momento de convívio e de trocas outras. Dada a sua flexibilidade móvel pode ser ajustada permanentemente, acompanhando as diversidades regionais. Estas unidades ganham em agilidade e em capacidade de atendimento a diversas comunidades num curto espaço de tempo, tornando-se um agente coadjuvante de mudanças nas práticas pedagógicas.

2.9 Biblioteca itinerante: qualidade e eficácia

Muitas foram às indagações no município sobre a eficácia do projeto Biblioteca Itinerante (BI) especialmente sobre quais as contribuições que a mesma traria para a melhoria na qualidade das práticas pedagógicas nas escolas.

Para compreender e delimitar o objeto de estudo, foi realizada pesquisa em inúmeros projetos de leitura no propósito de averiguar se o projeto BI poderia ser considerado realmente inovador.

Participando de seminários e oficinas com professores, coordenadores e gestores, ficou evidente que a biblioteca atendia às expectativas e que de fato a mesma era fundamental para dinamizar a prática de leitura nas escolas.

Diante do que foi dito, compreende-se que a BI nas escolas aproximou os estudantes da leitura, fortaleceu a aprendizagem e contribuiu significativamente para que a leitura estivesse permanentemente formando leitores naquele espaço.

Conhecendo a realidade das escolas e a estratégia de leitura implantada percebe-se que investir na Biblioteca Itinerante é fundamental, tendo em vista tratar-se de elemento essencial para que o estudante aumente seu leque de informações e o transforme em conhecimento. É importante dar condições para que o estudante construa sua própria aprendizagem, sem reproduzir ideias de outros segmentos, desta forma, transformando a realidade social que atua.

Para Bakhtin (1999, p. 26) “o diálogo e a leitura acontecem de forma ativa, interagindo com a obra e distanciando-se do leitor passivo”. É importante que as diferentes formas de interpretação sejam ouvidas e que a leitura se concretize como um ato social.

Dentre as pesquisas realizadas na intenção de compreender o projeto BI, está o estudo sobre políticas públicas voltadas para bibliotecas escolares desenvolvidas no Brasil e as práticas de leitura desenvolvidas nas bibliotecas fixas. Para escrever esta dissertação e compreender os caminhos dessa pesquisa, busquei apoio nos autores: Barthes (1999), Sobral (1982), Silva (1986), Nascimento (2009), Dumont (1995), Freire (1984), Cabral (1999), Coneglian e Silva (2006), Fino (1998), Piaget, Papert, Sousa, etc. Os autores citados foram fundamentais para compreensão e aprofundamento da importância da leitura e da prática pedagógica inovadora dentro do contexto da Biblioteca Itinerante.

O procedimento metodológico deste trabalho é de caráter qualitativo de cunho etnográfico, analisado através de estudos, focado na investigação das práticas pedagógicas desenvolvidas a partir da visita da Biblioteca Itinerante na escola.

A partir de investigações sobre as relações humanas foi possível compreender melhor o tema pesquisado, facilitando a interpretação dos dados. Toda a pesquisa foi

construída mediante as idas e vindas à escola. A busca por uma educação de qualidade e a compreensão da importância da biblioteca itinerante nas escolas, resultou em cinco capítulos, os mesmos já mencionados na introdução dessa dissertação.

3. INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E PRÁTICAS EDUCACIONAIS INOVADORAS

Conceituando inovação pedagógica como transformação na prática pedagógica, que coloca o sujeito como produtor do conhecimento, ampliando conhecimento em uma dinâmica diferenciada que favoreça a quebra de paradigma, elemento fundamental para que, de fato, seja considerada como inovação, esta pesquisa propõe-se a compreender as práticas educacionais num sentido emancipador entre pesquisa e pesquisador a partir de uma fundamentação crítica e científica. Compreendida como ruptura do tradicional ou do sistema fabril. Este capítulo, específico, dedica-se à conceituação do que é Inovação Pedagógica na Educação - na perspectiva de Fino (1998), Papert, Freire (1989), Sousa, Piaget, Vygotsky, além de outros autores que tratam da importância da leitura e à consolidação da biblioteca itinerante como elemento fundamental para a construção de conhecimento significativo.

Paulo Freire (1989) declara que:

A escola necessita de cara nova, devendo ser avaliada pela qualidade e apenas pelos saberes sistematizados que foram aprendidos, mas também pela solidariedade que foi construída, incluindo novas concepções de aprendizagem e não simplesmente saberes curriculares, que a cidadania seja respeitada. (FREIRE, 1989, p.15)

A qualidade da educação implica compreender que a formação intelectual do cidadão passa pela concepção defendida por Freire (1989), de que uma educação emancipadora é capaz de transformar o cidadão em senhor do seu próprio destino. É fundamental aprender a pensar de maneira autônoma, fazer do estudo contextualizado um caminho para organizar seu próprio trabalho, ser capaz de construir conhecimento através da pesquisa, sabendo articular a prática e a teoria, e, assim, usufruir da informação para criar conhecimento, construindo e reconstruindo a partir do que faz.

3.1 A busca de uma educação de qualidade

A inovação Pedagógica busca reconstruir toda forma de fazer educação, refletindo essencialmente no desenvolvimento do sujeito e de como favorecer o seu crescimento social e intelectual. Para Fino (2008) “a inovação pedagógica não é o resultado da formação de professores e não é induzido de fora, um processo de dentro que envolve sempre risco de conflito curricular”. Nessa perspectiva, a inovação advém de experiências pedagógicas que coloca o discente como sujeito da sua própria aprendizagem, compreendendo que as práticas pedagógicas são baseadas principalmente no desenvolvimento dos estudantes a partir de suas reais possibilidades

A Inovação pedagógica propõe um salto qualitativo na descontinuidade do sistema educacional formal, tendo em vista as concepções de aprendizagem que suscita.

Ao falar em educação, pensa-se em escola, uma vez que esta representa o espaço do ensino sistematizado e oficial. Porém, a aprendizagem não acontece apenas em um prédio, mas em todo e qualquer lugar, pois, os sujeitos aprendem na interação, conforme esclarece Vygotsky (1998, p. 71), através das mediações com alguém mais experiente, como também interagindo com o objeto.

Para Piaget (1964, p. 54), ocorre aprendizagem quando há uma relação entre aprendiz e o objeto de conhecimento no intuito de atender às necessidades de aprendizagem. Ou seja, o conhecimento é construído pelo sujeito com base na interação que este realiza com o meio.

Na abordagem construcionista o aprendiz constrói seu próprio conhecimento, buscando adaptar-se e organizar-se com a realidade e o que surge de novo nesse processo, conservando e transformando sua cognição, sendo impulsionado pelas suas ações num processo complementar: assimilação e a acomodação. Na assimilação o sujeito congrega novas informações e experiências, na acomodação acontece a estagnação de suas ações, ideias e conceitos, numa organização sistematizada e autônoma.

A mudança na sociedade vem ocorrendo em todos os segmentos e o processo educativo não pode estar distante dessas transformações. Frente às novas possibilidades, é preciso repensar a educação e sua contribuição para a sociedade e o papel que os sujeitos desempenham na nova forma de construir conhecimento.

Há, portanto, a urgência de se discutir a inserção de atividades diferenciadas na prática pedagógica que possam refletir no cotidiano do estudante, despertadas o desejo de buscar por novos conceitos. Diante disso, questionamos: Qual a contradição entre práticas e teorias na construção de conhecimento e de que forma os sujeitos estão construindo seu conhecimento?

A construção de conhecimentos é eficaz quando influenciada pelos hábitos culturais, nos quais os sujeitos encontram-se envolvidos, mas não existe um modelo pronto para se educar, pois cada tipo de educação deve buscar atender aos interesses das sociedades em que atuam, compreendendo os saberes próprios de cada cultura, portanto, influenciada pela sociedade livre das faculdades inatas do homem.

Para Kant (1996, p. 143): “o fim da educação é desenvolver, em cada indivíduo, toda a perfeição de que ele seja capaz”. Nesse contexto, a Inovação pedagógica está efetivamente ligada à superação do paradigma fabril. Como defende Toffler (1970) “é preciso que o sujeito seja desafiado a construir seu próprio conhecimento”. Superando as velhas práticas de ensino, que se encontram profundamente esgotadas, incapazes de atender as necessidades da sociedade vigente.

3.2 Educação e construção social

A Inovação Pedagógica diz respeito a quebrar paradigmas, realizar mudanças nas práticas pedagógicas, oferecer condições para que o sujeito possa explorar, ele mesmo, sua criatividade de forma autônoma construtiva, experimentando diferentes situações com um posicionamento crítico diante das concepções tradicionais de ensino.

Assim, é fundamental que o estudante esteja motivado para desenvolver suas habilidades a partir das próprias descobertas. O físico americano Thomas Kuhn (1997) em sua obra. “A estrutura das revoluções científicas”, concebe teoricamente, pela primeira vez, o termo “paradigma” como sendo um sistema dominante. O autor ainda contempla seu pensamento afirmando a, mudança de paradigma como uma revolução, “uma espécie de mudança especial que envolve certo tipo de reconstrução dos comprometimentos de um grupo” (KUHN, 1997, p.243).

Compreendendo que a cultura dominante na escola tem origem na revolução industrial, Fino (2000) sugere o domínio de invariante cultural, por encontrar-se

enraizado no pensamento e na prática educativa de cada indivíduo dentro e fora da comunidade escolar. Para o autor, a inovação pedagógica consiste fundamentalmente em mudanças nas práticas pedagógicas centradas na forma como as pessoas se propõem a aprender assessoradas por pessoas responsáveis em promover ambientes favoráveis a aprendizagem.

Com o propósito de mudança, Sousa (2000, p.23) ressalta que, “o professor considerado detector do saber, submetia os estudantes ao conhecimento que valorizava a memorização, dificultando a construção de saberes compartilhado”. Fino (2009) ressalta que esta deve passar por uma tomada de consciência dos constrangimentos existentes contra ela, de modo que a “invariante cultural” seja o primeiro constrangimento a ser desmontado.

Segundo Fino (2009 p.01), a cultura na revolução industrial, cujo “paradigma fabril” foi denominado de invariante cultural, por encontrar-se profundamente enraizado no pensamento e na prática e na ação de cada indivíduo da comunidade escolar. O autor ainda discute a inovação pedagógica como uma efetivação de “mudanças nas práticas educativas centradas na maneira como as pessoas querem aprender, assessoradas por pessoas que tem a responsabilidade de criar contextos de aprendizagens favoráveis”. (FINO 2008 p.50).

Assim, é essencial dar ao estudante a oportunidade de aprender de forma autônoma, compreendendo os desafios e limites determinados por uma realidade social diferenciada. Nesta perspectiva, é importante compreender inovação pedagógica como ruptura de práticas educativas, sabendo que existem diversos fatores que tornam o processo complexo.

Para existir inovação pedagógica é preciso que haja mudanças significativas nas práticas pedagógicas, devendo ocorrer, seja nos ambientes físicos ou virtuais, envoltas a um posicionamento crítico diante das concepções de aprendizagem inovadoras, mantendo o foco no aprendiz e não no professor. Nesse contexto, a inovação pedagógica se traduz-se em novas ideias e concepções podendo ser compreendida através de um acompanhamento sistematizado em lócus.

Parafraseando Fino, não se pode esperar que a etnografia promova a inovação pedagógica, mas é possível utilizar a etnografia para descrever e para compreender as práticas pedagógicas.

3.3 Educação e o novo contexto educacional

A educação contextualizada garante o direito a uma educação de qualidade para todos, contribuindo com a transformação da sociedade. A inovação das práticas pedagógicas faz-se necessária para garantir que os educandos aprendam de forma espontânea.

Contudo, a construção da inteligência acontece em diversas etapas ou estágios sucessivos com complexidades crescentes, o que Piaget chamou esse processo de construtivismo sequencial.

Para Fino (2008) “*as práticas pedagógicas ocorrem onde se reúnem pessoas*”. A construção de conhecimento ocorre independentemente dos espaços considerados “instituições escolares”, a transformação na educação depende do esforço de cada um, autonomia, criticidade e protagonismo, no processo de busca pela aprendizagem efetuada pelo próprio aprendiz. Para Fino (2007, p.2) “o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção muitas vezes inesperada”.

No mesmo trabalho, o autor ainda diz que o pensamento explícito, ou implícito leva o sujeito a questionar a aprendizagem a partir do envolvimento com a prática pedagógica, tomando como base as percepções e habilidades, compreendendo assim, os princípios fundamentais da inovação pedagógica.

Portanto, a inovação pedagógica numa perspectiva de melhoria na educação implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas que envolvam o posicionamento crítico e a ruptura de paradigma, acelerando as transformações sociais e inserindo a escola como cenário de mudança no contexto atual.

Nesse contexto, as instituições escolares precisam romper com o paradigma fabril, currículos fechados, turmas organizadas por série, atividades descontextualizadas e com a ideia de ter o professor como protagonista. Toffler (1970) destaca que devemos olhar para frente e não para o sistema ultrapassado do passado.

Fino (2008 e 2009) diz que “a inovação pedagógica não é algo que deve ser procurado nas reformas do ensino, nem nas alterações curriculares, ou programáticas, embora ambas possam facilitar ou inspirar mudanças qualitativas nas práticas de ensino”. Por isso, a inovação pedagógica deve ser concebida através de

estudos, pesquisas e experimentos, devendo, a educação, ser inspirada e estimulada por ideias e pensamentos voltados para criticidade.

De acordo com o pensamento do autor, a inovação pedagógica diz respeito a mudanças significativas que ocorrem nas práticas pedagógicas; da mesma forma, ele aponta como verdade o fato de que a inovação pedagógica não se concretiza efetivamente apenas com o uso dos computadores. Pensando o construtivismo, Papert (1996) declara:

O construcionismo busca meios para valorizar a construção das estruturas cognitivas, a partir da sua própria construção de mundo, sempre desempenhando um papel essencial na realização de uma nova educação, não sendo a máquina o foco central, mas a mente e, particularmente, a maneira em que movimentos intelectuais e culturais se auto definem e crescem. (Papert, 1996)

É interessante salientar que, a inovação pedagógica implica também em uma mudança de atitude do discente, de suas reflexões, criatividade, pensamento crítico, incluindo uma nova forma de organização do espaço escolar. Nesse sentido, é importante trabalhar na perspectiva de desenvolver o gosto pela leitura e a habilidade do aprendiz, para que este reconheça que é possível produzir conhecimento de forma autônoma.

Confluindo com o pensamento do autor, a inovação pedagógica em uma instituição de ensino deve ser estimulada por ideias e movimentos que vão além da fronteira local, trata-se de uma opção individual em nível local, correndo o risco de esbarrar no conteúdo curricular, na cultura hegemônica também local e nas práticas pedagógicas ortodoxas.

Nesse sentido, a inovação pedagógica passa por mudança de atitude, o que implica reflexão, criatividade, sentido crítico e autocrítico, incluindo nova forma de organização do espaço educacional que deve ser repensado pelo sistema educacional. Portanto, as inovações pedagógicas são mudanças nas práticas educativas abraçadas por pessoas que querem aprender, assessoradas por pessoas que tem a responsabilidade de criar contextos de aprendizagem favoráveis.

No contexto educacional é preciso que aconteça o envolvimento entre os sujeitos da comunidade escolar, havendo integração entre eles, principalmente no que diz respeito aos estudantes para que se sintam estimulados a construir uma aprendizagem significativa. Papert (2008, p.39) declara que a primeira estratégia para uma mudança profunda consiste em mobilizar o “*estoque de conhecimento intuitivo*,

empático e do senso comum sobre a aprendizagem”, acrescentando que reconhecê-lo é um dos primeiros passos para o seu fortalecimento.

A inovação das práticas pedagógicas garante que os educandos aprendam de forma espontânea. Portanto, a construção de conhecimento acontece em diversas etapas ou estágios da vida do ser humano numa complexidade crescente, denominado construtivismo sequencial por Piaget. Outro aspecto primordial nas teorias construtivistas, é a quebra de paradigmas que surge sempre como desafio, elemento fundamental na consolidação de novas políticas educacionais.

Refletir sobre inovação pedagógica no processo educacional sob a perspectiva construcionista é compreender a importância de incentivar a participação dos sujeitos na efetivação do aprendizado, oferecendo novas oportunidades sólidas de crescimento acadêmico, objetivando um olhar pedagógico holístico, produzindo, assim, uma construção social positiva. Para tanto, é fundamental compreender as competências de prática pedagógica numa visão panorâmica de como o construcionismo pode influenciar o processo de fortalecimento da aprendizagem, evidenciando a importância de se conhecer e respeitar o saber dos alunos.

Buscar a inovação pedagógica no contexto de discussão prática e teórica é compartilhar competências significativas no universo da cognição. Freire (2006) sugere que práticas inovadoras permitam que os educadores estabeleçam novas relações com seus educandos e destes com a aprendizagem, ou seja, a aquisição de conhecimentos deve estar baseada na aprendizagem e no sucesso escolar.

Considerando a complexidade do aprender, o domínio da aprendizagem concreta faz necessário explorar os aspectos subjetivos, conduzindo o estudante a potencializar suas experiências e habilidades a partir de experimentações, estabelecendo uma ligação entre o que o sujeito já sabe e o que necessita aprender.

3.4 Construtivismo e Construcionismo

O construtivismo, tal como o construcionismo, constitui uma alternativa no decorrer da construção de conhecimento, buscando redefinir a relação sujeito-objeto e, ressaltando a postura construcionista de produzir inteligibilidades teóricas que sustentam a produção da ação humana.

Compreendendo Construcionismo com base no construtivismo piagetiano, define a criança como ser pensante que constrói seu conhecimento. O objetivo do construcionismo seria, assim, o de transformar o sujeito em pesquisador, alcançando o máximo de aprendizagem, com o mínimo de ensinamento.

Criar ambientes favoráveis de aprendizagem permite que o estudante aprofunde suas ideias e crie condições para transformar e desenvolver outros conhecimentos baseado nas experiências. Despertar para novos conceitos coloca o aprendiz em sintonia com aquilo que ele considera importante para sua formação.

Ao abordar o Construcionismo defendido por Papert (1996) **comentar** cinco elementos são essenciais: a) **dimensão pragmática**; que vê o conhecimento como algo a ser usado imediato b) **dimensão sintônica**; que visa a contextualização, deferente do estudo tradicional; c) **dimensão sintática**; que coloca o sujeito em contato com meio e a partir dele desenvolve sua cognição; d) **dimensão semântica**; em que o sujeito descobre novos conceitos e por fim; e) **dimensão social**; que aborda elementos relacionados ao pessoal e cultural.

Fundamentalmente precisamos pensar e repensar nossos conceitos, defendendo prioridade, atribuindo razão através de experimentação e sensibilidade e focalizando os aspectos do seu pensamento, construção esta que exige interação entre sujeito e objeto.

Segundo Piaget (1987), “mesmo o mais radical construtivismo tem que postular algo como um mecanismo geral de inteligência inato” definido pelo autor como os processos de assimilação e acomodação.

Para Piaget somos sujeitos ativos quando “interpretamos a experiência para assimilá-la aos nossos esquemas e teorias”, e somos ativos ao mudar nossos esquemas e teorias de forma a acomodarem-se à realidade. Influenciado por Marx, Vygotsky (1984), buscou uma resposta de caráter nuclear que evitasse o dualismo mente-corpo. Assim, o modelo de aprendizagem pensado por ele queria ser uma alternativa “marxista” à concepção construtivista de Piaget centrada no indivíduo.

Confrontando ambas as fontes, Vygotsky (1984) nega que a atividade cognitiva interna e externa do sujeito seja idêntica, enquanto que Piaget enxerga o crescimento das estruturas cognitivas como necessário para que aconteça a aprendizagem. Consciente, da abordagem socioconstrutivista, que trata do conhecimento como

produção social dentro do construtivismo, pode-se afirmar, que o construtivismo postula interpretações e ações de um sujeito ativo, construtor de suas cognições.

Considerando o conhecimento como sendo relativo e dependente de um conjunto de práticas e condições sócio históricas, o construcionismo promove o reconhecimento de práticas pedagógicas construtivas e convida à transformação social.

Piaget (2010) afirma que “a escola deve desenvolver e orientar as capacidades, evitando as repetições, tornando o aluno protagonista, valorizando a aprendizagem significativa e colaborativa”. Nessa perspectiva, a teoria construtivista propõe que o estudante seja visto como um ser em desenvolvimento, capaz de construir o novo. Para o autor, o conhecimento não está no sujeito nem no objeto, mas ele se constrói na interação.

Para Piaget, (2007, 86), “o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado nas estruturas internas do sujeito, e sim como resultante de uma construção continua”, uma vez que só será conhecido pela mediação necessária, rompendo com alguns paradigmas da educação.

Tomando como base a transposição das principais concepções da teoria de Piaget para o campo educacional, é de suma importância refletir a educação como um processo mais amplo, espontâneo e assistemático da aprendizagem.

Diante do contexto, o construcionismo propõe que o sujeito participe ativamente do próprio aprendizado mediante a experimentação, o estímulo e o desenvolvimento do raciocínio, destacando a importância da ação do sujeito sobre o objeto e, considerando que cada ação humana tem duas dimensões: “assimilação e acomodação”. Piaget (1976) comentar acredita que “o processo de formalização do pensamento tem como base a maturação biológica, seguida de processos de interação com o meio, originando estágios universais de desenvolvimento”. O autor ainda acrescenta que a construção de significados se dá quando:

Se integra ou assimila o novo, aquilo que está sendo aprendido, aos esquemas que já se possui. E, é esta assimilação ao esquema prévio de compreensão que dá significado a um fenômeno. Tem-se assim uma acomodação, um enriquecimento significativos de habilidades, ao se modificarem, adquirem novas potencialidades. (PIAGET, 1976, p.72)

O fazer pedagógico fundamenta-se em reconhecer o sujeito como responsável direto pela sua formação crítica e consciente, bem como pelo seu papel atuante na sociedade, quebrando paradigma e contemplando o novo.

Para Papert (1987), as etapas de maturação biológica se intensificam na proporção que o conhecimento se torna fonte de poder para ela. Por isso o autor propõe um estudo das operações concretas pesquisadas. O autor ainda assume que não se deve apressar o intelectual da criança do pensamento operatório concreto para o formal. É importante respeitar o tempo entre os processos para que o progresso mental de criação aconteça espontaneamente.

Enfatizando que a aprendizagem se dá em diferentes ambientes e por conexões individuais e coletivas, podendo o educador facilitar a vinculação de projetos com a realidade do educando, integrados com diversas áreas do conhecimento.

A valorização do conhecimento e, da criatividade torna-se urgente, repensar a educação como critério contínuo e permanente. Atualmente educar significa transcender os recursos tecnológicos, dominar e desenvolver a capacidade de questionar e de tomar decisões.

Essa mudança implica em rever a maneira de pensar a educação e de enfrentar desafios, com consciente de que o sujeito ativo é responsável pela sua formação educacional. Nesse contexto, a realização de atividades contextualizadas ganha um novo significado na educação.

Uma aprendizagem significativa é capaz de estabelecer relações subjetivas, contrapondo o que já se sabe e como está aprendendo, as relações se estabelecem nos conteúdos aprendidos com as experiências, potencializando e atribuindo significados lógicos, pois não depende somente da estrutura do conteúdo, mas da forma como o mesmo é apresentado ao estudante.

Ao abordar a intencionalidade nas relações educando/conteúdo desperta no prazer em aprender, à medida que o sujeito constrói significados incrementa os projetos já existentes, aumentando a capacidade de ampliar as relações futuras.

Agregar computador e internet na aprendizagem amplia a dimensão de resultados que se pretende alcançar diante do tempo e do espaço que vão além do contexto local, podendo apresentar competências importantes, criando condições para que o estudante não esteja apenas sendo instruído, mas sim construindo – ou

seja, indo além da informação dada, possibilitando que o mesmo possa compreender de forma crítica o verdadeiro sentido do aprender a aprender.

A proposta do construcionismo defendida por Papert é conceber uma nova concepção de escola, novos paradigmas educacionais que visem mudanças na aprendizagem. Segundo o autor, a filosofia do construcionismo, na verdade, uma reconstrução, onde o estudante edifica seu próprio conhecimento, sem desconsiderar o aspecto institucional.

Portanto, o construtivismo postula que o resultado lógico do esforço científico ocorre especialmente quando o aprendiz está engajado. Assim, o construtivismo é um paradigma teórico elaborado a partir de observações sistemáticas e metódicas da própria prática.

Piaget (1996) estudou cientificamente como a aprendizagem ocorre e desenvolveu, por sua vez, a teoria denominada epistemológica genética, com o intuito de explicar o desenvolvimento da inteligência humana. Na concepção piagetiano, a aprendizagem acontece quando a pessoa estabelece relações com o conhecimento.

Papert (1994) diz que:

Habilidade mais importante na determinação do padrão de vida de uma pessoa, hoje já se tornou a capacidade de aprender novas habilidades, de assimilar novos conceitos, de avaliar novas situações de lidar com o inesperado. (PAPERT, 1994, p.5).

O construcionismo trouxe uma efetiva contribuição para a aprendizagem. Com o advento da internet, podemos entender que a sociedade vem se transformando, de forma expressiva, sua maneira de interagir com o seu habitat, o que fez surgir novas exigências no contexto educacional. Vygotsky (1984), “o estudante aprende e desenvolve-se realizando tarefa através da interação com os outros e com o meio”.

Com o surgimento do trabalho colaborativo, a aprendizagem passou a acontecer na interação entre sujeitos, possibilitando assim, a construção de conhecimento e de métodos que atendam à demanda social.

A aprendizagem com base no construcionismo traz uma concepção de construção de conhecimento, defendendo que o indivíduo é responsável pela sua própria aprendizagem, além de ser, ele mesmo, que determina quando e como aprender, devendo ser respeitado no seu tempo e em seu potencial.

Assim, o sujeito aprendiz deixa de ser um mero expectador para construir-se como um sujeito que constrói seu próprio conhecimento.

Pensando nisso, vale salientar a importância de que todo aprendizado deve ser prazeroso, tendo em vista que toda produção de conhecimento deve proporcionar prazer naqueles que estão envolvidos. Portanto, a prática pedagógica numa perspectiva construcionista não pode ser vista ou recebida de forma passiva por nenhum dos agentes, mas deve ser construída ativamente pelo sujeito aprendente.

Contudo, o conhecimento é resultado da reflexão e de ações planejadas e debatidas, sendo assim, o construcionismo propõe a consolidação de projetos contextualizados que fortaleçam a relação aprendiz-objeto em uma ação mútua com o meio.

Então, é possível compreender que a partir do construtivismo piagetiano proposta por Papert (1994) “a criança é construtora de suas próprias estruturas cognitivas, sem ser ensinada”.

3.5 Construcionismo e Inovação Pedagógica

Refletindo sobre o construtivismo desenvolvido por Jean Piaget, buscou explicar o conhecimento e como ele é desenvolvido pelas pessoas em diferentes momentos de suas vidas, viu-se, no subtópico anterior, que as pessoas constroem conhecimento na medida em que agem sobre o objeto de conhecimento e, por sua vez, sofrem uma ação deste objeto.

Desta forma, assumindo que a aprendizagem deve ser ativamente construída pelas pessoas. Papert (1994) propõe que educar consiste na criação de situações em que os aprendizes se engajem, ou seja, atividades que alimentam o processo construtivo.

Nessa perspectiva, educar é principalmente dar condições para que os discentes construam seu próprio conhecimento. Ao trabalhar segundo as ideias construcionista aprendem-se melhor quando se pesquisa, reflete, sobre aquilo que faz sentido na vida. Partindo desse referencial faz-se a reflexão sobre o construcionismo, já que o mesmo é um espiral de conhecimento, pois, os aprendizes podem explicitar suas ideias e gerar um registro de seus pensamentos, podendo assim usar para construir novos conhecimentos.

O Construcionismo propõe uma inquietação no âmbito institucional, problematizando as práticas educacionais vivenciadas, tomando como base o protagonismo do sujeito perante sua formação acadêmica.

Essa abordagem de sujeito construtor de seu próprio conhecimento frente à dimensão do exercício da autonomia e da reflexividade das ações pedagógicas passa por uma revolução institucional, política e social, num propósito de compreender o novo contexto educacional sugerido pelo construcionismo.

Com base na epistemologia genética de Piaget, é possível inferir que o sujeito desenvolve sua inteligência em constante interação com o meio, apesar de ser afetado por fatores biológicos:

O conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo, nem dos objetos já constituídos que lhe imporiam, resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre sujeito e objeto, e que dependem. Portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em virtude de uma indiferenciação completa e não de trocas entre formas distintas (Piaget, 1990, p.8).

Tomando por base esta concepção, os sujeitos são vistos como construtores do seu próprio conhecimento, uma vez que, através da interação, formulam hipóteses e resolvem situações inéditas que contribuem para a construção de uma evolução cognitiva.

Pensar numa escola que forme cidadãos críticos é acreditar na concretização da inovação pedagógica a partir de sujeitos que assumem o desafio de protagonizar a construção do seu saber, conscientes da importância de seu papel na contextualização e assimilação do conhecimento.

Num contexto construtivista, entende-se que, o sujeito é responsável pela formação intelectual, potencializando suas habilidades e competências numa perspectiva de desenvolvimento imprescindível nos diferentes segmentos sociais.

Sob esta perspectiva entende-se que o sujeito possui conceitos não científicos que lhe permite estabelecer e desenvolver novos conceitos, partindo do princípio que a inteligência é determinada por ações mútuas entre o sujeito e o meio.

Neste capítulo são apresentados fundamentos que evidenciam a necessidade de mudança na prática educacional e na concepção de cidadania, visto que a sociedade contemporânea exige uma participação ativa dos sujeitos.

É importante refletir sobre a prática educacional, não se pode esperar passivamente por transformações sem estar efetivamente envolvido com o processo educacional.

A contextualização se faz necessária para que seja implementado um seguimento de educação que atenda a sociedade vigente, uma vez que a transformação social é fruto da interação entre os segmentos da sociedade. O fazer pedagógico fundamenta-se numa proposta de reconhecer no aprendiz o potencial de construir seu próprio conhecimento, reconhecendo-o como sujeito: criativo, crítico e reflexivo, consciente do seu potencial enquanto sujeito pensante.

Aprender sugere atribuições de significados, o sujeito não pode aprender um conteúdo sem lhe atribuir o significado adequado, aprendizagem não é memorização.

Assim a relação entre o pensamento e a ação faz toda a diferença no desenvolvimento da aprendizagem, expressando conceitos significativos numa concepção defendida por Vygotsky nos estudos sobre sócio interacionistas quando relaciona a aprendizagem ao desenvolvimento cognitivo.

Para Vygotsky (1989), a relação do indivíduo com o meio social está sempre mediada pelo outro. Com isso, para estimular o sujeito a desenvolver uma relação ativa com o conhecimento é necessário provocar aprendizagens, a partir do estabelecimento das experiências da vida pessoal e social.

A quebra de paradigma suscita o pressuposto filosófico gerando a incerteza e dá sentido a mudança na ação de construir o conhecimento, que significa compreender a nova postura do sujeito diante da altivez cognitiva dos atores sociais, frente a um sistema contundente e, salientando, que o desafio é enfrentar as transformações sociais, possibilitando um novo redirecionamento das intenções educacionais, favorecendo o exercício crítico do pensamento pedagógico, levantando o debate sobre temática que coloque o sujeito como pesquisador, investigador, pensando e repensando suas ações e a forma como está construindo sua aprendizagem.

O envolvimento de todos garante a criação de ambiente favorável para que as transformações educacionais aconteçam, inclusive partindo as rupturas nas práticas pedagógicas.

Parafraseando Fino, a aquisição do conhecimento está condicionada internamente, pois o indivíduo aprende através do conhecimento acumulado, como

também por experiências compartilhadas, refletido nas diferentes aprendizagens, podendo existir conhecimento semelhante, mas nunca idêntico.

O acesso ao conhecimento permite ao indivíduo determinado domínio podendo ser transformado em saber, sem generalizar, combinando aprendizado e experiência pessoal.

A aprendizagem contextualizada se torna um fenômeno a partir de conversão de laços contextuais. Para Fino (2008):

A inovação pedagógica pressupõe o empoderamento do aprendiz e procura uma ruptura com os papéis tradicionalmente atribuídos a docentes e discentes. O sentido da inovação pedagógica é, portanto, o da heterodoxia. FINO (2008)

Compreende-se, assim, que inovação pedagógica implica em mudança significativa das práticas pedagógicas, colocando o sujeito com pensador, produtor crítico e reflexivo dentro do sistema educacional, dando ênfase à matemática e não a didática.

Segundo Fino, (2008) não podemos confundir inovação curricular com inovação pedagógica. Tomando como base a teoria epistemológica defendida por Piaget, tem-se que a aprendizagem se dá através da interação com o meio e com o objeto, sendo competência do professor organizar e acompanhar as ações, de modo que a provocação propicie a construção de conhecimento.

Compreender a intervenção do professor contribui para que o sujeito avance na teoria e na prática educacional, confluindo com atividades flexíveis, alcançando assim, o sucesso desejado.

Paulo Freire (1997) coloca a educação voltada para a realidade do educando tornando-o capacitado para construir e reconstruir os caminhos, melhorando inclusive, a convivência em sociedade.

Assim, ao considerar o sujeito como construtor do próprio desenvolvimento, propõe-se que ele seja autônomo e que esteja preparado para tomar decisões individuais ou do grupo.

Ao refletir sobre o processo de aprendizagem dentro da inovação pedagógica em questão, podemos afirmar que a mesma se concretiza a partir do envolvimento do sujeito com os instrumentos que possibilitem a aprendizagem e o crescimento

peçoal. As pesquisas e estudos autônomos bem articulados parecem ser o caminho ideal para uma caminhada de sucesso.

O estudo em diferentes espaços e tempo torna a aprendizagem mais atraente no meio acadêmico, dinamizando assim, os temas geradores a serem vivenciados no período de cada etapa de estudo vivenciada pelo educando.

Paulo Freire (1987 p.20) diz que “conhecimento e produção tornam-se processos indissolúveis na aprendizagem humana, construídas juntamente com as mediações e experiências do espaço pelo qual está inserido”.

Numa concepção de sujeito responsável pela transformação de conhecimento e que assume o papel de protagonista na construção de saber, torna-se urgente repensar a educação, caracterizada como processo contínuo e permanente.

A valorização do conhecimento, da criatividade e a exigência de novas habilidades, fazem do indivíduo senhor da sua história. Isso significa dominar e transcender os recursos tecnológicos e as transformações ocorridas nas últimas décadas.

Não podemos falar em inovação pedagógica sem atribuir a demanda de informações que as redes sociais têm nos impostos.

Ao fazermos uso de instrumentos tecnológicos abrei-se um leque de oportunidades metodológicas, que devem estar atreladas a alterações nas propostas educacionais. Acreditando que o fenômeno da inovação, supõe não só uma mudança de materiais, mas também um conjunto complexo de fatores quanto à intencionalidade e originalidade.

Nesta perspectiva, o uso das tecnologias fortalece as pesquisas a criar situações desafiadoras e inovadoras na construção de uma educação de qualidade capaz de impulsionar e desenvolver o sujeito, permitindo assim, maior liberdade de ações individuais e coletivas, como também, promove um diálogo intersocial na resolução de problemas diversos.

Assim, a mudança requer uma experiência de computador muito mais contínua e social do que é possível com duas máquinas ao fundo da sala (Papert, 2008).

Pensar em uma mudança significativa na aprendizagem ultrapassa a implementação de meios técnicos, o importante é que um novo conceito de educação esteja pautado no compromisso com o crescimento social e intelectual do sujeito.

O construcionismo defendido por Papert coloca o educando no centro de todo o processo de construção de conhecimento, embora a escola ainda não seja um *lócus* de desenvolvimento das potencialidades humanas.

É essencial evidenciar que a inovação pressupõe não apenas reformas educacionais ou curriculares, mas, sobretudo, transformações da prática pedagógica.

A inovação na prática pedagógica é importante para que o sujeito tenha a oportunidade de aprender de forma autônoma, experimentando diferentes vivências pedagógicas.

Sabendo que a inovação advém de situações que colocam o educando como sujeito da própria aprendizagem, não mais condicionado ao educador. Papert (1986 p.20) argumenta que “dizer que estruturas intelectuais são construídas pelo aluno, ao invés de ensinadas por um professor não significa que elas sejam construídas do nada”. Pelo contrário, como qualquer construtor, o sujeito se apropria da cultura que o rodeia e se adéqua a sua necessidade.

É preciso reconstruir as instituições escolares, livrar a cultura escolar da decadência sob a qual está imersa, e que sentenciou indivíduos ao longo da sua vida acadêmica.

É importante que o novo conceito de educação esteja pautado no compromisso com o crescimento social e intelectual, construindo cidadãos críticos e criativos. Sabendo que o construcionismo possibilita ao indivíduo um conhecimento significativo, especialmente quando o mesmo está engajado em abrir portas para a inserção de novas práticas educacionais.

3.6 Inovação pedagogia e cidadania

O esforço intencional e específico entre as relações resulta na construção de uma educação inovadora, portanto construtiva.

Acreditando que o construcionismo propõe um desafio para os aprendizes podendo extinguir o abismo existente entre escola e sociedade, suprimindo assim, as lacunas existentes.

Desta forma, compreendendo que a aprendizagem é ativamente construída pelas pessoas, consciente que a consolidação nos espaços escolares acontece

quando o sujeito contextualiza suas aspirações, fazendo da escola um *lócus* de desenvolvimento das potencialidades.

Neste sentido, o construtivismo propõe uma inquietação no âmbito institucional, problematizando as práticas educacionais vivenciadas e tomando como base o protagonismo do sujeito perante sua formação acadêmica.

Essa abordagem de sujeito construtor de seu próprio conhecimento frente à dimensão no exercício da autonomia e da reflexividade das ações pedagógicas é fato que passa por uma revolução institucional, política e social, num propósito de compreender o novo contexto educacional proposto pelo construtivismo.

Na construção de novas estruturas cognitivas é preciso ter equilíbrio na reflexão e na superação de conceitos de que a educação está atrelada ao professor e a currículos. É importante compreender que no construcionismo, o professor é apenas facilitador da aprendizagem.

Baseada no pensamento piagetiano, ser autônomo significa estar apto a cooperativamente, construir relações permeadas pelo respeito mútuo. A autonomia não está relacionada com isolamento, mas sim com a capacidade de aprender individual e coletivamente, respeitando o ritmo de cada um.

O sujeito constitui formas de ação através da consciência e das relações sociais, buscando caminhos para a superação social através da interação sujeito/realidade. Vygotsky (1988 p.25), diz que “o sujeito não é só ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais”. Portanto, a construção de conhecimento está diretamente relacionada com o meio social, fator indispensável para a aprendizagem.

A construção de projetos contextualizados aumenta consideravelmente as chances de acontecer aprendizagem. Mediado pelo educador o sujeito sente-se desafiado para realizar atividades nas quais ele acredita. Ou seja, a possibilidade de progredir no seu desenvolvimento cognitivo é superior ao daqueles que estão acomodados.

A descoberta de novos conceitos propicia o desenrolar de múltiplas ações que na dimensão social possa integrar as relações socioculturais. É essencial que o sujeito compartilhe informações, movimente-se por diversas fontes, buscando sempre organizar as ideias e autonomia nas escolhas de projetos do seu interesse.

Contextualizando que a construção de conhecimento deve ser tão importante quanto o produto, por isso, todo esforço deve estar concentrado na dinâmica que leve a uma aprendizagem significativa.

Baseada numa perspectiva construcionista é importante considerar a capacidade e a apropriação de elementos que envolvam habilidade e criatividade. Entendemos que a educação deve ser fundamentada em pesquisa e reflexão voltada para a vivência em sociedade, rompendo com métodos arcaicos, ultrapassado que não aproxima o sujeito do saber.

3.7. Inovação Pedagógica e as tecnologias

A atividade contextualizada está vinculada a realidade do aprendiz, estabelecendo relações com outros sujeitos propiciando um ambiente favorável a novas aprendizagens.

No contexto escolar diferentes aspectos devem ser considerados dentro da variante cultural da inovação pedagógica. Fino (2009) destaca que é necessária uma tomada de consciência, para o autor o termo inovação pedagógica significa, "um salto qualitativo nas práticas pedagógicas, que envolve um posicionamento crítico, explícito, uma descontinuidade ante as práticas pedagógicas tradicionais".

A utilização de instrumentos tecnológicos promove uma mudança significativa na vida dos sujeitos e concomitantemente na educação, intensificando-se o discurso da necessidade de usar novos instrumentos tecnológicos.

Portanto, é essencial a busca do pensamento construído a partir dos questionamentos e da utilização da tecnologia aplicada à formação acadêmica do aluno.

Nesse processo de aproximação com a realidade dos sujeitos, é fundamental abrir o diálogo para compreender o que os mesmos entendem ser favorável vivenciar dentro do ambiente escolar e de que forma a tecnologia está sendo utilizada na aplicabilidade dos conteúdos vivenciados na escola.

As habilidades relacionadas ao uso da tecnologia delineiam um novo modelo para aprendizagem, pois a influência das mídias na construção de conhecimento tem sido imprescindível para uma geração cujo contato com a tecnologia tem

proporcionado uma aproximação cada vez maior com a pesquisa e com as descobertas científicas.

Nas atividades realizadas com auxílio da tecnologia, as relações de aprendizagem inauguram uma nova etapa do construir saberes, possibilitando relações comunicativas importantes no universo social vivido pelo aluno.

Na proposta construcionista de Papert (1994), o aluno usando o computador visualiza suas construções mentais relacionando o concreto e o abstrato por meio do processo interativo, configurando assim, a construção de conhecimento.

Papert (1994) argumenta que a criação de espaços ativos de aprendizagem permite ao aluno concretizar suas ideias e teorias. Para o autor, o uso da informática possibilita aos indivíduos condições para que mudanças significativas aconteçam no desenvolvimento educacional, já que o ambiente tecnológico desperta nos sujeitos a curiosidade, funcionando como instrumento que permite interação sujeito-objeto.

É preciso pensar criticamente como a tecnologia está sendo inserida dentro das escolas e analisar sua contribuição e sua finalidade na formação dos educandos. Outro ponto fundamental é compreender o sucesso das ações educacionais dentro do ambiente escolar associado ao uso dos computadores.

A formação acadêmica precisa estar baseada numa concepção ampla e universal da educação, transcendendo aos conceitos fragmentários da aprendizagem, e que esta provoque mudanças paradigmáticas, porque aprender implica atribuições de significados.

Um leque se abre para o desenvolvimento de metodologia de pesquisa que integra a tecnologia, enquanto instrumento e princípio epistemológico.

Só existe inovação pedagógica quando ocorrem mudanças nas práticas pedagógicas, não necessariamente apenas com uso dos computadores, mas com auxílio deles.

Com o advento da tecnologia auxiliando a pesquisa o trabalho tornou-se mais eficaz, a utilização da informática no processo educacional vai além do uso de equipamentos tecnológicos nas escolas, constitui na sua essência um novo olhar na busca do conhecimento, desde a sua idealização até sua consolidação.

O computador e as novas tecnologias são ferramentas viabilizadoras de ambientes educacionais, sendo fundamental para a formação dos indivíduos, no qual as ideias construcionista podem ser amplamente exploradas.

A introdução da informática na educação provocou diversas indagações a respeito da maneira como o mesmo poderia auxiliar na construção de conhecimento. Papert (1994, p. 42) afirma que “a tecnologia não é solução, é somente um instrumento”.

Nesse sentido, o uso do computador deve ser aplicado de maneira construcionista, influenciando significativamente na aprendizagem do sujeito e no processo formativo do mesmo, compreendendo que o sucesso da tecnologia no sistema educacional depende da metodologia usada, pois o computador deve ser usado de forma construtiva e não instrucionista.

Para que o computador seja eficaz do ponto de vista educacional, é preciso a criação de ambientes de aprendizagens estimulantes e enriquecedores, nos quais o computador seja apenas um instrumento que ajuda no desenvolvimento de habilidades.

Na abordagem construcionista de Papert (1994) o aprendiz constrói conhecimento por intermédio do computador, no entanto, o computador deve ser apenas um suporte para exploração, interação, investigação e descobertas que o ajude na sua formação, construindo um saber fundamentado nas pesquisas, tornando assim, a aprendizagem satisfatória.

A introdução das tecnologias nas instituições educacionais tem sido objeto de vários estudos e pesquisas, englobando potencialidades, criatividade, apontando uma mudança de concepção de construção de uma aprendizagem que atenda e respeite a diversidade.

Podemos afirmar que nas atuais perspectivas tecnológicas e educacionais, a educação vai além de equipar as escolas com computadores e de conectar as escolas às redes, é preciso direcionamento na construção de projetos pertinentes que respeitem as especificidades dos diferentes campos de conhecimento.

Para Papert (1994), os computadores podem e devem ser utilizados como instrumentos para trabalhar e pensar novas ideias, no entanto, não podem ser vistos apenas como uma forma de apoio à instrução automatizada: o papel do sujeito é determinante nesse processo.

Sob este alicerce e ainda segundo Papert (1994), podemos designar o termo construcionismo para mostrar outro nível de construção de conhecimento que acontece quando o sujeito elabora (em um computador e utilizando a linguagem de

programação – LOGOS) um objeto do seu interesse, aproximando-se dele. Percebe-se, assim, que o uso da informática nessa abordagem se configura de maneira antagônica à inicialmente introduzida pelo instrucionismo, por exemplo. Nesse sentido, segundo Papert (1994): “A ação realizada pelo aprendiz na interação com o computador, favorece o desenvolvimento a construção mental, num movimento dialético entre o abstrato e o concreto”.

A proposta construcionista de Papert aborda a aprendizagem do sujeito usando o computador, relacionando o concreto e o abstrato por intermédio de uma interação onde seja permitido o teste de suas ideias e teorias, tendo a tecnologia como aliada para construir mudanças significativas em seu desenvolvimento, podendo ser manipulada tanto por crianças e pessoas leigas em computação, quanto por usuários avançados do LOGO.

De outra perspectiva, formula Toffler (1980) que a terceira onda representa uma mudança radical na vida das pessoas, permitindo que seu tempo seja mais aproveitado, podendo, assim, ser classificada como a era da informação e da tecnologia, onde o futuro está ao alcance de todos que se apropriarem da criatividade, ou seja, que fizerem uso proveitoso das fermentas postas à disposição pelo avanço da informática.

Diante da complexidade do aprender a fazer, é bem verdade que os sujeitos precisam de liberdade e autonomia pedagógica para explorar suas habilidades, impulsionando ambientes favoráveis à aprendizagem. Desta forma, o conhecimento deve estar pautado no fenômeno da curiosidade humana perante o novo, o não descoberto e o proibido. Nesse entremeio, vale destacar que a inovação por si só não é abstraída unicamente de aspectos políticos, institucionais e pedagógicos; de forma semelhante, a inovação não se concretiza efetivamente apenas pelo uso de computadores.

O computador tem sido uma ferramenta importante no processo de construção da aprendizagem, no qual o pensamento construcionista pode e deve ser amplamente explorado. Nesse sentido, ainda segundo Papert (2001), a “tecnologia não é solução, é somente um instrumento. Logo, a tecnologia por si não implica em uma boa educação, mas a falta de tecnologia automaticamente implica em uma má educação (2001, p.2)”.

Abordagem significativa do uso das tecnologias na educação representa um marco importantíssimo na sociedade contemporânea, fomentando novas ideias e expandindo outros valores.

Na mesma esteira de pensamento de Piaget (1975; 1978), Vygotsky (1989; 1998) e Papert, podemos afirmar que o uso das tecnologias desperta o interesse, estimula a criatividade e desenvolve o raciocínio, apresentando aspectos positivos numa perspectiva construtivista (advinda Piaget), interacionista (inaugurada por Vygotsky), e, construcionista (disseminada por Papert). No entanto, é preciso acompanhar e monitorar as informações nessa nova etapa de transição para que seja qualitativa.

Não existem resultados positivos sem a organização do sistema e a elaboração de novas concepções de promoção da educação, tendo como aliada à tecnologia e a comunicação, em uma perspectiva que estimule o processo construtivo educacional.

De acordo com o primado de Piaget (1975), a aprendizagem deve estar centrada no aluno, respeitando as diferentes realidades desses indivíduos. Na outra ponta deste paradigma, os conteúdos não devem ser concebidos como um fim, mas como instrumentos evolutivos no desenvolvimento dos sujeitos.

É necessário, nesse contexto, reorganizar as ações educacionais de forma interativa, na intenção de favorecer o pensamento cognitivo.

Para Papert (1994) a investigação era uma forma diferente de aprender, na qual o sujeito agia como criador do conhecimento, saindo do estágio estático para um processo ativo de aprendizagem. Para o autor, essa mudança acontece em uma dinâmica de cultura de responsabilidade social, coexistindo com o meio em que se está situado/engajado, potencializando e refletindo sobre experiências compartilhadas com outras pessoas, assumindo uma postura central, enfim, podendo assumir autonomia na escolha de projetos que sejam de seu interesse.

Nesses trâmites, ações pedagógicas organizadas por meio de pesquisas e projetos contribuem para transformações na educação. Compreendendo que promoção de soluções possíveis para o quadro de problemas que apresenta a educação hoje perpassa por diversas instâncias, mobiliza estruturas específicas e necessita de muito investimento e do engajamento dos sujeitos no contexto da aprendizagem que consideram significativa para sua formação.

É essencial, assim, proporcionar as condições para a criação de ambientes motivadores, onde a interação com os educandos possa instigar seus interesses e, desta forma, incentivá-los a construir seu próprio conhecimento.

Segundo Papert (1994) “é na investigação que se encontram diferentes formas de aprender”, lugar que também situa o sujeito que age como criador de conhecimento, passando de mero receptor de informações para o estado ativo no desenvolvimento da aprendizagem, assumindo comando do seu próprio desenvolvimento.

Nesses moldes potencializar as experiências do sujeito na construção de ambientes investigativos promove o interesse pessoal sobre o desejo de compartilhar experimentos com outras pessoas, servindo de referencial para a organização de outras ideias. Neste contexto, o sujeito assume a autonomia na escolha de projetos, consolidando o efetivo crescimento pessoal e profissional.

Assim, a inovação pedagógica abre um novo espaço para o fortalecimento acadêmico que reflete nas ações realizadas no contexto escolar. Essa abordagem é de grande relevância e ampliam saberes e práticas educacionais, elementos essenciais na formação pedagógica do sujeito, vista em resultados com maior arcabouço científico, integrando teoria e prática, concretizando, assim, um elo importantíssimo na formação da cidadania dos educandos.

4. LEITURA NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM: MUNDO ENCANTADO DA LITERATURA

A prática da leitura nas escolas tem se tornado debate dentro do contexto educacional, percebendo-se qual a sua importância para aprendizagem, ressaltando a problemática da falta de biblioteca nas escolas que compromete a vida escolar dos alunos.

O distanciamento da leitura implica em falta de hábito de ler. O contato com os livros promove uma diversidade de significados: crítico e social. A prática da leitura torna o sujeito mais consciente da sua formação “ler é mais do que um processo individual, é uma prática social”.

Segundo Freire (2008) “A leitura do mundo precede o da palavra, daí linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Em sua experiência de vida, o sujeito já tem contato com a leitura de mundo, sendo interpretada de maneira diversa, pois cada um tem seu jeito próprio de ver as coisas que o rodeia.

A prática da leitura transforma a realidade do aprendiz, é uma atribuição contínua de significados, o que significa dizer, a leitura em sua subjetividade provoca a compreensão de mundo fantástico do saber, sendo grande elemento da sociedade.

O incentivo à leitura resulta na formação do leitor, a prática da leitura é um fator essencial na vida do educando transformando em qualidade a relação textual leitor/leitura.

A intenção de compreendê-lo tem o poder de transformar o leitor passivo em leitor crítico capaz de formular conceitos. Por isso, a biblioteca deve ser amplamente explorada, devendo ser propagada dentro da sua função social.

Sabe-se que muitas escolas no Brasil não têm biblioteca, e as que têm estão sendo utilizado de forma inadequada, fato este, que tem sido muito discutido nos debates institucionais.

É praticando a leitura que se aprende a ler, tornando-se um bom leitor, já que se sabe que é praticando que se aprende a nadar, se é praticando que se aprende a trabalhar, é praticando também que se aprende a ler e a escrever. Freire (2008).

A capacidade intelectual se desenvolve através da leitura tornando a pessoa crítica, assim, incentivada a ler constrói novos saberes e se propõe a instigar suas habilidades querendo sempre mais. Bacha (1975), “A leitura é como andar, só se pode ser denominada depois de um longo processo de crescimento e aprendizado”

A leitura possibilita o surgimento de novas ideias e estimula o imaginário, despertando a curiosidade do leitor para diversas questões da sua vida. Pois, ler não é apenas um entretenimento é sem dúvida uma ferramenta onde o sujeito pode ampliar sua visão de mundo, contextualizando e aprofundando sua interpretação enquanto sujeito/leitor.

A leitura liberta a criatividade do indivíduo, elemento fundamental para que o mesmo esteja apto para discutir sua formação. Porque ler vai além de decifrar código, ler é dar sentido as palavras é aplicar na vida aquilo que aprendeu com a leitura.

Para os autores Martins (1986) quanto para Freire (2008) viver precede a leitura, ao ler muitos se identificam na forma escrita da leitura. Desta forma, ela tem o papel de tornar o cidadão crítico, com estrutura sólida para enfrentar a vida em sociedade. “A compreensão crítica da alfabetização envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”

4.1 Leitura e transformação social

Aprende-se ler lendo isto é fato, como também é obvio que o sujeito deve ser incentivado desde cedo a ler, o poder público deve investir em biblioteca parte física ou itinerante, disponibilizando um ambiente agradável para que o estudante sinta-se motivado a ler tranquilamente e adquira o habito da leitura, ou seja, a cultura da leitura.

Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil 1998, p.36), “os recursos didáticos e procedimentos devem viabilizar e enriquecer a aprendizagem das pessoas, favorecendo a construção de sua aprendizagem e os caminhos percorridos para efetivá-la”.

O abarcamento do sujeito com a aprendizagem deve propiciar um sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco na observação e interpretação dos aspectos sociais e humanos, refletindo sobre as relações entre os fatores que podem intervir no desenvolvimento humano.

As diversas maneiras de aprender devem ser contextualizadas, permitindo que o sujeito se relacione com os aspectos que estão presentes na vida pessoal, social e cultural, desenvolvendo competências e habilidades através de vários níveis de reflexão que incorporam conceitos e significados.

Formar um leitor competente, supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto [...] Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1999, p.69)

A leitura abre um leque de oportunidades de crescimento intelectual, capaz de descobrir e redescobrir inúmeras formas de interpretações, ensinando a compreender as ciências e o mundo a sua volta.

Compreendendo que ler sempre será o meio mais efetivo de interiorizar o conhecimento. Ler é pertencer a um meio que se reconstrói em diferentes formas, pensamentos e ideias.

A leitura é uma integração, o hábito de ler não é hereditário, portanto, incentivar a ler é a mais eficaz forma no processo da construção de conhecimento. Sem sombra de dúvida a leitura é fonte de sabedoria e inspiração, a mais legítima forma de aprendizagem.

Freire (2008) *“quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo”*. O aluno que lê, interpreta e pega gosto pela leitura, pois compreende o sentido do que está escrito. Ler qualquer gênero textual desperta no aluno a curiosidade libera o imaginário e conseqüentemente o conhecimento.

A curiosidade do aluno pode ser despertada através de atividades concretas, por isso é preciso interpretar o texto que se ler, compreendendo que nas entrelinhas as descobertas vão além do escrito.

Para Freire (2008, p.59) *“estudar exige disciplina, pois estudar é criar e recriar, é não repetir o que os outros dizem”*. A falta do hábito de ler remete ao histórico cultural de uma geração, a leitura sempre esteve restrita a um pequeno grupo elitizado da sociedade, a grande massa da população sem acesso a educação aderiu aos meios de comunicação (TV, rádio etc.) que não necessita de uma educação formal para se informar, deixando os livros em segundo plano.

A leitura na sua diversidade transforma o indivíduo, transmite conhecimento, mobiliza as emoções, promove o debate e o raciocínio reflexivo. Portanto, a leitura precisa estar presente em todos os ambientes formais e não formais para que de fato a educação aconteça.

Ser leitor é querer saber o que passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que passa na nossa. Essa atitude implica na possibilidade de distanciar-se do fato, para ter uma visão de cima, evidenciando o esforço teórico. Foucault (1994, p.30)

Tratando-se de um ato complexo, a leitura é uma atividade complexa por ser de natureza cognitiva, afetiva, argumentativa e reflexiva, implicando ainda em relações simbólicas frente ao contexto social do leitor. O hábito de ler se enraíza através da prática, embora existam diversas competências que podem favorecer a aprendizagem, a leitura exerce um papel fundamental na competência cognitiva e social na vida do indivíduo.

Parafraseando Paulo Freire, a leitura do mundo deve ser realizada de forma coerente, uma leitura contextualizada capaz de desenvolver pensamento crítico e ações desafiadoras diante do mundo e das mudanças ocorridas na sociedade. É fundamental a construção de texto autêntico onde o sujeito possa expressar a sua realidade subjetiva desejos e medos, ou seja, sua inquietação através da escrita.

Considerando que a leitura desvela a escrita expressa. Portanto, a educação por ser um ato político deve ser explorada desde muito cedo na vida dos indivíduos, para que movido pela curiosidade sejam capaz de fazer a leitura do mundo que o rodeia o qual possa se transformar realidades.

Diante do exposto sobre a importância da leitura surge a inquietação sobre a falta de bibliotecas nas escolas que dificulta o acesso a livro e conseqüentemente a leitura. Frente a essa realidade, justifica-se este estudo sobre a importância da biblioteca itinerante para a elevação das práticas de leitura em contextos sociais desfavorecidos.

Casaletti (2009)

“No Brasil, o gasto familiar com material relacionado à leitura é considerado supérfluo, menos de 0,5% do orçamento doméstico, muito abaixo dos destinados a compra de aparelhos eletrônicos (1,8%), menos de dois livros por habitante no período de um ano. Na França, a média é de sete livros. Nos Estados Unidos da América - .EUA, cinco. Estima-se que 70% dos brasileiros nunca frequentou uma biblioteca”.

É importante que a leitura se torne acessível para a população. Faz-se necessário uma política pública educacional que seja difundida em todos os segmentos sociais.

A leitura como elemento de conscientização e valorização do pensamento crítico, onde a participação de cidadãos seja efetivada, e que o acesso à leitura seja para todos.

O verdadeiro leitor é aquele que faz da leitura não apenas passatempo, mas meio de crescimento pessoal e intelectual, que se dispõe a descobrir a literatura como o caminho para mudança cotidiana e se depara com um leque de possibilidades de pensar. (NASCIMENTO, 2009, p. 65).

O direito a informação pressupõe o desenvolvimento de conhecimento, nesse sentido é condição para o exercício pleno da cidadania. Atualmente, o desafio para humanidade é compreender que ler e escrever são muito mais que dominar técnicas literárias é sentir-se adequadamente inserido no mundo.

O processo de construção do sujeito é na verdade uma autoformação. Através da comunicação efetivamos nosso papel de cidadãos na construção de subjetividades, nossa compreensão de verdades e limites.

Para muitos ler é uma atividade interativa altamente complexa pelo simples fato da leitura não fazer parte do dia a dia, a leitura requer uma atitude de prática no sentido de desmistificar a ação/reflexão produzindo à inquietação e a incerteza.

A leitura desenvolve a imaginação, potencializa a interpretação e estimula a ação, prepara o sujeito para enfrentar situações futura acadêmica e social. Bil Gates afirmou: “sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever inclusive a sua própria história”.

4.2 Formação de leitores numa sociedade contextualizada

Desenvolver o hábito da leitura desde a infância é a maneira mais eficaz, torna a capacidade de aprendizagem mais aguçada do sujeito, pois potencializa sua concentração, melhora seu desenvolvimento educacional aumenta seu vocabulário, ampliando seu potencial.

Sendo o livro um meio eficaz de transmissão de conhecimento e da cultura, o gosto pela leitura deve ser incentivado em todos os âmbitos. Com advento das novas tecnologias o livro eletrônico vem sendo utilizado, mas o formato em papel continua em evidência, garantindo as novas gerações o acesso à literatura de forma mais ampla.

Através da leitura se identifica a identidade de uma nação e os valores positivos a serem transmitido de geração para geração, para que sejam superados os entraves existentes nas mais diversas áreas do saber, é preciso fortalecer o incentivo ao hábito da leitura.

Muitos estudiosos defendem a leitura como sendo: ler por prazer, para estudar e para se informar, o fato é que a leitura quebra paradigma desenvolve estratégia e habilidades e constrói cidadãos dinâmicos e autônomos.

Se a leitura transforma vidas, por consequência é transformadora, ao ler o leitor viaja no mundo imaginário e até cria vínculo com os personagens, a leitura é uma fonte inesgotável de conhecimento.

Drummond já dizia: “a leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente sede”. “Um livro é o machado que quebra o mar gelado em nós.” (Franz Kafka), “Sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de biblioteca.” (Jorge Luis Borges), “A leitura é, provavelmente, outra maneira de estar em um lugar.” (José Saramago), “A leitura engrandece a alma.” (Voltaire).

O interesse pela leitura pode estar relacionado com o ambiente do indivíduo, permitindo que o acesso à leitura seja hábito dos que o rodeiam, facilitando assim, o envolvimento com o meio literário. Nesse contexto, o ambiente escolar é mais um lugar que favorece a circulação de informações que vem só a enriquecer e aprimorar o processo linguístico.

Leitura é basicamente o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sobre as influências de um determinado contexto. Souza (1997)

A prática de leitura é uma constante em nossas vidas de forma muito intensa, (leitura de vida), no entanto parece tão distante. A construção de novas aprendizagens acontece através da leitura que possibilita a aplicação daquilo que se aprende, fortalece as ideias, é algo crucial para o crescimento intelectual do ser humano.

Linguagem e realidade precisam ser relacionadas dinamicamente e a experiência de vida dos alunos deve ser valorizada. Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreendido, interpretado, relacionando o que se lê com a própria vida, ações e sentimentos. A leitura significativa e contextualizada, que leve em conta as experiências do aluno enquanto participante do processo de aprendizagem. Freire (1989).

O incentivo pela leitura deve ser constante, porque ninguém se torna leitor por obediência, ninguém nasce gostando de ler, a influência começa no meio que se vive, o despertar para a leitura começa no lar, sendo aperfeiçoado sistematicamente na escola ou não. O estímulo a leitura faz o sujeito despertar o desejo de conhecer.

A leitura é o caminho para entender o mundo, levando em consideração as diversidades culturais e sociais, na formação do indivíduo que deve ser levado em consideração a realidade do mesmo, na perspectiva de se criar estratégia que viabilize a leitura de vida e de mundo.

Compreender que a leitura é necessária para formação social do indivíduo, é de extrema importância para o convívio social, base fundamental para a aquisição de conhecimento na formação profissional e intelectual do sujeito.

Valorizar a leitura é preservar e transmitir cultura, respeitar direitos e reivindicar melhorias, buscar construir uma interação entre teoria e prática. No contexto de formar cidadãos leitores, o desafio é muito grande visto que no nosso país a falta de hábito de leitura é uma realidade que precisa ser repensado.

A convivência em sociedade é ser desafiados na perspectiva de desenvolver habilidades perante seu conhecimento cultural. A aprendizagem adquirida no convívio social ajuda na aquisição de novos saberes. O aumento do acesso as informações possibilita a conscientização do papel do cidadão.

Para Martins (1994, p.23)

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido. Assim o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre leitor e o que é lido.

4.3 A prática da leitura: Inovando e formando leitores

A prática da leitura depende de estímulo e de motivação, a prática da leitura é tarefa fundamental para aquisição de conhecimento, gera opinião crítica e poder de decisão, expandindo horizontes e fortalecendo a aprendizagem. Freire (1998, p.11), “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto”.

Trabalhar com leitura tem a finalidade de formar leitores competentes, capazes de compreender o que leem e que identifiquem os elementos implícitos, estabelecendo, assim, relações entre o texto que leem e outros que já foram lidos e que estejam atentos à diversidade de sentidos que podem ser atribuídos ao texto. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – (1997).

A leitura chega ao momento de compreensão, conhecimento de mundo e conhecimento textual, juntas fazendo que o leitor identifique o tipo e a estrutura do texto no ato da leitura.

Criar condições de leitura não significa necessariamente que o sujeito ensine a ler, mas criar condições para que o sujeito realize sua própria aprendizagem baseado no seu interesse. Dialogar é dar sentido ao que se lê é dar oportunidades, no sentido de favorecer situações de novas aprendizagens.

Ler e contar história traz inúmeros benefícios para o estudante, a leitura desperta a imaginação e a criatividade, a leitura deve caminhar lado a lado com as atividades diárias dos sujeitos.

A leitura é o trampolim para alcançar o sucesso na aprendizagem, salientando que a leitura deve ser feita de forma autônoma, tornando-se um ato prazeroso.

O incentivo a leitura é a condição perfeita na ampliação de leitores, é necessário trabalhar a diversidade usando formas e estratégias para perceber o perfil de um bom leitor. Portanto, o gosto pela leitura deve nascer na infância. Se estimulado desde cedo à prática da leitura ocupa o lugar de destaque no aprendizado.

A leitura espontânea é de fundamental importância na formação de leitores, o incentivo e a presença de biblioteca nas instituições escolar proporcionam várias atividades inovadoras e motivadoras para os educandos que devem se apropriar de projetos de pesquisa para construir um leque de novas oportunidades.

Para Freire (1989)

Linguagem e realidade precisam ser relacionadas dinamicamente e a experiência de vida dos alunos deve ser valorizada. As crianças leem quando os textos apresentam significados para elas. A leitura contextualizada, que leve em conta as experiências do aluno enquanto participante do processo de aprendizagem contribui para uma melhor e mais agradável aquisição do processo de leitura.

A leitura tornou-se algo universal, acompanhar as transformações sociais a partir dos textos, torna nossos conhecimentos imortais. O texto nos leva a lugares imaginários serve de entretenimento e nos remete ao fascinante mundo do saber.

No contexto educacional, a prática da leitura tem se tornando um trampolim para aqueles que buscam ascensão social. A nova ordem social indica que a educação precisa volta-se para uma dinâmica que promova autonomia e que garanta uma abertura no campo da pesquisa, tendo a leitura como aliada. Para Brandão (2002) “o ato de ler é um processo abrangente e complexo; um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem”. Sendo extremamente importante a leitura permite ampliar horizontes dentro de um universo infinito.

Corroborando com esta ideia, Freire (1992)

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (1992:11-12).

A aquisição de habilidades literária permite ao cidadão processar informações suficientes para tomar decisões, transformar realidade, como também aplicar o conhecimento em diversas situações que envolvem aprendizagem.

Nos momentos de interação: sujeito e biblioteca itinerante (BI) parceria que se complementam, competência e habilidades com bases sólidas. De forma proativa as atividades pedagógicas que acontecem durante a visita da BI trazem contribuições que motiva e transforma.

Reorganizar a sociedade velha transformá-la para criar a nova sociedade não é tão fácil assim. Por isso, não se cria a sociedade nova da noite para o dia, nem a sociedade nova aparece por acaso. A nova sociedade vai surgindo com as transformações profundas que a velha sociedade vai sofrendo. Freire (1992)

Provocar debates sobre a importância da leitura é essencial, buscando assim, novos conhecimentos enriquecer suas vivências, valores e atitudes. Muitos são os textos (livros, revistas, contos, jornais, poemas etc.), devendo ser explorados para que ocorra a interpretação e não apenas uma “decodificação”, como afirmava Paulo Freire.

A convivência com interpretação crítica amplia o entendimento e enriquece o trabalho, concepção que lhe garante combater as injustiças sociais.

Na construção de caminhos que transportassem a um fazer pedagógico consequente e, convictos de que esse caminhar seria longo e entrecortado por trilhas e desvios inesperados, foram dados os primeiros passos em direção ao entendimento de que o saber é algo que deve ser, continuamente, produzido, numa atitude de análise da própria experiência de vida. (LARA, 1996, p. 194)

No mundo fantástico da explosão da imaginação bebemos nos lindos versos de Lara (1996, p. 204)

- Queremos uma escola onde a ideia não amarre, mas liberte;
- A palavra não apodreça, mas aconteça;
- A imaginação não desmaie, mas exploda;
- O pensamento não repita, mas invente um saber novo que é do povo.
- Escola oficina da vida, que se faz saber do bem querer.

Numa convivência democrática não se exclui tensões e a contradição é elemento presente na ação pedagógica a reflexão exige esforço para produzir ideias, confrontos são necessários para construir uma nova simbologia.

Refletir acerca da importância da leitura e da prática pedagógica voltada para atender as camadas menos favorecidas da sociedade, nesta perspectiva a BI atua com supremacia, num contexto carente, combatendo a desigualdade social de uma política perversa que mais atrapalha que ajuda. Parafraseando Possas: ler e escrever mais do que nunca precisa ser resinificada.

Ler um texto é algo sério (...) é aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde e determinado. (...) Implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação. Paulo Freire (1992, p.76.)

A diversidade existente no mundo pulsante nos leva a pensar em diversos conceitos e pensamentos, numa multiplicidade dentro do processo educacional aberto a novos conhecimentos a tornar livre, a construção do saber, a mobilidade conduz o sujeito por caminhos desejáveis.

Segundo Bamberger (1997, p.11) “o direito de ler significa igualmente o direito de desenvolver as capacidades intelectuais e espirituais da pessoa, o direito de aprender e progredir”.

Ainda segundo Bamberger (1997, p.31) “*quando aprendemos a ler bem não há fronteiras*”. A pessoa que sabe ler viaja para outros países, como também viaja no passado, no futuro, no mundo da tecnologia, na natureza, no espaço externo. Também descobre o caminho para a parte mais íntima do coração humano e passa a conhecer-se melhor e a conhecer melhor os outros.

Para Bamberger (1997, p.69), “Sempre que possível, os encontros com livros devem ser experiências realmente ativas. Exposições de livros na sala-de-aula, desenhos de livros e composições escritas sobre eles são uma adição interessante ao currículo normal”.

A leitura segundo Sole (1998, p.22) “*é um processo de interação entre o leitor e o texto*”; e nesse processo o leitor satisfaz a necessidade de informação.

Segundo Paulo Freire (1992, p.76.).

“ler um texto é algo sério (...) é aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso”. É tarefa de sujeito crítico, humilde e determinado. (...) Implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação. Paulo Freire (1992, p.76.).

É fundamental que o leitor se envolva com a leitura e se emocione adquira uma visão de protagonista do saber perante a comunidade.

Quando desejamos viajar para outro país precisamos de um passaporte, da mesma forma, o passaporte de leitor é o livro que nos ajudará a chegar em

outra terra, ou melhor, para muitas outras terras, essas terras pertencem a um mundo muito grande: o mundo dos leitores. (CHICAGO, p.29)

Ressaltando que a leitura propicia o desenvolver do pensamento e aguça o interesse pela literatura, uma viagem no mundo das palavras. É essencial o domínio pleno da habilidade de ler. Para Lucyk (2003) “*é necessário ler. Ler é transformar a escrita em fala. Ler é decodificar mensagens. Ler é interagir. Ler é compreender e interpretar. Ler, sobretudo, para aprender a arte de escrever*”.

Não podemos restringir a leitura apenas a livros ou textos, é preciso levar em consideração o diálogo do leitor com o objeto lido, referenciando o tempo e o espaço, desafiando a resposta do meio, pois cada realidade tem sua própria interpretação. Para Martins (2000), cada leitor mesmo fazendo a mesma leitura terá uma forma própria de entender o que leu.

Assumir a tarefa de se formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasil (1996, p. 70)

Contudo, a leitura constitui-se como uma forma de interação entre as pessoas, permitindo o alargamento das experiências. Considerado um recurso para combater a massificação, a leitura possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista, contribuindo para transformação da cultura e da sociedade.

A educação envolve formação e informação, a aprendizagem deve ser libertadora, pois, envolve curiosidade e, sobretudo a autonomia, direito de construir sua própria historia educacional.

O hábito de ler decorre do exercício diário, da perseverança e da dedicação, prática essencial para aprender de forma prazerosa.

4.4 A leitura vai além do entretenimento no contexto social

È imprescindível analisar a forma de pensar e aprender para assim, desenvolver estratégias de aprendizagem para que partam das condições reais do aprendiz, inserindo-os no processo histórico como agentes.

Os educandos devem sentir-se estimulados a aplicar seus projetos cognitivos, refletindo sobre suas próprias percepções no processo educacional, de modo que avancem em seus conhecimentos e em suas formas de pensar e perceber a realidade.

A construção de conhecimento é um processo interior do sujeito diante da aprendizagem. O final do século XX e início do século XXI caracterizou-se por grandes mudanças em praticamente todos os setores da vida humana, essas transformações são fatos marcantes, dentre os quais se destacam a leitura.

Na sociedade contemporânea a leitura tem sido fortalecida, a preocupação em ler cresce à medida que cresce a necessidade de obter informações, situação muito diferente da realidade vivida há alguns anos.

A leitura vai além do propósito de entretenimento, pois, determina o sucesso e a autonomia do cidadão, é preciso despertar para o hábito de ler de várias formas. Êxito e fracasso andam juntos, bons leitores têm mais facilidade para solucionar problemas que o cercam.

Até pouco tempo, a grande questão escolar era somente a aprendizagem de conteúdos, acreditávamos que conhecer era acumular conhecimentos. Hoje a motivação para a aprendizagem é um problema de ponta em educação, a sua ausência representa queda na qualidade na aprendizagem.

As teorias refletem concepções sucesso e fracasso escolar e, como tal, não são nem certas nem erradas. Mas, é preciso buscar mecanismo que permita a inserção de bibliotecas nas instituições escolares, nos levando a encarar a leitura como algo que realmente interfere no desenvolvimento. Quando alguém aprende algo novo, é como se conquistasse uma posição melhor, outro nível, para aprender outras coisas. Nesse sentido, nossa experiência mostra que a aprendizagem produz novos níveis de desenvolvimento.

Promovendo inclusão, conhecimento, cultura e lazer, a Biblioteca Itinerante (BI) é de crucial importância para fortalecer a leitura nas escolas, desenvolvendo habilidades, raciocínio e percepção da realidade, ou seja, promove o crescimento social e difunde a cultura, sobretudo, das classes mais excluídas.

Complexa e subjetiva, a leitura não pode ser deixada em segundo plano, pois, ler significa perceber e compreender as relações existentes: ideias, atitudes, reflexão, requisito fundamental de uma sociedade contemporânea.

Construir uma sociedade leitora é responsabilidade de todos, gerar possibilidade e intervir faz parte do meio acadêmico. No entanto, a intervenção é competência do poder político, oferecer condições adequadas para o sujeito, uma educação de qualidade.

É imprescindível para o progresso social, a biblioteca na escola aponta para a transformação, conhecimento e sucesso, concretizando a aprendizagem. Diante disso, pode-se concluir que a leitura é uma ferramenta primordial para tornar cidadãos críticos, consciente dos seus direitos e deveres.

É fundamental que se rompam as amarras da indiferenciação, uma vez que a aprendizagem é uma possibilidade, tanto para a criança como para o adulto, ou seja, conquistar a autonomia, sendo que esse processo passa sob a interferência de desejos de ordem inconsciente, e que deve ser estimulada desde a infância para que o resultado seja alcançando.

Observamos que a tríade comunicação – vínculo – conhecimento são aspectos interligados e interdependentes, cujos reflexos são observados no processo de construção de conhecimentos. Retificamos a nossa afirmação com o pensamento da psicanalista Melaine Klein (1997). *“O nível e o tipo de vinculação que o sujeito estabelece com outras pessoas que a cercam vão determinar o vínculo que são estabelecidos com o conhecimento, repercutindo, assim, na sua aprendizagem escolar”*. É através da motivação e do estímulo que o sujeito estabelece uma estruturação no contexto social.

As atitudes em relação à própria aprendizagem dependerão não só de habilidades e destrezas disponíveis, como do enfoque ou teoria implícita que o aprendiz tenha em relação à própria aprendizagem. Por sua vez, a disposição para os conteúdos da aprendizagem estará vinculada ao tipo de motivação que guia essa aprendizagem. (Pozo p. 195).

A motivação que impulsionam o indivíduo a compreender suas necessidades humanas, desde as essenciais até as mais complexas, como a autoestima e a auto realização. No que diz respeito à diferença entre estímulo e motivação, Murray (1986) aponta:

Uma pessoa é motivada, em qualquer momento, por uma variedade de fatores internos e externos. A força de cada motivo é o padrão de motivos influem na maneira como vemos o mundo, nas coisas em que pensamos e nas ações em que nos empenhamos (Murray. 1986 p.22).

A temática motivação tem sido amplamente discutida e compreendida a partir do entendimento de sua complexidade, a realidade se compõe de diferentes níveis de percepção, sendo múltipla e complexa, a compreensão também se torna complexa diante da diversidade.

Ao pararmos para refletir sobre a própria trajetória da aprendizagem, facilmente identificaremos a “influência” das pessoas que conviveram conosco, somos influenciados no nosso jeito de realizar determinadas tarefas e, até mesmo no que se refere a nossa preferência por leitura, passeios, sem falar daquelas disciplinas escolares em que encontramos maior ou menor grau de dificuldades durante a trajetória escolar.

Falar sobre as dificuldades de leitura das crianças seria uma forma encobridora de se referir à patogenia do grupo social na qual o sujeito encontra-se inserido. [...]. (Chamat 1997)

A discussão sobre a influência das relações afetivas no que diz respeito à vinculação do indivíduo com o conhecimento propõe uma abordagem sobre a importância da leitura na aprendizagem.

É preciso que a leitura seja inserida no cotidiano do sujeito de maneira dinâmica, fortalecendo o hábito de ler, para que o mesmo aconteça de forma espontânea, criativa sem a obrigatoriedade.

A pedagogia contemporânea entende que o processo de construção de conhecimento remete a aprendizagem, a uma educação que visa à formação intelectual e cidadã do sujeito e se efetivará no espaço pedagógico através de processos interativos de reflexão, de discussão e de permanentes questionamentos, de promoção de situações que permitam ao acadêmico mobilizar seus conhecimentos, resignificá-los e contextualizá-los frente aos nossos conhecimentos.

Zabala (2002), ao refletir sobre a importância da motivação na construção de conhecimento afirma que.

A elaboração do conhecimento requer tempo, esforço e envolvimento pessoal. Romper o equilíbrio inicial em que se encontra o conhecimento prévio não é fácil e, para consegui-lo, é preciso haver condições entre as quais é preciso situar, em um lugar destacado, a existência da atitude favorável, do interesse e da motivação para realizar as diferentes fases que levarão a construção de conhecimento (p.116).

Para melhor compreender a aquisição de conhecimento de forma espontânea é necessário conhecer a realidade de cada sujeito, respeitando os aspectos sociais, culturais e econômicos.

Um bom caminho para iniciar esse processo é partir da realidade vivida e percebida pelos educandos. Com isso, apontaremos para a ideia de que a educação transforma a ação do sujeito.

Mais claramente, o objetivo da educação não é formar indivíduos passivos, que aceitam a realidade como pronto, mas sim buscar a mudança através da crítica e da realidade vivida e percebida.

Se a história é feita e movimentada pelas transformações, deve a educação ser enfática nesse caráter, buscando a transformação social.

Os homens são frutos de seu tempo e conseqüentemente do meio que estão inseridos.

Ao aceitarmos esse pressuposto do materialismo histórico e dialético como verdadeiros, não estamos sendo deterministas, mas, ao contrário, apenas admitimos que é a sociedade que nos molda.

Como afirma Vygotsky, (1999), nossas características humanas são dadas pela interação com o meio físico e sociocultural. Assim, desde o momento que nascemos, estamos aprendendo, e a inquietação nos leva a caminho antes imaginado.

Para o autor, mesmo antes de ingressarmos na escola, onde recebemos a instrução formal, já possuímos uma série de conhecimentos chamados não formais, e, portanto, considerados significativos.

A criança atravessa determinados estágios de desenvolvimento cultural, cada um dos quais se caracterizando pelos diferentes modos pelos quais a criança se relaciona com o mundo exterior; pelo modo diferente de usar os objetos; por formas diferentes de intervenção e diferentes técnicas culturais (...)
(Vygotsky, 1996, p. 214).

Cabe aos educandos demonstrar em que contexto surgiu cada um desses conhecimentos, em lugar de apenas transmiti-los de maneira vazia e sem significado. Assim, conseguiremos romper com um dos graves problemas que afeta a educação: a falta de vinculação entre teoria e prática. Hengemuhle (2004), aprender significa, para nós, buscar respostas na teoria (conteúdos), para compreender as situações e resolver os problemas da realidade. Segundo o mesmo autor, o ser humano se motiva diante de um problema e cria a necessidade de buscar meios para solucioná-lo.

Vimos que a realidade histórica é construída, logo, possível de ser transformada. É saber que a aprendizagem não se resume apenas a decodificação de signos linguísticos, sem o domínio da leitura e da interpretação.

Pensar em educação é levar em consideração o social, é pensar numa educação que faça sentido na vida do educando, e como ele poderá modificar sua realidade. É compreender que, uma sociedade ajustada depende da educação do sujeito que a compõem.

5. TRAJETÓRIA METODOLOGICA: CAMPO DA PESQUISA

“A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, a conclusões inovadoras.” Lakatos

O presente estudo teve como base uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico e bibliográfico. Seguindo uma abordagem direta no campo de estudo, relacionando prática e teoria no contexto metodológico para a construção do referencial teórico. Para tanto, por meio de estudo e observações, focamos na investigação das práticas pedagógicas desenvolvidas após a visita da BI a escola.

Partindo de observações e estudo pretende-se desta forma, compreender as práticas pedagógicas que são desenvolvidas nos espaços escolares e qual a contribuição da BI e de que maneira tem impulsionado as práticas educacionais. Corroboramos assim, o que afirma Sousa (2002) ao sugerir que deve ser acrescentado ao núcleo duro do currículo um novo espaço de aprendizagem que promova o desenvolvimento educacional, propiciando o diálogo entre as práticas pedagógicas frente à diversidade.

Para uma melhor configuração textual e compreensão metodológica acerca da pesquisa observamos os participantes focando os diários de leitura como instrumentos de edificação do protagonismo dos sujeitos leitores. Sobre a base qualitativa Lapassade (2005) *“ressalta que a investigação qualitativa de base etnográfica exija esforço concentrado do pesquisador”*. Ao descrever e relatar os fatos e as atividades do cotidiano e as ações dos atores sociais no contexto da vida diária institucional, estudos comprovam que os resultados científicos aparecem mais sólidos.

A pesquisa etnopesquisa é fortemente argumentada por Macedo (2006), o qual sustenta que se trata de uma abordagem voltada mais para a “intensidade” do que para a “extensão” dos fenômenos. Destaca ainda, que a pesquisa deve ser coerente e autêntica. Nessa mesma concepção, a observação sistemática com base na

etnopesquisa leva o pesquisador a exercitar apuradamente o “olhar” e a “escuta” sensível, a sua inserção permitindo revelar que a posição pedagógica dos indivíduos deve ser assumida no contexto de aprendizagem, à medida que interagem e compartilham experiências.

Nesse sentido, a pesquisa etnográfica busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos no seu contexto, na sua cultura, de forma que a pesquisa etnográfica utiliza técnicas voltadas para a descrição densa do contexto estudado.

Dois pilares caracterizam o método etnográfico: a interação prolongada entre o pesquisador e a pesquisa em uma interação cotidiana no universo do sujeito. Mediante estas considerações, é importante salientar que a pesquisa envolve observação criteriosa, tendo como foco a interpretação dos sujeitos participantes da investigação, envolvendo uma visão holística do entorno sociocultural do sujeito.

Nestes termos, a pesquisa deve ser construída com base em uma pauta reflexiva, propositiva, pois, a formação se realiza enquanto fenômeno humano no convívio de aprendizagens. É nesse contexto que a etnopesquisa produz sua singularidade na medida em que ocorre, compreendendo as ordens socioculturais em organização, constituída por sujeitos intersubjetivamente edificados. Para Macedo (2000), “*é necessário conviver com o desejo, com curiosidade, criatividade, com suas utopias e esperanças*”. Observando a desordem e o conflito, atentos à precariedade, à pretensão, às incertezas e aos imprevistos.

Para obter êxito, assim, é necessário utilizar diversos dispositivos ou técnicas de coleta de dados. Tudo que diz respeito ao sujeito estudado é importante para fortalecer a relação no cotidiano. Sobre este aspecto Macedo (2000) afirma que “*na construção do saber científico, a etnopesquisa crítica não considera os sujeitos do estudo produto descartável de valor meramente utilitário*”. Nesses moldes, o sujeito faz parte ativamente da construção e reconstrução da pesquisa, tendo vez e voz nas ações, opiniões, interesses e preocupações. De acordo com os autores Lapassade e Macedo, a entrevista é um recurso muito significativo, por apresentar uma estrutura aberta e flexível.

5.1 Compreendendo a pesquisa de campo com base etnográfica

A pesquisa etnográfica busca obter compreensões ao registrar uma menção conclusiva. Reforçando que a pesquisa etnográfica, como modelo de captação exige um olhar para dentro do pesquisador, pois, nessa perspectiva, investigar representa um encontro profundo consigo mesmo, uma conexão com a subjetividade dos sujeitos e a do próprio pesquisador, que de certa forma pode esculpir existência, construir significados sociais e culturais, enquanto ator e autor sujeito da investigação.

Segundo Lapassade (2001) a observação participativa tende a designar um trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do pesquisador ao campo ao término da investigação, permitindo ao pesquisador participar das atividades como membro do estudo. Para o autor (2001), é importante que o pesquisador permaneça em *lócus* por alguns meses, pois, a observação participante torna o pesquisador protagonista. O compromisso com o estudo, a relevância científica social é tarefa que exige olhos exigentes e perspicazes.

Portanto, a observação foi cuidadosa, criteriosa, pois, a pesquisa foi realizada com muita interação, demonstrando que saber ver e ouvir atentamente é fundamental, registrando o mais fiel possível as informações pertinentes à pesquisa.

O fato é que a etnografia possui características básicas como: ênfase na exploração de fenômenos sociais, entrevistas em profundidade, investigação em detalhes e interpretação de significados e práticas sociais, o que não se esgota enquanto metodologia e requer tempo e acompanhamento sistemático. Afirmando que etnografia acompanha o homem e sua evolução e que o caminho é longo e, cheio de descobertas.

Assim, a pesquisa etnográfica, segundo Lapassade (2005), pode ser descrita como um *“encontro social”*. O autor tem indagado de que modo as condições de coleta de dados no campo, ao envolver dimensões de intersubjetividade como é o caso da etnografia e as relações de poder estabelecidas com os grupos estudados, afetam as interpretações produzidas e são objetos de relato no texto do etnógrafo. Para o autor a interação requer interpretação de preceitos que extrapolam os elementos visíveis em determinadas situações, pois a gramática da comunicação humana não se reduz ao conteúdo claramente instituído pela cultura, havendo movimentos significativos no

seu interior. Contudo, a abordagem etnográfica é uma ferramenta que contribui para a compreensão dos fatos utilizando todas as possibilidades.

O desenvolvimento do estudo na pesquisa foi válida e legítima, enquanto que ao pesquisar procurou dar inteligibilidade e validar os resultados, a forma, o saber e a representação que os sujeitos pesquisados manifestavam, constituindo possibilidades de uma pesquisa autêntica, partindo da convivência entre pessoas que se observam e se interpretam mutuamente. Nesses moldes, a interpretação da pesquisa etnográfica de dados aconteceu de acordo com a forma e a representação que os sujeitos pesquisados se manifestavam, e na medida em que a pesquisa acontecia.

Nesse contexto, a abordagem etnográfica pode ser observada em uma perspectiva de escrever/pesquisar não somente sobre, mas com o outro, ouvindo e colocando em enfoque a significação da realidade, apontando caminhos para desvelar situações que contribuam para mudanças de concepções que se engendram no contexto educacional, se caracterizando por múltiplas rupturas, abrigando tensões subjacentes e inovadoras, que as distanciam da teoria, práticas e estratégias ortodoxas.

Para Sousa (2000), “etnografia não significa apenas escrita, uma descrição, ela ultrapassa a visão restritiva”, podendo ser considerada como uma forma diferente de investigação educacional, estando ligada à Antropologia e à Sociologia qualitativa, diferente dos paradigmas tradicionais.

Destarte, a pesquisa etnográfica deve incluir todos os recursos necessários. A observação participativa coloca o pesquisador como protagonista da pesquisa compreende sua imersão naquela cultura por um determinado período de tempo, tornando-o capaz de proceder e de comunicar aquilo que fez e o que resultou do seu fazer científico.

Não é fácil, assim, reconhecer a pesquisa qualitativa, mas destacar a etnografia exige olhos atentos, o que torna a metodologia mais rigorosa e compromissada. Em uma abordagem etnográfica, procurar entender o significado das relações sociais e como elas se manifestam no âmbito da complexidade, produz no estudo um resultado significativo na interpretação, compreensão e na forma de intervenção, garantindo o êxito do pesquisador.

Macedo (2007) afirma que: “prática reflexiva e democrática de pesquisar, outras inteligibilidades podem emergir de forma explícita e fortalecer-se em poder”.

Nessa perspectiva, a pesquisa passa a contribuir para uma pauta reflexiva, propositiva na formação de questionamentos enquanto fenômeno humano, que colabora com aprendizagem significativa de sujeitos e das suas aspirações.

Em etnografia, o caminho percorrido durante as análises, os resultados da pesquisa e suas hipóteses, vão sendo construídos progressivamente à medida que os dados respondem ou não às perguntas dos pesquisadores. Entendendo que a pesquisa etnográfica, assim como qualquer pesquisa precisa de fundamentação teórica.

Compreendendo, nesse sentido que a relação entre a prática teoria e a etnográfica é caracterizada como indissociável, ação na qual não é possível uma distinção, por ser compreendida como práxis neste tipo de pesquisa etnográfica.

5.2 A realidade escolar, o cenário perfeito

Partindo da nossa realidade, elencamos o ambiente escolar, a sala de aula, como cenário perfeito para investigação. Referimo-nos a uma escola municipal de ensino fundamental localizada no município de Paratama (mais especificamente no Distrito de Brejo Velho) no agreste do Estado de Pernambuco. A escola em questão é a Escola Ministro Marco Maciel, que atende crianças e adolescentes da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

No ato da pesquisa, realizada entre (2017 e 2018), a escola apresentava cinco turmas de educação infantil e oito turmas de ensino fundamental. Segundo os números relatados pelos educadores, os índices de reprovação e de abandono escolar eram muito grandes.

Nessa intervenção, o projeto BI modificou a realidade dessa escola. O trabalho realizado implementou valores e proporcionou novas experiências, gerando afetividades que culminaram em resultados positivos no que diz respeito ao incentivo à leitura e ao despertar da curiosidade, força motora do ímpeto da descoberta/pesquisa/aprendizado pelo sujeito.

A condição física da escola permitia uma boa organização estrutural, salas amplas, os sanitários funcionavam e o laboratório de informática tinha computadores com internet, as disposições administrativas e pedagógicas eram satisfatórias. No

entanto, faltava à biblioteca, elemento fundamental para que o incentivo à leitura fosse de fato efetivado.

No que diz respeito aos recursos humanos, a escola contava com uma gestora, principal e, gestora adjunta, uma pedagoga e quinze professores, todos formados em Pedagogia e com especialização em Psicopedagogia. Frente ao que esses professores informaram sobre a estrutura da escola, resultados insatisfatórios foram constatados, de forma que os índices de desempenho dos estudantes eram baixos, o abandono e a reprovação eram preocupantes nesse contexto.

Infelizmente, a prática de leitura adotada pela escola era aquela de caráter obrigatório voltado para oralidade de decifração de códigos, que não pressupunha interação: nela não existia espaço para construção de sentido conjunto ou reflexão crítica de qualquer ordem. Essa realidade, acreditamos, ajudava a manter os índices de desempenho dos alunos frente às questões de escrita e leitura, muito baixa do esperado (ou nacionalmente regulado/exigido).

Durante a pesquisa observamos que os planejamentos dos professores com relação à leitura eram praticamente os mesmos, fechados e sem preocupação com as mudanças que ocorria no meio social em que os alunos estavam inseridos. Havia assim, uma verdadeira incompatibilidade entre escola e realidade.

Observamos ainda, nesse contexto que os conteúdos estavam sempre voltados para o livro didático, em uma sequência que não fazia sentido para o estudante, não existia a menor preocupação em se desenvolver atividades voltadas para a leitura.

A proficiência em Língua Portuguesa (entende-se a livre agência sobre a leitura e a escrita) e o domínio da Matemática eram desafios que a escola precisava resolver. Preocupada com o resultado dessa instituição, a Secretaria Municipal de Educação, implantou projetos de leitura que se voltava para a interação entre os alunos. Neste cenário, surge o projeto da BI que trazia uma proposta diferente, pautada em uma dinâmica de respeito à autonomia do aluno.

A comunidade escolar abraçou o projeto e logo foram observadas mudanças na aprendizagem. A proposta do projeto BI contempla atividades que priorizavam a prática pedagógica baseadas na construção, no diálogo e no acompanhamento, situando o espaço de aprendizagem em uma leitura de vida e de mundo do alunado.

Para melhor compreender o trabalho realizado na escola traçamos o perfil dos alunos envolvidos. Levando em consideração aqueles cujos resultados eram insuficientes, foram realizados a observação em *lócus* e obtivemos as informações necessárias na secretaria da escola.

Para fundamentar a pesquisa, realizamos também entrevistas com os alunos, professores e pais. De acordo com os relatos, as aulas estavam sendo realizadas de maneira mais atraente, assim diziam, declarando que a visita da BI à escola era muito importante e que gostavam de vivenciar as atividades de leitura.

Questionados sobre a realização da leitura a resposta era a de que a leitura sem a obrigatoriedade rompia com o antigo método adotado pela escola. O espaço e o sujeito estavam dialogando, a interpretação e a participação estavam fazendo sentido.

Nesta perspectiva, conclui-se que, a não obrigatoriedade da leitura não significava falta de metodologia, o que acontecia era que a didática deu lugar à matética. Ou seja, podendo interagir o aluno passou a construir seu próprio conhecimento. Em movimento análogo, o pesquisador, neste caso, envolveu-se com o objeto, facilitando as condições de produção da pesquisa. A lógica é que sujeito quando afetado pelo objeto em relação eminentemente dialética produz resultado satisfatório de aprendizagem, facilitando a consolidação da pesquisa.

Na pesquisa priorizamos as atividades de observar, compreender e conhecer em uma relação de respeito e de diálogo. Oriunda do espaço real (escola), a coleta ocorreu de forma sucinta, resultante da interação com o meio pesquisado.

Fazendo uso da metodologia qualitativa, pudemos investigar e erigir a eficiência do trabalho desenvolvido pelo projeto BI, dinamizando e formando leitores na escola pesquisada.

Assim, todo trabalho foi acompanhado em *lócus* pautado na observação e no acompanhamento das atividades realizadas na escola, focando a participação dos estudantes e as habilidades desempenhadas no que diz respeito às competências leitoras.

A coleta e análise de dados da pesquisa foram catalogadas para que pudéssemos obter uma visão geral do contexto. As descrições da cultura e da realidade ajudaram a delinear o panorama do problema ora investigado, a observação

sistemática dos dados, e as informações levantadas conduziram a investigação para novas perspectivas na pesquisa dentro do contexto inovação pedagógica.

A pesquisa foi realizada numa conversão de olhares, onde todo trabalho foi considerado inédito, permitindo uma aproximação entre pesquisador e o campo de investigação.

Mediante a diversidade de sujeitos, variedade de fontes de dados e diferentes interpretações, a pesquisa contribuiu para compreensão do papel da biblioteca itinerante na escola.

Assim, o universo cultural que foi estudado pelo pesquisador esteve repleto de significados, visto que, o cotidiano da escola foi compreendido como processo social, dinâmico e histórico. Para isso, a proposta da pesquisa se concretizou de forma aberta e flexível.

No decorrer da pesquisa houve alterações de forma que a busca pelas representações e opiniões coletadas na comunidade possibilitou compreender a importância da biblioteca para a comunidade escolar.

Portanto, a pesquisa permitiu o entrosamento entre pesquisador e o grupo pesquisado, por meio de uma relação construtiva de aproximação, já que valorizou-se o cotidiano escolar e enfatizou-se a educação enquanto processo social, cultural e histórico.

5.3 A biblioteca Itinerante e o campo da pesquisa

No campo da pesquisa a busca foi realizada e pautada na realidade da comunidade escolar e seus desafios para formar leitores. Por meio de estudos e relatos de experiências foram utilizadas estratégias metodológicas para alcançar o objetivo proposto pela pesquisa: o de envolver a vida individual do estudante com o seu contexto social.

Os relatos coletados durante as visitas à escola comprovaram que de fato o trabalho realizado pela BI era inovador e que as atividades vivenciadas estendiam-se à aplicabilidade no cotidiano dos estudantes.

Os indivíduos revelam suas percepções, atitudes e valores por intermédio de sua visão de mundo, lugar por onde a leitura, alargando essa visão, daí ressaltarmos que essa prática faz a diferença na vida das pessoas. Em se tratando da pesquisa, e

pautados nesse primado, adotamos a leitura como prática promotora da aproximação com a comunidade. Nesse contexto, a conversa informal trouxe resultados satisfatórios frente à pesquisa.

A evidência oral, transformando os objetos de pesquisa em sujeitos, contribui para uma informação que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, como também mais verdadeira, pois são os sujeitos que dão forma e conteúdo às narrativas, à medida que interpretam suas próprias experiências e o mundo no qual elas são vividas. THOMPSON (1992, p. 137)

A história oral tem importância como método eficaz na obtenção das informações em campo por colocar o sujeito como protagonista da ação, extraíndo da sua fala o essencial, analisando o que foi dito para que não haja distorção daquilo que o sujeito quis dizer.

Chegar mais perto da “*perspectiva dos sujeitos*”. Na medida em que o observador acompanha *in loco* a vivência, as experiências diárias dos sujeitos podem tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LUDKE 1986).

No mesmo sentido, para Dencker (2000), “uma característica importante das pesquisas qualitativas é a utilização de diferentes técnicas de coleta de dados em campo, sendo que as mais utilizadas são a entrevista aberta e a observação”. A confiabilidade da observação é de fundamental importância durante o período da pesquisa para que os resultados sejam autênticos e confiáveis.

A pesquisa, como princípio pedagógico, pode, assim, propiciar a participação do estudante tanto na prática pedagógica quanto colaborar para o relacionamento entre a escola e a comunidade. (BRASIL, 2013, p. 164).

Nesta perspectiva, o trabalho desenvolvido na Escola Ministro Marco Maciel seguiu as orientações na sua premissa. O foco recaiu sobre as atividades desenvolvidas no ato da visita da Biblioteca Itinerante (BI) e as transformações ocorridas no cotidiano dos estudantes e na prática educacional a partir daí.

Na sistematização da visita à escola, a metodologia abordada pela equipe da Secretaria de Educação tratou de levar a BI para escola e apresentar o material (livros, revistas, jogos) aos estudantes, deixando que os mesmos os explorassem livremente.

O contato dos estudantes com o acervo foi encantador, a curiosidade que despertou nos estudantes possibilitou um trabalho de leitura e produção, que culminou em um aproveitamento escolar satisfatório. A cada visita da Biblioteca Itinerante crescia o interesse pela leitura, pela produção e pela magia do mundo da Literatura.

Nas primeiras visitas da BI à escola, era impressionante o encantamento pelo projeto, toda a comunidade escolar (professores, funcionários, alunos, pais) a cada trabalho desenvolvido na escola prosseguiram a aumentar o desejo de aprender e de interagir, consolidando, assim, a aprendizagem.

O contato empírico com os livros proporcionou as condições para o reconhecimento de um trabalho construído livremente, a obrigatoriedade dava lugar à criatividade.

Posteriormente, os resultados começaram a aparecer: contadoras de história, músicos, atores e atrizes foram se multiplicando.

Segundo os relatos dos professores:

1. Alunos que não gostava de ler, hoje são leitores assíduos;
2. Textos foram escritos e peças teatrais foram produzidas;
3. Aumentou-se a participação nas atividades festivas da escola;
4. A aprendizagem melhorou significativamente;
5. O gosto pela Literatura e pela interpretação aumentou;
6. Diminuiu a evasão e a reprovação na escola.
7. Incentivou-se o pensamento reflexivo dos estudantes;
8. Ampliou-se a capacidade de estabelecer conexão entre diferentes contextos;
9. Favoreceu o desenvolvimento das habilidades cognitivas, emocionais e sociais;
10. Construiu-se um elo entre as diferentes áreas de conhecimento;
11. Melhorou-se os índices de desenvolvimento educacional;
12. A participação dos pais na escola se intensificou.

A aprendizagem construída durante a visita da BI deixou legados que se consolida a cada dia, independentemente da presença da biblioteca itinerante na escola. A continuidade das atividades se amplia no decorrer das aulas, sendo explorada pelos professores mediadores de aprendizagem para além da experiência. Para tanto, no processo de formação são aprofundados aspectos teóricos e práticos das ações de forma intencional e lúdica.

5.3.1 biblioteca itinerante – carro adaptado



Figura 1- Fotos extraídas do arquivo biblioteca itinerante 2016

5.3.2 o mundo encantado da leitura



Figura 2- extraídas do arquivo biblioteca itinerante 2017.

5.3.3 A Construção do conhecimento



Figura 3- extraídas do arquivo biblioteca itinerante 2016.

5.3.4 A contação de histórias e a música



Figura 2 extraídas do arquivo biblioteca itinerante 2016.

5.3.5 A leitura em ação



Figuras 4- extraídas do arquivo biblioteca itinerante 2017.

5.4 A prática da leitura no contexto educacional

A atividade desenvolvida pela BI na escola acontece de forma dinâmica e contextualizada envolvendo as modalidades de ensino (Infantil e Fundamental) como também contempla uma diversidade de estudos e pesquisa nas Artes, construindo uma nova maneira de fazer educação.

A aprendizagem na Escola Marco Maciel, tem se intensificado em torno do conhecimento do aluno, tomando como base o próprio contexto escolar e as múltiplas inter-relações.

A coleta de dados sobre o trabalho desenvolvido na escola aconteceu nos meses de fevereiro a junho de 2018. O acompanhamento do trabalho de pesquisa se caracterizou pelo engajamento dos estudantes nas atividades propostas pelo grupo (alunos) e na observação dos impactos dos resultados obtidos na aprendizagem.

Com relação à pesquisa, o maior problema de fato era a falta de um ambiente de leitura que possibilitasse o estímulo e o prazer em ler. Neste contexto, o acervo da biblioteca itinerante supriu esta lacuna existente, dando ênfase às produções,

interpretações à autonomia do estudante na escolha do material para estudar. Desta forma, a BI cumpre seu papel de levar conhecimento e despertar a criatividade, sendo compreendida como elemento fundamental, quebrando o paradigma de que à leitura só acontece em escolas que possuem bibliotecas convencionais e bem equipadas.

Podemos afirmar que a BI é um espaço lúdico de brincar com os livros, espaço que proporciona o desenvolvimento linguístico e cultural dos educandos, pois estabelece um raciocínio crítico reflexivo, em que o mesmo possa expressar sua criatividade.

Os questionamentos e a inquietação são intensificados por meio da pesquisa individual ou coletiva, construindo e reconstruindo conhecimento de maneira autônoma. Evidenciamos, assim, que a visita da BI foca na dinâmica das atividades que desenvolve e vem se tornando uma promotora de saber na era da informação, favorecendo uma pluralidade de conhecimentos.

Com a obtenção dos resultados da pesquisa, foi possível identificar a diversidade de ações realizadas no ato da visita, ficando evidente que a Biblioteca Itinerante é um projeto inovador. Nesse contexto, dentre as ações desenvolvidas, destaca-se:

- 1- Leitura, produção e interpretação de histórias, contos e fabulas pelos alunos;
- 2- Pintura baseada na interpretação da leitura autônoma;
- 3- Confeção de material didático e exposição;
- 4- Música e paródias criadas após leitura silenciosa;
- 5- Apresentação de peças de teatro e criação de figurinos;
- 6- Bate-papo envolvendo pais e mestres.

Se inovação e mudanças estão correlacionadas e implicam na melhoria da qualidade da educação, podemos afirmar que a BI tem de fato contribuído de maneira significativa para a transformação social, cumprindo com o papel de levar conhecimento por intermédio da leitura e do entretenimento, quebrando paradigmas e preconceitos. Piaget (2009, p. 17) afirma que “*compreender é inventar, ou reconstruir por reinvenção*”. Assim, no contexto educacional a inovação assume o diálogo que conduz à cognição.

As práticas pedagógicas se fortaleceram por meio das novas dinâmicas de trabalho, aprofundando as ferramentas da gestão escolar inovadora. Fica evidente

que os resultados foram satisfatórios. Com isso, percebe-se, que o acompanhamento de novas metodologias adequadas e bem estruturadas resultou em um trabalho eficaz, desde o planejamento até a execução.

Portanto, ficou constatado que o trabalho de leitura que acontece na Escola Marco Maciel através da BI é inovador, e que promove meios para transformar a realidade daquela comunidade. A aprendizagem, nesse contexto, tem sido um fator surpreendente: os índices de reprovação e de evasão estão abaixo da média do município.

Durante a pesquisa contamos com duas personagens representantes da escola que muito contribuíram para este resultado: uma contadora de histórias e uma aluna do Ensino Fundamental. No decorrer dos trabalhos pudemos observar o que a BI representava para aquela comunidade. Observações, depoimentos e entrevistas, foram elementos importantíssimos para compreender a colaboração que a mesma dava para o fortalecimento da leitura e da aprendizagem.

Segundo uma das professoras envolvidas no projeto, Rejane “*o trabalho só faz sentido se tiver aprendizagem*”. O aprendizado é assim, um resultado desejável, e a intervenção é fundamental para o sucesso. A socialização influencia de forma positiva no rendimento escolar, impulsionando as aptidões e as habilidades, superando o egocentrismo.

Enfim, a pesquisa foi conduzida com muito êxito, em uma abordagem colaborativa. O professor deixou de ser autoridade e passou a ser mais um recurso, transformando-se em mediador das atividades, fazendo intervenções e, dando oportunidade para que o estudante construísse seu conhecimento de forma individual e coletiva.

6. BIBLIOTECA ITINERANTE: LEITURA, INTERAÇÃO NUMA PERSPECTIVA INOVADORA

Compreendendo que a leitura exerce influência na vida das pessoas e no seu modo de pensar e viver, a BI assume papel fundamental para as comunidades que não tem o hábito de ler por falta de biblioteca. Atualmente a falta de leitura é uma das maiores preocupações dos educadores, nesse sentido, a BI vem contribuindo de forma considerável para sanar essa lacuna que tanto tem prejudicada a aprendizagem e a formação dos estudantes.

A diversidade do acervo que contempla e acompanha a BI e a existência de diversas produções, colabora com a qualidade da educação ofertada e demonstra que é possível fazer educação respeitando limites e valorizando competências e habilidades.

A ausência de biblioteca na escola fragiliza o trabalho docente o que impacta diretamente no desenvolvimento social, cultural e econômico. Entende-se, que a formação de leitores é fruto da dinâmica e da prática cotidiana, vivenciada e construída ao longo da vida acadêmica.

A trajetória do sujeito leitor constitui significativamente para o crescimento pessoal, motivado a pesquisar e dotado de pensamento positivo, o leitor promove a abertura para diálogos construtivos capaz de revolucionar o mundo.

Numa construção de sentidos pautado na aprendizagem autônoma e significativa, fica evidente ser imprescindível que a leitura esteja presente no meio social, para servir de instrumento que garanta e favoreça a criticidade do cidadão.

A construção de uma sociedade ativa e participativa perpassa pela valorização da formação do sujeito. Refletir sobre leitura é buscar resposta para vários questionamentos sobre diferentes áreas. Assim, empolgante ou atraente e bastante complexa a leitura deve fazer parte da vida dos estudantes.

No contexto atual ler ultrapassa a representação de signos, pois, a leitura é o diálogo mais presente entre sujeito e objeto.

Os desafios de construir uma sociedade leitora passam pela altivez de estudantes que com base em pesquisa constroem seu próprio conhecimento, função

primordial na discussão sobre teoria e prática. As relações de poder se configuram em interesses políticos que mais atrapalham que ajudam.

Ao longo da história são muitos os motivos para o não incentivo a leitura, material caro, falta de investimento nas escolas, especificamente em bibliotecas, etc. No entanto, muitas rupturas têm acontecido, destaque para os avanços científicos e tecnológicos que tem impulsionado as diferentes maneiras de ler.

A chegada da tecnologia trouxe a informação de forma globalizada, rompendo com os limites econômicos e emergindo diversos suportes que passaram a apoiar os trabalhos pedagógicos.

Os olhares se voltam para a tecnologia, mas mudanças tecnológicas têm auxiliado na prática pedagógica, pesquisa intencional ou livre, o fato é que necessariamente a escola precisa ter biblioteca fixa. Mas, mesmo não tendo, a leitura acontece através da Biblioteca Itinerante (BI).

O acesso à informação tornou-se amplo e rápido, o que ajudou na interação entre, sujeito e conhecimento. Alterações sociais aconteceram e provocaram mudanças especificamente na vida dos leitores a partir de elementos complementares, ou seja, as Bibliotecas Itinerantes, circulantes, móveis, entre outras denominações.

6.1 A contextualização: prática pedagógica transformadora

Entendemos que a leitura como prática social transforma, podendo ser denominada interacionista. Dialogicamente, leitura é uma ação complexa transformadora por que está ligada diretamente à construção de sentidos, numa perspectiva de mobilização de saberes de si, e do outro.

Nesse contexto para Kramer (2000)

“A leitura sendo mediata ou mediadora é conduzida pelo leitor para além da informação momentânea, é facultado a ele pensar, criticar, estabelecer relações entre o antes e o depois, compreender e ser parte da história, com a possibilidade de alterá-la ou apenas dar a ela continuidade” (KRAMER, 2000, p.36).

A leitura na contemporaneidade não pode ser interpretada ou influenciada para transformar meros receptores em leitores, porém, deve ser colocada como proposta que subsidia a aprendizagem e que mobiliza sujeitos.

É indispensável o hábito de ler na atualidade, tendo em vista que sua ausência compromete a ascensão social, sendo considerado fator determinante da exclusão social. A internet ganha força, sendo considerada fonte inesgotável de informação, é importante que seja usada a serviço da educação de maneira construtiva. A internet transcende tempo e espaço de forma instantânea e abre as portas para dinamizar a leitura, interagindo com a biblioteca itinerante, auxiliando na pesquisa e diminuindo distâncias.

Pesquisas comprovam que o reflexo da baixa leitura contribui para o não desenvolvimento educacional, estágio crítico de abandono e evasão escolar, isso significa que o projeto BI resgata ideias e se transforma em exemplo de prática pedagógica inovadora.

O Brasil está em última posição entre os países industrializados das Américas, na questão educacional também ocupa os piores lugares, principalmente na questão letramento, tomando como base os jovens de 15 a 32 anos. Portanto, motivo pelo qual é urgente reivindicar dos governantes aplicação de políticas públicas que resolvam a falta de leitura nas instituições escolares.

Refletindo sobre a BI, vale ressaltar que a mesma possibilita a amplitude de conhecimento, habilidade e competência dentro da proposta de formação de leitores, contextos em que conhecimento e habilidade andam juntos.

A evolução tecnológica exige dinâmica nas atividades e inovação na prática pedagógica, como afirma Levy (1993, p. 77) “vivemos uma evidente metamorfose do funcionamento social no processo cognitivo e representações sociais”. Nesta concepção, precisamos acompanhar as evoluções tecnológica e intelectuais que tem provocado grandes transformações na sociedade e que trazem consigo novas perspectiva de conhecer outras realidades e adquirir novos conhecimentos.

A partir da ampliação de elementos educacionais, (BI) que agregados à aprendizagem, transformam o contexto e eliminam as distâncias físicas. A BI promove a construção coletiva de pensamentos, através da leitura, permitindo que o sujeito desenvolva a consciência crítica e busque soluções para sua vida escolar.

Uma sociedade globalizada aponta para a necessidade de mudanças na prática educacional, discute uma ação reflexiva com requisitos que contemplam competência e habilidade a promoção de uma educação voltada para saber fazer na diversidade.

Buscar competência, integração e abstração, torna a educação motivadora, frente à formação dos sujeitos, que desafiados superam obstáculos numa dinâmica atuante participativa, ou seja, construtor do saber que transforma a realidade social.

A Biblioteca Itinerante como centro de pesquisa propicia um espaço de reflexão e ação, aproximando o currículo da prática, representando ação através da leitura, bem como o pensar e o agir dentro de vivências e experiências pessoais no seu cotidiano.

A dinâmica de aprender está geralmente implícita na nossa vida, onde o conhecimento teórico e prático integra-se formando um grande desafio que permite a discussão e a reconstrução de conhecimento a partir de diferentes realidades.

Assim, para Freire (1997)

A educação é permanente, não por que certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de finitude. (FREIRE, 1997, p.20).

Para o autor, a ideia de formação permanente é resultado do conceito de ser “inacabado”. O homem é um ser em permanente transformação. Consciente da sua história mergulha na busca por saberes, já que a mudança não acontece antes da formação, mas faz-se durante, com foco no esforço de inovar. Aprimorar a formação faz do sujeito um aprendiz permanente, que somente terá autonomia intelectual para aqueles que buscarem o conhecimento através da pesquisa e de projetos.

Assim, o trabalho desenvolvido com base na pesquisa, associado à motivação e ao interesse, será eficiente e alcançará bons resultados, derivando na formação de bons leitores. A promoção da leitura associada a cada faixa etária proporciona à escolha livre dos textos e consequentemente a liberdade de ler sem a obrigatoriedade culmina em resultados positivos.

Neste contexto, emerge a necessidade da BI com uma proposta de formação de leitores e de construção de conhecimento democrático que favorece o diálogo. A literatura é um recurso precioso, portanto, a escola deve apropriar-se do mesmo para melhorar a condição social daqueles que necessitam de uma formação qualitativa.

Costa (2005 p. 35) afirma: “a instalação de bibliotecas contínua sendo uma estratégia ímpar na realização do homem enquanto cidadão”. A tentativa de levar livros e informação para as pessoas é sem dúvida resgatar vidas.

O Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL (2003, p. 26) propõe a criação de salas de leitura e bibliotecas circulantes (ônibus, vans, barcos, etc.) que possam

levar leitura para todos, através de livros, revistas, vídeo, CD, internet, com o intuito de preencher a lacuna existente na escola onde falta biblioteca.

Desta forma, a BI é local de interação, onde a aprendizagem, a inclusão social e o desenvolvimento estão presentes. Para Nascimento (2009, p. 65) “é preciso que a leitura se torne acessível para a população”. É necessária sua difusão em todos os segmentos sociais, e que a política educacional seja compreendida como forma de ascensão educacional.

Para o escritor infantil Ziraldo (1980, p. 34) “A leitura deveria ser tão boa como comer um doce” A leitura deve ser uma coisa boa e não algo imposto. Se a leitura não fizer parte do seu presente com certeza não fará parte do seu futuro.

Na contemporaneidade, a globalização adverte para um novo paradigma social, cabendo ao poder público levar informações, no sentido de corrigir as deficiências existentes, biblioteca não é depósito de livros. É preciso, dar condições para que haja interação entre teoria e prática, na perspectiva de uma educação de qualidade.

A expectativa é muito grande em relação às atividades desenvolvidas através da visita da Biblioteca Itinerante a escola. Trabalho contextualizado, socialização e interação fazem parte do cronograma, educadores e estudantes veem na BI um alicerce que edifica a aprendizagem. Modelo educacional altamente comprometida com a leitura, a BI diante da sua mobilidade oferece uma diversidade de material informacional, prático que garante o sucesso do projeto.

Pensar positivamente que a educação está em transformação, sendo que, a leitura é a força motriz que contribui significativamente para ascensão do sujeito na sociedade, considerando também que a educação é a primeira de todos os direitos sociais. A cidadania se concretiza a partir da informação isso é fato.

Numa perspectiva de debate educativo, a educação dará um salto qualitativo quando as políticas públicas estiverem voltadas para o investimento em livros e bibliotecas. Desta forma, o esclarecimento e a autoconsciência levarão a mudanças necessárias no modo de pensar educação.

Se os paradigmas educacionais conservadores focam na reprodução do conhecimento, reprodução e distanciamento da interpretação, a proposta da Biblioteca Itinerante é totalmente oposta; investiga, pesquisa, motiva, apresenta a produção e a leitura contextualiza como elemento de transformação social. A abordagem construcionista não nega experiência, pelo contrário, valoriza, coloca o

homem como centro das mudanças e da construção de conhecimento, agindo, refletindo, inovando.

Esse paradigma conhecido como emergente propõe um universo integrado, uma concepção de equilíbrio entre sujeito e objeto, acreditando que é possível uma interconexão, ou seja, uma compatibilidade na compreensão do todo. A transformação da sociedade não pode ser alcançada simplesmente com a passividade. É indispensável construir uma sociedade que seja responsável pela formação com ética e respeito ao outro.

6.2 Biblioteca: recurso indispensável na prática pedagógica

É necessário reconhecer que a literatura é um bem precioso, recurso indispensável para uma boa formação, por isso, é preciso que a comunidade se empenhe para que a literatura faça parte de maneira efetiva do dia-a-dia dos estudantes. A leitura amplia os conhecimentos, agrega valores e atitudes, promove solidariedade e constrói uma sociedade mais justa.

A implantação de BI requer reflexão sobre inclusão e funciona como espaço alternativo de conhecimento. Neste sentido a biblioteca na sua dinamicidade transforma o ato de ler, em prazer, ultrapassando barreiras e, principalmente, formando leitores mais críticos.

A leitura como instrumento social que valoriza o pensar em todas as esferas, é condição essencial na construção de cidadãos participativos. Assim, a falta de política educacional que valorize a leitura causa danos irreparáveis à sociedade, aumentando a desigualdade social e a exclusão.

A inquietação do estudante diante da realidade constrói significados importantes para o desenvolvimento educacional, a aquisição do hábito da leitura associada à pesquisa constitui um forte sentido ético, social. Exercendo papel fundamental para a pesquisa, a BI ganha significado individual e coletivo, como também tem relevância na prática pedagógica como no relacionamento escola e comunidade.

O sucesso pessoal ou profissional do aprendiz é refletido no conhecimento e interpretado no modo de transformar informação em conhecimento. Isso quer dizer,

que é fundamental a leitura em todas as dimensões. A leitura é uma atribuição contínua, porta aberta para o crescimento social.

A leitura é um dos grandes elementos da civilização humana, pois vai além da decodificação de sinais, a leitura é vida. Por isso, a Biblioteca Itinerante (BI) segue seu trabalho, transformando leitor passivo em leitor ativo, participativo, agente que modifica e forma conceito, a qual deve ser amplamente propagada para que muitos tomem gosto pela leitura para que tal prática torne-se espaço sólido de formação de leitores.

O discurso de leitura prazerosa começa a aparecer nas rodas de conversa dos estudantes e pais da Escola Marco Maciel, após a implantação da BI, sendo fortemente defendida como instrumento que agrega conhecimento, lazer e aproxima escola e comunidade.

Assim, os alunos não resistem à ideia da leitura, trazendo consigo o desejo de aprender, solicitando do professor obras que lhe dessem prazer e motivação para aprender, tendo como base a pesquisa. A partir do momento que a BI se torna parte integrante da comunidade e da vida dos estudantes? Esse questionamento é frequente, a resposta tem sido imediata, a partir do momento que a BI agregou história e cultura, quando o gosto pela leitura ganhou força e se enraizou na instituição escolar.

Do ponto de vista construtivista a BI tem fortalecido a leitura e a literatura como expressão necessária, contudo, prazerosa entrelaçada com experiências e realidades diversas.

Ler por prazer - esse é o discurso, entendimento de uma sociedade que valoriza o saber, e que se alargou consideravelmente com debates, leitura, interpretação e pesquisa. Magnani, (2001, p. 62) afirma: “o aluno não deve ser obrigado a ler, deixe que leia o que quiser e quando quiser para que adquira o hábito e o gosto pela leitura”. À ênfase dada na qualificação de um leitor, independente da fonte que é utilizada. Aquele que senti prazer ao realizar a leitura dentro de um contexto “aprender a aprender.” Ocupando um espaço privilegiado nas escolas a leitura transmite valores e agrega cultura e lazer.

A leitura entendida como um ato natural deve fazer parte do nosso cotidiano. Portanto, é preciso compreender que a leitura é uma elaboração de conceitos/informações que ajuda a entender a aprendizagem. Segundo Lerner (2002):

A leitura na escola é, antes de qualquer coisa, um objeto, para que se transforme num objeto de aprendizagem, é necessário que tenha sentido do

ponto de vista do aluno, o que significa, entre outras coisas, que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conhece e valoriza. (LERNER, 2002, p. 56).

É necessário preservar o sentido da leitura e da escrita no contexto educacional para que os estudantes se apropriem dessas práticas, possibilitando que se incorporem à comunidade leitora e de escritores com o propósito de formar cidadãos.

Segundo Candau (2000):

[...]“a escola está chamada a se reinventar a partir da consideração de todas as diferenças existentes entre os alunos no espaço escolar, priorizando a valorização da cidadania enquanto uma prática social cotidiana. Nesse sentido: A escola assim concebida é um espaço de busca, construção, diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de expressão e linguagem, aventura, organização cidadã, afirmação da dimensão ética e política de todo processo educativo”. (CANDAU, 2000, p. 15).

Vale ressaltar que a leitura faz com que seja ativado no estudante vários processos cognitivos que vão desde a decodificação, até a interpretação do que se lê, constituindo, assim, um elo entre o mundo interior e o mundo exterior do sujeito.

Nessa perspectiva, para Silva (1998):

A leitura é essencial para qualquer área do conhecimento, devendo estar relacionada ao sucesso acadêmico do indivíduo, sendo um dos principais instrumentos para aproximar o ser humano e diminuir o preconceito, facilita a aprendizagem e diminui a massificação executada pelos meios de comunicação. A leitura possibilita diferentes pontos de vistas e alarga as experiências das pessoas que aprendem. Silva (1998. p. 31)

Compreender o real significado da leitura interpretando e criando condições para uma nova leitura de vida e de mundo abre caminho para refletir sobre seu ato de existir, proporcionando uma participação na renovação cultural e científica.

Assim, a prática da leitura promove a aprendizagem e propicia a interação entre leitor e escritor, mediado pelo texto. Quem lê tem compreensão e faz reflexão crítica da realidade a partir do contexto real do leitor. Incentivado desde a infância, o indivíduo cria situações desafiadoras para sua vida acadêmica.

Ao praticar a leitura o sujeito mergulha no universo da produção de sentidos nos diversos segmentos, visto que, é o leitor que dá significado ao texto, adentra no universo da cultura, configurando-se como ser racional e pensante.

Segundo Orlandi (1995):

O sujeito leitor é quem, em sua preexistência, se torna produtor da interpretação do texto, ao mesmo tempo em que, coloca-se como

contemporâneo a ele, produzindo leitura, especificamente de sentido, garantindo sua eficácia, organizando-se com seu conhecimento de um eu-aqui-e-agora, relacionando-se com ele sem perder sua originalidade. Orlandi (1995)

Percebem-se, nos dias atuais que a leitura abre-se para aqueles que têm o desejo de se tornarem pesquisadores, proporcionando ampla discussão, oferecendo condições para uma nova proposta teórica no contexto político e científico.

Para Lajolo (1996, p. 124), “a leitura é a estratégia eficaz no processo de aprendizagem, sendo praticada pelos alunos de diversas formas e métodos”. A leitura permite estabelecer relação sólida com o saber, permitindo afirmar sua postura enquanto cidadão plural e intelectual.

Nesse sentido, Zilberman (1995) afirma:

A leitura se concretiza ao criarmos conceitos de produção para entendimento das narrativas, e somente na interação dos interlocutores com a discursividade, definir-se-ão condições e fatores adequados que efetivarão o processo de ler. Constituir a leitura, a partir de experiências, é reconhecer as diferenças sem discriminá-las, facultando ao leitor, à medida que prática constituir-se, representar-se e identificar-se sujeito ativo e participativo. Zilberman (1995, p.78).

A prática de leitura na escola e na sociedade deve ser abrangente, eficaz e consciente, bem como, o reconhecimento daqueles que em sua existência tornam-se produtores da interpretação do texto, garantindo sua eficácia sem perder a originalidade.

Para Lerner (2002)

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores, que recorrem aos textos buscando respostas para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações. Lerner (2002, p.17).

6.3 Habilidade: construção e reconstrução de saberes

O indivíduo é um ser interativo, pois seus conhecimentos se estabelecem a partir das relações interpessoais e intrapessoais, ou seja, um leitor diante de um mesmo texto realiza diferentes leituras em situações diferentes.

Podemos dizer que o aprendizado através da leitura é uma tarefa permanente, que se constrói ao longo da vida, enriquecendo as habilidades e despertando a

criatividade dos sujeitos. Compreendendo ainda, que a leitura deve ser iniciada desde a infância, assim, a construção de sujeitos leitores estará sendo consolidado, formando não apenas leitores, mas bons leitores.

Segundo Vygotsky (2000):

A estrutura humana é resultante de um processo de desenvolvimento cujas raízes permeiam a vida de cada indivíduo bem como sua inserção/interação/aprendizado no convívio social, ou seja, privilegia, de um lado, a história individual e de outro, a social. (VYGOTSKY, 2000, p. 92)

Do ponto de vista vygotskyano, o ser humano se apropria de conhecimento através da interseção entre história pessoal e social. Assim, a aprendizagem acontece com a apropriação da cultura do indivíduo.

As ideias de Vygotsky contribuíram para explicar o desenvolvimento do homem ao longo do processo histórico-social, determinando que o progresso da capacidade ação/pensar resulta em domínio do conhecimento, garantindo controle próprio na aprendizagem. Nessa abordagem, o sujeito é visto como agente transformador que promove e auxilia constantemente a aprendizagem, sendo concebido como produto do meio, à medida que se utiliza de um instrumento cultural e se envolve socialmente.

Concebido como produto do meio e agente transformador, o ser humano utiliza-se das experiências e da interação para construir ambientes favoráveis para internalizar seu conhecimento no convívio social.

A Biblioteca Itinerante (BI) cumpre seu papel social à medida que internaliza uma nova maneira de levar conhecimento à comunidade rural que não dispõe de acervo bibliográfico. Efetivando-se como facilitadora do conhecimento a BI torna-se imprescindível a partir do momento que possibilita o contato direto com o estudante e com a leitura. É importante buscar também as contribuições de VYGOTSKY (1984, p. 45), que associa o avanço da aprendizagem a uma reflexão que busca evidenciar a construção do conhecimento pela altivez do indivíduo. Para o pesquisador, a aprendizagem pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual dos que a cercam.

Por outro lado, PIAGET (1979, p.83) afirma que o acompanhamento sistemático provou que a criança não adquire conhecimento, diretamente, interiorizando-os a partir do ambiente, mas sim, por um processo contínuo de organização e reorganização de estruturas, de tal modo que cada organização integre a anterior.

Se a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele, assim, o leitor assume o papel de destaque, deixa de ser um mero decodificador para se transformar num leitor que influencia, e é influenciado positivamente, como afirma Martins (1984).

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. [...] O papel do educador na intermediação do objeto lido com o leitor é cada vez mais repensado; se, da postura professoral lendo para e/ou pelo educando, ele passa a ler com, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro. (Martins, 1984, p. 32-33).

A construção da identidade está atrelada à mudança de atitude, tendo em vista que a aprendizagem tem caráter perceptivo, sendo inseparável da interpretação que resulta em força múltipla no campo das ações. “A leitura e a escrita são atividades dialógicas que ocorrem no meio social através do processo histórico da humanização” Freire (1987, p. 11), pois, aprender significa estabelecer vínculo com a prática educativa que continua inacabada.

Ler é entender o texto na sua diversidade, compreendendo sentidos explícitos e implícitos, incluindo a contextualização, deixando que a criatividade esteja sempre presente rompendo com sistema arcaico.

Consolidando sua interatividade, a Biblioteca Itinerante (BI) acrescenta ao cotidiano da escola a prática de leitura, dando prioridade à interpretação e a aprendizagem colaborativa que influenciam na formação do cidadão e da cidadania.

Integrando a interdisciplinaridade, a BI colabora para o fortalecimento de habilidades, oferecendo material ao estudante, objetivando a ampliação de mundo e construção de identidade. Desta forma, trabalha a leitura com diferentes objetivos: formação de valores, prazer em ler, autonomia e competência. De forma geral ressaltando a melhoria na qualidade da educação dos estudantes. É fundamental que se aprenda a buscar informação para com ela aprender a questionar e fazer uso de um espírito crítico, capacidade de reflexão e decisão.

Elencamos três motivos básicos para a valorização da leitura: informação, conhecimento e prazer, associados ao fato de que o texto ao ser lido e analisado por um leitor, é sempre um trampolim para uma compreensão profunda e objetiva do contexto humano. Portanto, qualquer linguagem sempre possui um referencial de realidade, o leitor assíduo é capaz de aprender os referenciais inscritos em qualquer mensagem existentes num texto, o que significa compreender a dinâmica da realidade

do mundo. As bibliotecas possibilitam o acesso à leitura e a pesquisa, sendo de livre circulação. Assim, é indispensável que se pense em educação continuada num contexto que atenda a todos e que os saberes se fortaleçam.

7 . A BIBLIOTECA ITINERANTE: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Os depoimentos afirmam que a Biblioteca Itinerante atende e promove uma maior interação entre os estudantes, tornando-os capacitados para interagir durante o processo de pesquisa, reafirmando a competência na formação dos alunos. Os depoimentos, por outro lado, revelam que os estudantes apresentam satisfação nas atividades realizadas durante a visita da BI. Ao serem questionados, os alunos apontam a diversidade de área de conhecimento que são vivenciadas, como sendo o ponto essencial e prazeroso da visita. O legado que a Biblioteca Itinerante (BI) deixa na escola a cada visita, tem sido fundamental para a continuação do trabalho pedagógico.

7.1 Vejamos o que foi relatado pelos estudantes:

1. Fico muito feliz no dia que a Biblioteca Itinerante (BI) vem nos visitar, lemos bastante, e são contadas lindas histórias, pesquisamos, produzimos textos e fazemos apresentações. As aulas ficam mais animadas e nossos professores nos incentivam a continuar lendo. (Marcos 4º ano)
2. Ler é pura magia, com a leitura viajo sem precisar sair de casa. Recordo-me que na primeira visita da BI na escola ainda não sabia ler, mas lia através das imagens, aquilo me encantava. Começava ali minha paixão pela leitura, mesmo diante da falta de biblioteca fixa na escola estava sempre pedindo a minha professora livros. A ideia do empréstimo de livros, foi maravilhoso, cada visita da BI era fantástico e agora com uma novidade (sacola de livros) exemplares são deixado na escola e cada semana um aluno leva para casa. (Vitor 2º ano)

7.2 Relato dos educadores

1. Na nossa realidade, por um longo período, a leitura foi ignorada, não era considerada como elemento fundamental para a formação individual e tão pouco pensada para apoiar na construção do saber, tanto pelos educadores

como pelos próprios estudantes. Muitos sequer conheciam a biblioteca itinerante. Agora a realidade é outra, temos a BI como aliada: leitura, pesquisa, teatro e música fazem parte do nosso cotidiano escolar. (Prof. Carlos)

2. Apesar de não ter conhecido a leitura na minha infância na escola, as dificuldades eram grande por falta de espaço de leitura na escola, mas me apaixonei pela literatura por meio das histórias contadas pela minha mãe. Quando formada como pedagoga conheci o projeto Biblioteca Itinerante (BI) foi amor à primeira vista, tinha tudo que sempre sonhei. Hoje me realizo com o projeto. São muitas atividades vivenciadas durante e após a visita da BI a escola (Profª. Beatriz).
3. Brincar de escrever essa tem sido minha realização, acompanhando o trabalho da Biblioteca Itinerante (BI) na escola que trabalho, o projeto aguçou a minha curiosidade pelo mundo da literatura, divertido e imaginário, me sinto desafiada a resgatar experiências vividas e transformá-las em textos que são apresentados aos meus alunos, que com criatividade transformam em lindas peças de teatro (Prof. Paulo).
4. A aprendizagem tem sido desenvolvida de forma autônoma o que tem proporcionado o desenvolvimento de habilidades e melhorado o rendimento escolar. A visita da BI a escola chama a atenção pelo envolvimento dos alunos nas atividades, inclusão, fascínio fazem parte, momento ímpar na educação. (Profª. Jaciara),

7.3 Relato dos pais

1. Sou Flávia, mãe de Mariana do 3º ano do Ensino Fundamental I, conheci o projeto Biblioteca Itinerante (BI) achei muito interessante, passei a acompanhar e participar das atividades com a minha filha na escola, sinto que nos aproximamos ainda mais, adoro os momentos de visita da BI, sinto-me outra pessoa quando estou participando do momento de leitura com a turma da minha filha.

2. Minha experiência com leitura é muito pequena, sou quase analfabeta, quando pequena não tive oportunidade de estudar, comecei a trabalhar muito cedo, mas no Projeto Biblioteca Itinerante (BI) sinto-me acolhida, e participo dos momentos mágicos que são as apresentações dos alunos, meu filho Carlos tem se interessado muito, estou muito orgulhosa dele. (Paula)
3. Conheci a Biblioteca Itinerante através do meu filho (José), fiquei encantada com o carro e com as atividades: leitura, música, teatro. Foi maravilhoso ver a empolgação do meu filho e dos colegas. Como também teve a oportunidade de fazer pela primeira vez leitura com ele. (Marta mãe do José do 2º ano do Ensino Fundamental)
4. Durante a visita da Biblioteca Itinerante conhecemos como funciona, foi incrível e entendemos um pouco de leitura, entretenimento e até participamos do teatro que demonstrava como somos intransigentes, quando colocando uma carga que nos mesmos não somos capazes de carregar. (Pedro pai de Fábio 3º ano do Ensino Fundamental)

7.4 Construção Coletiva: educador e educando

1. O trabalho realizado pela biblioteca Itinerante (BI) nas escolas, traz grande contribuição para a prática pedagógica, pois, mostra o envolvimento de todos e desenvolve o gosto pela leitura, o que tem facilitado a aprendizagem. A contação de história dramatizada transforma a aula em um momento prazeroso e construtivo. (Carla)
2. Considero o trabalho realizado na Biblioteca Itinerante (BI) inovador, pois ultrapassa fronteiras de maneira lúdica e diferenciada, incentiva a leitura causando curiosidade e interação através das narrativas. Atrai a atenção dos alunos no momento da contação de história, a BI encanta independentemente da idade, sexo e classe social. (Naiara)
3. Diante das dificuldades de formar leitores, a Biblioteca Itinerante (BI) tem feito a diferença, inovador e construtivo promove leitura e lazer no ato da visita,

contagia de maneira interessante e divertido, autores e personagens se completam numa dinâmica que tem dado resultado. (Mara)

4. O formato seguido pela Biblioteca Itinerante (BI) chama a atenção, toda alegoria que acompanha: acervo, contadora de história, personagens, deixa a comunidade escolar entusiasmada. (Josefa)
5. Dentre os projetos de leitura que vivenciei ao longo da minha carreira de educadora, considero esse o mais inovador, por envolver a realidade. Ênfase as produções que os estudantes realizam no ato da visita, como também a continuidade posterior das atividades. (Marta)
6. A chegada da Biblioteca Itinerante (BI) a Escola Marco Maciel é um acontecimento especial, educadores, estudantes, coordenação pedagógica, equipe técnica e pais fazem questão de interagir, uma construção coletiva. O projeto traz a leitura contextualizada, lúdica e dinâmica, experiência ímpar: superação, descoberta e conquista. (Vanessa)

7.5 Adaptação da música coqueiro da Bahia (Vavá Machado e Marculino) professor Liberalino e a turma do 3º ano do Ens. Fund. I.

Temos a felicidade
De cantar neste momento
Para cá veio o evento
Que a criançada adora
Trabalhemos nesta hora
Verso prosa e poesia

Coqueiro da Bahia
Quero ver você agora

Invocando grades mestres
Que inspiração nos traga
Catulo, Luiz Gonzaga...
Patativa a verve aflora
Com sertão, cavalo, espora...

Coqueiro da Bahia
Quero ver você agora

A Biblioteca Itinerante veio
Pra nos tirar do escuro,
A leitura traz futuro
Para quem estuda agora.
Senhor e senhora
E a vovó também dizia

Coqueiro da Bahia

Quero ver você agora

A Biblioteca Itinerante
Nos trouxe contentamento
Para quem Deus deu talento
Aprende, mas não decora
O que o professor explora
Eu aprendo com alegria

Coqueiro da Bahia

Quero ver você agora

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da pesquisa comprova que o trabalho que é desenvolvido pela Biblioteca Itinerante (BI) na Escola Marco Maciel é inovador e construcionista, por interferir diretamente na aprendizagem dos alunos, alcançando níveis educacionais positivos, demonstrando que a aplicação de atividades problema faz toda diferença para aprendizagem. Os desafios propostos comprovam que os níveis cognitivos alcançado pelos alunos no processo de aprendizagem são construtivos, portanto, inovadores.

A Biblioteca Itinerante (BI) funciona como instrumento democrático, trazendo inúmeras informações, desafios e conhecimento, tem como função primordial acompanhar a evolução da sociedade. Já que vivemos na sociedade da informação a BI transforma o conhecimento em aprendizagem.

Espaço que prioriza a informação, a BI tem função social eminente, representando uma luz para a conscientização. O que demonstra ser essencial que o poder público amplie o serviço da BI para que mais pessoas possam desfrutar do mundo encantado da leitura.

É direito de todos o acesso ao conhecimento, sem diferenciação de classes. Somente o conhecimento é capaz de minimizar as diferenças culturais, econômicas e educacionais, atenuando a nossa tão gritante desigualdade social. Reitera-se aqui, a necessidade de ampliar mais iniciativas como esta, a Biblioteca Itinerante usada como uma extensão que possa levar informação a locais distantes.

A pesquisa de campo comprovou que a BI atende às necessidades informacionais de quem procura e atinge comunidades carentes com sua atuação transformadora.

Portanto, a biblioteca itinerante deve está integrada com a comunidade de forma participativa, agregando conceitos, valores, prestando serviço e valorizando saberes, contribuindo com a melhoria da educação e possibilitando práticas educacionais inovadoras.

A metodologia utilizada na BI é considerada capaz de abordar a teoria construtivista por responder adequadamente aos desafios de um novo conceito de educação que permite mudanças na formação do estudante, dando resposta significativa na construção de uma identidade, com vista à globalização e ao respeito. De fato, a BI é um Instrumento que promove ações pedagógicas, valorizando experiências e produzindo resultados exitosos.

Indissociável da aprendizagem a BI frente a sua autonomia é considerada elemento fundamental de uma prática pedagógica essencialmente construtiva, pautada no conhecimento e com foco na aprendizagem, interpretando as demanda da sociedade, mobilidade estas que contempla a globalização.

No decorrer do século XX, a BI tem se tornado um elemento fundamental para suprir a carência de bibliotecas nas escolas. Muitas são as transformações ocorridas na sociedade. Neste contexto, o desenvolvimento educacional tem exigido um novo olhar para as formações educacionais, a busca por uma educação que faça sentido tem sido um grande desafio para os educandos, como também, para educadores. Nesse sentido, intenciona-se, criar estratégias, valorizar o potencial humano e superar as desigualdades, tarefa que exige dedicação, esforço e muita pesquisa.

A aquisição de conhecimento representa um avanço importante que conduz a compreensão e solução de situações problema. Dentro do construtivismo o entendimento acontece mediante reflexão e pressupõe competências importantes, ou seja, acender a informação para depois transformá-la em competência.

Compreendendo que a finalidade da BI é apoiar o estudante, função esta que se estende por toda vida. Instrumento importante para levar informação, facultando a oportunidade de acessar seu próprio recurso através da interação com outras bibliotecas e com as redes sociais.

Acompanhando o desenvolvimento da sociedade a BI revela-se como alternativa de servir às pessoas e alargar as fronteiras, proporcionando o acesso a materiais de diversos temas, construindo caminhos que facilitem a construção de uma aprendizagem voltada para a diversidade.

Neste sentido a BI se destaca por ser um local de erudição, suporte que privilegia o âmbito educacional, refúgio para aqueles que querem mergulhar no mundo da imaginação. Pode ainda se apresentar como instituição de riqueza inesgotável de saber, assegurando ao mesmo tempo um ambiente lúdico que motiva o gosto pela leitura.

Além disso, a Biblioteca Itinerante (BI) dinamiza as atividades e proporciona aprendizagem em todos os níveis e modalidades, formando leitores numa construção de cidadania, valorizando a educação e quebrando paradigma. Sendo um ato de emancipação, a BI resgata a autoestima e a integração social, levando a reflexão e a conscientização de que todos são capazes de construir seu futuro.

Salientando que a aproximação dos estudantes com a leitura tem facilitado a aprendizagem, como também tem se refletido nos resultados da escola, melhoria na qualidade da educação, mais aprovação e menos evasão.

Através dos depoimentos dos estudantes, educadores e pais percebemos que no dia da visita da BI aumenta a participação e a interação. Muitos são os pais que têm se envolvido nas atividades, colaborando com a formação dos filhos. Percebemos também, que o fato da BI ser móvel atrai ainda mais os estudantes, o deslocamento faz dela uma novidade e portanto, torna-se motivadora por ser diferente.

O ato de ler pressupõe o desenvolvimento de conhecimento da palavra, enquanto signo e visão crítica de mundo. Sendo necessário que o cidadão lute pelo respeito e pela livre produção e criação numa manifestação de pensamento. Nesse

sentido, o direito à informação é condição para o exercício pleno da cidadania. Assim, recai sobre a biblioteca o dever de democratizar o acesso à informação.

A pesquisa mostrou também evidências de que a BI representa um avanço para a Literatura nas escolas, sendo aceita pela população, que conscientiza-se cada vez mais sobre a sua importância, abraçando as ações que são desenvolvidas e se fazendo presente, acompanhando as estratégias implementadas e tornando as iniciativas que antes eram esporádicas em atividades cotidianas.

Lendo os depoimentos me identifiquei como pesquisadora e ser humano, refletindo sobre minha adolescência, enquanto estudante começando a trabalhar muito cedo passava a maior parte do tempo nos coletivos e o livro era minha companhia. Lia tudo que encontrava, fui me identificando com a leitura, o que facilitou muito na escola e depois na universidade, acabei optando pela área humana, tornando-me historiadora.

Vejo a leitura como porta de entrada, oportunidade de expressar o que sinto, hoje procuro contagiar meus alunos com o gosto pela leitura, quando demonstramos gosto pelo que fazemos transferimos para aqueles que nos rodeiam. Não vivemos tempo suficiente para conhecer todas as maravilhas que Deus criou, mas podemos ler sobre elas e compreender sua magnitude. Acredito que a maior contribuição neste projeto é o legado que a leitura com prazer deixa estreitando laços e promovendo encantamento.

Concluo esta dissertação apontando que o aprofundamento da pesquisa foi suficiente para conhecer o trabalho desenvolvido pela Biblioteca Itinerante (BI), e comprovar como pesquisadora que de fato, as atividades desenvolvidas são inovadoras. Portanto, existe sim, inovação pedagógica.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATAÍDE, Augusto. (1914). A organização da primeira biblioteca móvel portuguesa. Anais das bibliotecas e arquivos de Portugal, 1 (1), 89-94.

ASSIS, Márcio, Luciana Resende Pereira de. O profissional da educação diante da realidade brasileira. Pro Homine, ano 5, p. 113-118, jan./dez. 2006.

BACHA, Magdala Leitura na Primeira Série. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1975.

BAMBERGER, Richerd. Como incentivar o hábito da leitura. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1997.

BERNARDINO, Maria; SUAIDEN, E. J. Imagem da biblioteca pública na Sociedade da Informação. INCID: R. Ci. Inf. e Doc, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 130- 142 jan./jun. 2011.

BORBA, Maria do Socorro de Azevedo. Adolescência e leitura: a contribuição da escola e da biblioteca escolar. Natal: EDUFRN, 1999.

BRASIL. Lei de Diretrizes Brasileira, 1996. 28 BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/ Secretária da Educação Fundamental- Brasília: MEC/ SEF.

BRASIL. Lei n. 12.244 de 27 de maio de 2010. Lei da biblioteca escolar. Brasília, DF. Maio 2010.

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. Tradução de Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CANDAU, Vera Maria (org.). Reinventar a escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CASALETTI, Daniel. Pesquisa mostra que brasileiro gasta pouco com leitura. Revista Época. 10 set. 2009. Disponível em: Acesso em: 10 out. 2010.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos: XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Ed. UnB, 1994.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. Biblioteca escolar. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2011.

COLODEL COSTA, Janice do Rocio I. Leitura e interpretação: Brasília, DF: Lenner, 2014.

COSTA, Maria. A Informação e o exercício da cidadania. 2005. Disponível em: <http://www.dci.ufc.br/fatimacosta/f_costa_publ.html>. Acesso em: 12 maio 2010.

DUMONT, Lourdes. A ação do carro biblioteca ou, o desafio de incentivar o gosto pela leitura em comunidades de baixa renda. Revista da Escola de Biblioteconomia, v. 19, n. 1, p. 24-38, mar. 1990.

DUMONT, Lourdes. A extensão através do carro-biblioteca. Revista da Escola de Biblioteconomia, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p.182-191, jul./dez. 1995.

FEITOSA, Luís. O poço da draga: a favela e a biblioteca. Fortaleza: Annablume, 1998.

FINO, Carlos. Novas tecnologias, cognição e cultura: um estudo no primeiro ciclo do ensino básico. 2000. 449 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa. 2000.

FOUCAMBERT, Jean. A leitura em questão. Porto Alegre: Artmed, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981.

FREIRE, Paulo. Política e educação: ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. 1921 – F934. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23ª. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. À sombra de uma Mangueira. Ed. Olho D' Água. São Paulo 2005.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas Atuais da Educação. São Paulo em Perspectiva: Educação – Cultura e Sociedade. Revista da Fundação SEADE.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, 2011. Brasília: MEC.

ITINERANTE. Moderno Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa. Brasília 2010.

KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia. Piracicaba, Unimep, 1996.

KLEIMAN, Ana. Leitura: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 1989.

KLEIMAN, Ana. Oficina de leitura: teoria e prática. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. 5. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LARA, Thiago. A escola que não tive... O professor que não fui... São Paulo: Ed, Cortez 1996.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e o processo de constituição do leitor. Leitura: Teoria & Prática, Campinas. SP. 2011.

LERNER, Delia. Ler e Escrever na Escola: O Real, o Possível e o Necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LINGUISTICA E FILOLOGIA, 12. 2009, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2009. p. 65-70.

LUCYK, Pedro. Projeto Marista de Leitura diária. 2003.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Leitura, Literatura e Escola — sobre a formação do gosto. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. Leitura na Escola. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Literatura e Biblioteca em Jorge Luis Borges e Ítalo Calvino. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: MG, 2012.

NASCIMENTO, Marília. Bibliotecas itinerantes: literatura como ferramenta para o desenvolvimento de leitores. Leitura e Oralidade. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 12., 2009, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2009. p. 65-70.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

PAPERT, Seymour. LOGO: Computadores e Educação. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PAPERT, Seymour. A Máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RAMOS, Maria do Céu Barros Rodrigues. “Leitura sobre rodas”: projecto para implementação de um serviço de biblioteca itinerante. Porto 2011.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. Leitura na escola. Porto alegre: editora Mediação, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro. A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SILVA, Ezequiel Teodoro. Elementos da pedagogia da leitura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Leitura na escola e na biblioteca. 7. ed. Campinas: Papirus, 2001.

SILVA, Waldeck Carneiro. Miséria da biblioteca escolar. São Paulo: Cortez, 1994.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. Leitura do professor, leitura do aluno: processos de formação continuada. UNESP – 1997.

TOFFLER, Alvin. O choque do futuro. 2.ed. Rio de janeiro: Record, 1970.

VIGOTSKY, Lev. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes 2000.

VYGOTSKY, Lev. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. SP: Ícone, 1988.

VYGOTSKY, Lev. Pensamento e linguagem. SP: Martins Fontes. 1998.

VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.